

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

WILNER CHARLES

**O VODU NO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO NA SOCIEDADE
HAITIANA**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

WILNER CHARLES

**O VODU NO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DO
EVANGELHO NA SOCIEDADE HAITIANA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de concentração em Teologia Sistemática.

Linha de Pesquisa: Teologia, experiência religiosa e pastoral.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre, 2018

WILNER CHARLES

**O VODU NO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DO
EVANGELHO NA SOCIEDADE HAITIANA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em teologia, na Área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Aprovada em 06 de dezembro de 2018, pela Comissão Examinadora

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr Luiz Carlos Susin (orientador)

Prof. Dr. Bruno Odelio Birck

Prof. Dr. Vanildo Zugno

RESUMO

Este trabalho apresenta a temática do Vodou no processo de Inculturação do Evangelho na Sociedade Haitiana, contextualizando e aprofundando o papel do mesmo no processo de Inculturação do Evangelho no referido país. Vale-se de três momentos: abordagem histórica, sócia cultural e antropológica do Vodou haitiano. Esta abordagem nos permite aproximar da realidade concreta do povo haitiano; o encontro de Deus na cultura haitiana para a Inculturação do Evangelho. Trata-se dum diálogo da teologia cristã com a realidade haitiana em diversos aspectos; e, por fim, algumas pistas para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano.

Palavras-chaves: Vodou. Cultura. Inculturação. Haiti. Evangelização. Cristianismo. Religião.

RESUMÉ

Ce travail présente le thème du Vaudou dans le processus d'Inculturation de l'Évangile dans la société haïtienne, en contextualisant et en approfondissant le rôle de celui-ci dans le processus d'Inculturation de l'Évangile en Haïti. Il s'agit de trois moments: d'abord une approche, historique socioculturelle et anthropologique du Vaudou haïtien. Cette approche nous permet d'aborder la réalité concrète du peuple haïtien; ensuite l'horizon de la rencontre de Dieu dans la culture haïtienne pour l'inculturation de l'Évangile. C'est un dialogue de théologie chrétienne avec la réalité haïtienne sous plusieurs aspects; et enfin des indices pour l'Inculturation de l'Évangile dans le contexte du Vaudou haïtien.

Mots-Clés: Vaudou. Culture. Inculturation. Haïti. Évangélisation. Christianisme. Religion.

ÍNDICE DAS ABREVIATURAS

- AG: Decreto "*Ad Gentes*" sobre a atividade missionária da Igreja.
- AM: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus* Do Santo Padre Bento XVI Ao Episcopado, Ao Clero, Às Pessoas Consagradas E Aos Fiéis Leigos Sobre A Igreja Na África Ao Serviço Da Reconciliação Da Justiça E Da Paz.
- DA: Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.
- DH: Declaração "*Dignitatis Humanae*" sobre a liberdade religiosa.
- EG: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: A alegria do Evangelho.
- EN: Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*.
- GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.
- NA: Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs.
- PB: *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*: Conclusões da Conferência de Puebla.
- RM: Carta encíclica *Redemptoris Missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário.
- SD: Santo Domingo: nova evangelização, cultura cristã e inculturação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 ABORDAGEM HISTÓRICO SÓCIO CULTURAL ANTROPOLÓGICO DO VODU HAITIANO.....	14
1.1 Abordagem histórica do Vodou haitiano.....	15
1.1.1 Alguns traços históricos do Haiti.....	15
1.1.2 O significado do culto Vodou.....	19
1.1.3 Nascimento e evolução do Vodou haitiano	23
1.2 Abordagem sociológica do Vodou.....	26
1.2.1 Questão linguística e familiar	27
1.2.2 Questão do trabalho comunitário como dimensão social e econômica do Vodou ..	28
1.2.3 Transparência do Vodou na estrutura social do ambiente dos camponeses	29
1.2.4 Algumas funções do Vodou na esfera social.....	31
1.3 Abordagem cultural do Vodou.....	33
1.3.1 Gênese da cultura haitiana.....	34
1.3.2 O Vodou como <i>folklore</i> do povo haitiano	36
1.3.3 O Vodou como cultura de base e modo de ser haitiano	37
1.4 Abordagem antropológica do Vodou.....	39
1.4.1 A compreensão dos sacramentos no Vodou	40
1.4.2 Casamento místico no Vodou Haitiano	41
1.4.3 Vida além da sepultura e sentido da morte.....	43
1.5 O Vodou e o Cristianismo no curso da história haitiana.....	45
1.5.1 Situação do Cristianismo representado pela Igreja Católica a partir de 1804	45
1.5.2 Abordagem crítica da Igreja Católica face ao Vodou a partir de 1860-1960.....	47
1.5.3 Abordagem crítica das outras denominações cristãs face ao Vodou.....	49
1.5.4 Abordagem crítica do Vodou face ao Cristianismo (Catolicismo e Protestantismo).....	51
2 O HORIZONTE DO ENCONTRO DE DEUS PARA A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO.....	52
2.1 O sincretismo como recepção do Cristianismo.....	53

2.1.1 Sincretismo como herança de todas as religiões	53
2.1.2 Descrição do sincretismo Vodou-Cristianismo	57
2.1.3 Breve crítica do sincretismo à luz da teologia	61
2.2 Movimento da história da Revelação de Deus na Bíblia.....	63
2.2.1 Esboço veterotestamentário	64
2.2.2 Esboço do Novo Testamento	68
2.3 Assentamentos básicos para a Inculturação do Evangelho.....	73
2.4 Compreensão do universo dos espíritos ou divindades nas culturas.....	75
2.4.1 Divindades nas diferentes culturas como fruto da imaginação do ser humano.....	75
2.4.2 Visão Bíblica em relação a Deus	78
2.4.3 Questão de Anjos, Demônios e <i>Lwa</i> ou <i>Loa</i>	80
2.5 A compreensão do termo Inculturação na perspectiva da Evangelização.....	88
3 PISTAS PARA A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO NO CONTEXTO DO VODU HAITIANO.....	96
3.1 Pistas no magistério eclesial.....	98
3.2 Pistas Eclesiológicas.....	100
3.3 Pistas Cristológicas.....	104
3.4 Pistas antropológico-teológicas	108
3.5 Propostas e caminhos para Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano.....	112
3.6 A missão como sinal da Boa Nova.....	119
CONCLUSÃO.....	125
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	132

INTRODUÇÃO

A identidade cristã do povo haitiano é incompreensível sem a inclusão do Vodou no processo de Inculturação do Evangelho. Esta leitura é despercebida. Por isso o anúncio do Evangelho se dá sempre numa confrontação entre o Vodou e o cristianismo. Sentimos que a prática cristã não revela o Evangelho como sinal da Boa Nova. Pelo contrário revela o Vodou como único obstáculo para o anúncio do Evangelho. Entretanto, para o ser haitiano, o Vodou é um sinal que o leva ao encontro do projeto da salvação do Nazareno. Nesse contexto é necessário a inculturação do Evangelho no Haiti. Trata-se de um convite ao Cristianismo de compreender a lógica intrínseca do Vodou e sua significação tanto para os seus adeptos como para o povo haitiano em geral, sem nenhuma crítica. O evangelho é uma presença vivificadora no meio de um povo engajado na luta por uma sociedade transformadora.

De fato, o que significa o Vodou no Haiti? Em primeiro lugar é necessário ressaltar que o Haiti pré-colombiano era uma ilha povoada de Índios, Tainos, da grande área Arauaque, repartido em cinco *cacicas*. Em segundo lugar, foi descoberto por Cristóvão Colombo em 1492, e a população se formou como *des métis* (mestiços), espanhóis e índios, como três culturas diferentes. Mais tarde outros europeus se encontraram com os espanhóis. E desde 1501, além dos europeus e dos índios, chegaram também os africanos (escravizados). Estes formam uma nova identidade cultural que hoje chamamos de Vodou.

Portanto, na sociedade haitiana, com a histórica e atual predominância africana, o Vodou significa a totalidade do sentido da existência do ser haitiano. É a substância da cultura haitiana. É uma filosofia no qual o ser haitiano concebe o universo. É termo fundamental para descrever a realidade haitiana como tal. Mas, do ponto de vista religioso, é um conjunto de crenças e de ritos de origem africana, que se mistura com as práticas católicas e se constitui como religião da grande maioria da população haitiana. Ou, de forma mais abrangente, pode-se dizer, o Vodou é um misto de crenças cristãs e ritos africanos, onde o elemento sobrenatural é preponderante. Teve sua origem na África e foi trazido pelos escravos que vieram para a América na época da colonização.

De ponto de vista cultural e sócio-político é o modo de ser haitiano no mundo. É o folclore do povo haitiano. É o cimento, a base e o substrato da cultura haitiana. É o ponto de partida que permite a compreensão do ser haitiano. É a linguagem original das massas. É a

linguagem das frustrações sócio históricas dos oprimidos, uma linguagem de resistência e um lugar de invulnerabilidade aos exploradores e opressores. Na classe dos camponeses haitianos, o Vodou ocupa o mesmo lugar do catolicismo popular da Idade Média: dá a seus fieis o conforto espiritual e a proteção contra as doenças. O Vodou é o ponto no qual se misturam as contribuições da África negra, do cristianismo, da medicina, do teatro, bem como das músicas, danças e artes. Enfim, é uma questão interdisciplinar.

No Haiti notamos que a história do cristianismo de modo especial o catolicismo com Vodou é inseparável. Ambos evoluem sempre numa confrontação. Revela dupla tendência: uma vez é o conflito, outra vez é a paz numa única pessoa ou no mesmo povo. Existe sempre resistência por um dialogo mutuo. Sem dúvida o Vodou tem um papel preponderante na realização do ser haitiano em sua busca do sentido a vida.

Como haitianos, fomos criados num ambiente de cultura Vodou, por isso temos interesse de averiguar e conhecer melhor o sentido dessa realidade. Desde a nossa infância fomos observando como os moradores da nossa região acolheram muito bem os ensinamentos cristãos, de modo especial, os ensinamentos da Igreja Católica, mas buscaram sempre relacionar o Vodou e a Igreja Católica como sendo dois filhos do mesmo pai.

Pelo que observamos, aquilo que a Igreja Católica oferece como ensinamento tem a sua própria finalidade e o seu próprio sentido na construção do ser haitiano como pessoa. Mas este ensinamento parece insuficiente, de forma que falta algo. Esse algo só pode ser encontrado na religião do Vodou. Desta maneira, percebemos que o ser haitiano, antes de ser membro e praticante de qualquer outra religião, ele é *vodouisant*, ou seja, integrante da religião do Vodou. Esse termo possui duplo sentido, porque tem *Vodouisant* anônimo, quer dizer, pessoas que buscam essa religião somente por necessidades ou somente quando precisam; e tem *vodouisant* ativo, as pessoas que fazem dessa religião a sua própria profissão. Dentro da sociedade haitiana todo concidadão tem uma relação estreita com o Vodou.

A temática e a problemática deste trabalho surgem da ordem de que “a fé só é adequadamente professada, entendida e vivida, quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo”¹. Neste contexto, a cultura tem um papel preponderante e inegável em todo processo de Evangelização que, como continuação do projeto da salvação de Jesus Cristo, é luz e sal em todas as culturas, independentemente de suas origens. Mas essa proposta que transparece no Documento Aparecida e de tantas outras obras da Igreja nos leva a pensar a situação da Evangelização no Haiti. Na América Latina temos uma pluralidade de culturas

¹ DA, 477.

que desafiam para se ter uma Evangelização inculturada: “a Inculturação é modo de ser Igreja com confiança na cultura e no Espírito de Deus”². Às vezes, ao invés de caminhar no processo de Inculturação do Evangelho, caímos na armadilha de fazer o mais fácil, o processo de desculturação. No Haiti, tanto no passado como hoje, percebe-se um desentendimento entre o processo da Evangelização e sua Inculturação. O povo haitiano é um povo que se identifica com a sua cultura chamada Vodou. O cristianismo lê isso apenas sobre o prisma de uma religião, concluindo que quem permanece ligado ao Vodou faz descaso de seus valores. Entretanto, o Vodou é uma cultura, é a identidade que caracteriza toda a existência do haitiano. É substrato da cultura haitiana. É por causa de tudo isso e em vista de ajudar o cristianismo a resgatar seu valor evangélico no seio das culturas que nos propomos trabalhar o seguinte tema: “o Vodou no processo de Inculturação do Evangelho na Sociedade haitiana”.

A respeito desta temática propomos de pensar a Inculturação do Evangelho própria para o Haiti. Assim descobriremos que, conservar a identidade cultural do povo haitiano e promover uma cultura cristã ao mesmo tempo é algo essencial. Pois a experiência da fé cristã no Haiti é o resultado do encontro de várias culturas, mas entre estas sobrevivem: o Vodou e Cristianismo europeu. A cultura de um povo é a essência de sua existência. O valor cristão nas culturas existiu antes mesmo da presença do missionário, mas nem todos compreendem isso. A curiosidade que temos de resolver nesse trabalho é mostrar que é possível um cristianismo no modo haitiano de existir. Também terá a possibilidade de entender a cultura haitiana marcada e estruturada pela religião e cultura do Vodou não é um obstáculo para a Inculturação do Evangelho nessa mesma realidade.

De modo sintético, nascem, então, as seguintes interrogações: Como o cristianismo pode ser boa nova na sociedade Haitiana, estruturada e marcada pela cultura e religião do Vodou? Como seria possível um processo de Evangelização Inculturada no Haiti? Quais são os elementos comuns entre o Cristianismo e o Vodou? Quais são os caminhos que devem ser considerados como ponto de partida para a Inculturação do Evangelho na sociedade Haitiana?

O cristianismo pode ser boa nova na sociedade haitiana na medida em que busca compreender e valorizar os sinais de Deus presentes nessa sociedade. Evangelizar dentro de uma sociedade é estar pronto para conhecer a concepção que população tem de Deus. A Evangelização pressupõe um conhecimento sócio analítico que permite o conhecimento da realidade. Só assim faz-se possível uma Evangelização capaz de transformar alguns elementos que não dizem respeito ao Evangelho e à própria tradição cristã. De modo similar, a *Evangelii*

² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 188.

Gaudium expressa que “um olhar de fé sobre a realidade não pode deixar de reconhecer o que semeia o Espírito Santo”³.

Seria uma desconfiança na manifestação livre e generosa do Espírito se pensássemos que não existem autênticos valores cristãos onde uma grande parte da população recebeu o Batismo e exprime de variadas maneiras a sua fé e solidariedade fraterna, já que, “uma cultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento duma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido”⁴. Também devemos ter claro que o Evangelho e a Evangelização são independentes da cultura, mas o reino que o Evangelho anuncia é vivido por pessoas ligadas a uma determinada cultura⁵.

Para que o evangelho seja eficaz, o evangelizador deve se colocar no mesmo nível da pessoa a ser evangelizada. Evangelizar é ensinar e aprender, pois não existe uma sociedade neutra a respeito de Deus. Existem maneiras diferentes de conceber Deus em todas as culturas, por isso é necessário um método que distinga os elementos culturais favoráveis dos prejudiciais a uma boa Evangelização.

Supomos que a Inculturação é um dos pontos essenciais para a encarnação do Evangelho na sociedade haitiana. Foi dessa maneira que nasceu o cristianismo, no encontro entre a cultura judaica e a cultura helenista. E, por isso, mergulhando na sua própria história, o cristianismo é capaz de encontrar-se com outras culturas.

Pensamos que um caminho de Evangelização será possível no Haiti na medida em que colocarmos em prática o que diz o papa Francisco: devemos “acompanhar, cuidar e fortalecer a riqueza que já existe e, nos países de outras tradições religiosas ou profundamente secularizados, há que procurar novos processos de Evangelização da cultura, ainda que suponham projetos ao longo prazo”⁶.

Trabalhamos essa temática porque o processo de Inculturação é uma oportunidade dos cultos de origens pagãs se cristianizarem e do cristianismo assumir algumas características genuínas e positivas das mais diversas culturas. Não podemos ignorar que este esforço será marcado pelo papel da simbiose e do sincretismo. Estes não são a permanência do culto pagão, mas uma maneira de aceitação do cristianismo, da sua mensagem, sem negar o patrimônio cultural que é a identidade própria de cada nação. Então, dentro da sociedade haitiana, a dinâmica de uma Evangelização inculturada é de extrema importância para

³ EG, 68.

⁴ EG, 68.

⁵ EN, 20.

⁶ EG, 69.

encarnação do Evangelho: “há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho”⁷. Pois, “a cultura é chão de um povo. É onde ele pisa, transforma e vai construindo o melhor ambiente para o seu conhecimento e sobrevivência”⁸.

Outra razão que nos estimula a pesquisar esta temática é que, no percurso da teologia, fomos observando que toda teologia como reflexão sobre Deus nasce à base de várias experiências culturais, mas estas experiências se direcionam mais para as culturas europeias e rejeitam as culturas de matrizes africanas. Portanto, pela nossa experiência, sentimos que a espiritualidade africana nos parece muito mais rica do que qualquer outra espiritualidade.

Assim, iremos contextualizar e aprofundar o Vodou na sociedade haitiana, considerando suas contribuições no processo de Inculturação do Evangelho. Para atingir essa meta o trabalho será apresentado em três momentos. No primeiro momento, nos empenharemos numa abordagem histórico sócio cultural e antropológico do Vodou haitiano. Esta abordagem nos permitirá aproximar-nos da realidade concreta do povo haitiano. No segundo momento, meditaremos sob o horizonte do encontro de Deus para a Inculturação do Evangelho. Tratar-se-á de um diálogo da teologia cristã com a realidade haitiana em diversos aspectos. E, por fim, no terceiro momento, apresentaremos algumas pistas para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano.

Vários autores, com diversas facetas, já trabalharam a temática do Vodou no Haiti. Entre estes, consideramos:

Hurbon Laennec, em sua obra “o Deus da resistência negra: o Vodou haitiano”, apresentou a concepção de Deus dos praticantes do Vodou. Este autor defende o Vodou como cultura e articulação do sentido para o ser Haitiano. Essa obra nos servirá como fio condutor do segundo capítulo desta pesquisa.

Alfred Métraud, antropólogo francês de origem Suíça que tem estudado o Vodou Haitiano. A sua obra é uma obra sistemática em relação ao Vodou. À luz de sua pesquisa compreenderemos a mentalidade do ser haitiano, como também, sua relação com o Vodou.

François Kawas, padre Jesuíta, haitiano, que realizou várias pesquisas sobre o Vodou. Nos serviremos de sua obra “*Vaudou et catholicisme en Haïti à l’aube du XXI^{èm} Siècle: Des repères pour une diálogue*”. O autor defendeu nesta obra que a Igreja Católica deve aprofundar sua reflexão teológica sob o Vodou, deve abordar uma nova interpretação das suas antigas práticas e inventar uma nova prática mais adaptada à realidade atual.

⁷ EG, 68.

⁸ APARECIDA DA SILVA, Antonio. Comunidade de negra: 500 anos de resistência. Org: ZWETSCH, Roberto. 500 anos de invasão, 500 anos de resistência, 1992, p.190.

Gasner Joint, trabalhou a temática do Vodou “*La liberation du Vaudou dans la dynamique d’Inculturation en Haiti*” em sua tese de doutorado. Este trabalho apresenta uma descrição das avaliações sucessivas do Vodou do ponto de vista católico. Desenvolve uma abordagem original do Vodou no contexto pluricultural do Haiti.

Jean Price Mars escreveu “*Ainsi parla l’Oncle*”. Esta obra defende a questão do preconceito de diversas classes da sociedade haitiana sobre o Vodou. Por inspiração desta obra, Price Mars recebeu o título “*père de l’indigenisme haïtien*”.

Considerando diversas pesquisas realizadas em diferentes áreas da ciência humana sob esta temática, declaramos que nossa metodologia será de ordem bibliográfica: de um lado sintético e de outro lado analítico. Tendo esse método como ponto de partida, serviremos também de nossa própria experiência em relação com o Vodou e seus praticantes. As matérias desta pesquisa são de grande parte em língua francesa e crioula. Assim, as citações diretas serão traduzidas para o português e o original delas será colocado em notas de rodapé.

1 ABORDAGEM HISTÓRICO SÓCIO CULTURAL ANTROPOLÓGICO DO VODU HAITIANO

O Vodou é ponto de partida para toda ação pastoral na sociedade haitiana, uma vez que o princípio de toda Evangelização se baseia no conhecimento da realidade local. O Evangelho é a iluminação e a orientação da cultura local, apesar de suas fragilidades e, mesmo, de sua indiferença. A realidade haitiana é incompreensível sem ter um conhecimento apropriado sobre o Vodou haitiano. Da mesma forma que é impossível compreender a realidade dos Estados Unidos sem ter uma referência do homem branco da burguesia britânica, de fé protestante, conhecido sob o signo W.A.S.P (*White Anglo-Saxon Protestant*), assim também não se pode entender a realidade haitiana sem fazer referência ao Vodou. Não é só no Haiti que existe uma chave específica para abordar sua realidade, também para compreender o mundo ocidental precisa-se referir primeiro ao seu vínculo com o mundo Judeu-Cristão⁹.

Se o Vodou é cultura, então se encontra com o mais íntimo e profundo do Evangelho. O que se precisa seriamente considerar é que, para descobrir o valor do Vodou no Evangelho, exige-se o seu conhecimento integral. E todo conhecimento exige a humildade de fazer-se como o outro, incorporar-se no outro, tornar-se semelhante ao outro para poder compreendê-la em todas as suas dimensões. Nesse sentido, para abordar a temática do Vodou no processo de Inculturação do Evangelho na sociedade haitiana, é necessário, antes de tudo, entendê-lo no seu contexto histórico, social, cultural e antropológico, ainda que não façamos um estudo histórico do Vodou tal como nasceu na África. Procuraremos apenas compreender o que é o Vodou no Haiti.

O Vodou é a expressão de fé e a aspiração de todo ser haitiano. Claro, não é uma fé tão simples que encontra perfeita correspondência na fé cristã. Mas sabemos que a Inculturação se dá quando a Igreja local está disposta a determinar, por ela mesma, o que diz respeito à expressão de fé e de suas aspirações. Ser cristão e missionário ao mesmo tempo é mergulhar no que é próprio da cultura autóctone. Com esse viés, vamos analisar o Vodou, nessa primeira parte, com diferentes abordagens.

⁹ SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*, 2000, p. 12.

1.1 Abordagem histórica do Vodou haitiano

Ao aludir à abordagem histórica do Vodou haitiano, apenas nos ocuparemos em apresentar uma breve história haitiana, o significado do Vodou, sua evolução e o seu nascimento no ser humano haitiano.

1.1.1 Alguns traços históricos do Haiti

O nome Haiti, no termo da língua dos *Tainos*, significa “país montanhoso” ou “terra alta”¹⁰. O Haiti é uma das grandes Antilhas descobertas por Cristóvão Colombo. Encontra-se na mesma Ilha da República Dominicana e formava com ela um único país. A República Haitiana ocupa uma superfície de 27750 km². A origem do Haiti é ligada à descoberta dos impérios asteca e inca pelos espanhóis¹¹. Os seus primeiros habitantes eram de origem *Arawak* conhecido como *Tainos*.

Descoberta por Cristóvão Colombo, esta ilha recebeu dele o nome de *Hispaniola*¹² em homenagem à sua pátria. Mais tarde, juntamente com a atual República Dominicana, será conhecido como Santo Domingo. No território desta ilha havia dois assentamentos, um pertencia à França e outro à Espanha, popularmente conhecidas como a parte francesa e a parte espanhola de Santo Domingo. Hoje não pertence nem a França nem a Espanha, mas seus donos são os Negros e Mulatos. Recuperou seu nome “Haïti” dado antes pelos índios e os seus primeiros habitantes¹³.

Como os europeus chegaram a ter seu primeiro assentamento na República do Haiti? Para responder a esta interrogação devemos nos situar no período dos índios e dos espanhóis. Assim, a pequena Ilha de *l'Archipel des Bahamas*, conhecida como Guanahani na língua de seus moradores da tribo *Arawak*, recebeu de Cristóvão Colombo o nome de *San Salvador*. Cristóvão Colombo iniciou uma viagem em agosto de 1492 e em outubro do mesmo ano descobriu Cuba e deu-lhe o nome de Juana em homenagem a jovem Juana de Castille¹⁴. A seguir, Cristóvão Colombo

¹⁰ BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*. 2004, p. 16.

¹¹ NEVES, Márcia Cristiana. *Do Vodou a Macumba*, 1991, p. 9.

¹² Ilha *Hispaniola* ou *Espanhola* compreende o território da República do Haiti e a República Dominicana.

¹³ SAINT-AMAND, M. *Histoire des Révolutions d'Haïti, Tome Premier*, 1960, p. 1-3.

¹⁴ BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*, 2004, p. 15

estava¹⁵ subindo à costa norte desta ilha em direção oeste quando ouviu dos seus guias Arawak, que havia uma grande terra que se estendia para o leste e que eles chamavam em sua língua Haiti, Bohio ou Quisqueya. Eles elogiaram as riquezas desse país misterioso com tanta emoção que o almirante, influenciado por seus gritos e gestos, ordenou que sua flotilha seguisse para o leste. E em 6 de dezembro de 1492, Santa Maria, Pinta e Nina ancoraram em uma magnífica baía, à qual Colombo deu o nome de São Nicola. Vendo, nesta clara manhã de dezembro, elevando-se por trás dos altos terraços que circundam a baía, as massas azuis das montanhas do interior, deslumbradas pelo esplendor do sol, do mar e do céu, Colombo exclamou: “Es una maravilla”! Essa maravilha era o Haiti. Ele desembarcou nesta terra afortunada e plantou a cruz de Cristo, dedicando assim ao cristianismo e à civilização ocidental o novo mundo que ofereceu como um presente à humanidade. Depois, navegando ao longo da costa norte da ilha do Haiti, Colombo chegou a uma grande baía, na qual hoje está a cidade de Cap-Haïtien. Um de seus barcos, o Santa Maria, que naufragou em 24 de dezembro, obteve do chefe indígena Guaganagaric a permissão para pousar na praia e construir ali um forte que ele chamou de Natividade. Ele deixou neste forte trinta espanhóis e partiu em 11 de janeiro de 1493 para a Espanha para tornar conhecida à Europa a sua descoberta maravilhosa¹⁶.

Assim, a República do Haiti abrigou a sede da primeira instituição europeia no hemisfério americano. Quando houve a descoberta, o primeiro contato dos espanhóis foi com o povo *Arawak*, mas em outras regiões (nas montanhas) havia tribos de formação diferente como, por exemplo, os *Ciguayens* da península de Samaná (na parte oriental), enquanto que as pequenas comunidades nômades do litoral estavam formadas por bandos guerreiros caribenhos¹⁷.

Em que situação os espanhóis encontraram a Ilha do Haiti? Conforme Joint¹⁸,

O estado em que os espanhóis encontraram a Ilha do Haiti em 1492 lhe valeu o apelido de pérola das Índias ocidentais: um belo campo cultivado, terra semeada tendo o aspecto dos campos de trigo em maio na zona rural de córdoba; vegetação exuberante cobrindo oitenta por cento de seu território, montanhas ricas, vastas planícies regadas por grandes rios, praias cintilando nos raios do sol. Impressionado por sua beleza, suas riquezas naturais e sua semelhança montanhosa com a Espanha,

¹⁵ Il remontait la côte nord de cette île dans la direction de l'ouest lorsqu'il entendit parler, par ses guides arawaks, d'une grande terre qui s'étendait à l'orient et qu'ils nommaient dans leur langage Haïti, Bohio ou Quisqueya. Ils vantaient avec une telle excitation les richesses de ce pays mystérieux que l'Amiral, influencé par leurs cris et leurs gestes, ordonna à sa flottille de virer de bord vers l'est. Et le 6 décembre 1492, la Santa-Maria, la Pinta et la Nina jetaient l'ancre dans une baie magnifique, à laquelle Colomb donna le nom de SaintNicolas. En voyant, dans cette limpide matinée de décembre, se profiler derrière les hautes terrasses qui encerclent la baie les masses bleues des montagnes de l'intérieur, ébloui par la splendeur du soleil, de la mer et du ciel, Colomb s'écria : «Es una maravilla!» Cette merveille, c'était Haïti. Il débarqua sur cette terre fortunée et y planta la Croix du Christ, consacrant ainsi au christianisme et à la civilisation occidentale le nouveau monde qu'il offrait comme un cadeau à l'humanité. Naviguant ensuite le long de la côte septentrionale de l'île d'Haïti, Colomb arriva dans une grande baie, sur laquelle est aujourd'hui bâtie la ville du Cap-Haïtien. L'un de ses bateaux, la Santa-Maria, ayant fait naufrage le 24 décembre, il obtint du chef indigène Guaganagaric la permission de débarquer sur la plage et d'y construire un fortin qu'il appela Nativité. Il laissa dans ce fort trente Espagnols et partit le 11 janvier 1493 pour l'Espagne afin de faire connaître à l'Europe sa merveilleuse découverte (BELLEGARDE, 2004, p. 15-16).

¹⁶ BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*, 2004, p. 15-16.

¹⁷ BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*, 2004, p. 16.

¹⁸ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 19.

Colombo batizou-a de *Hispanhola*, isto é, pequena Espanha. Então foi uma verdadeira descoberta para os conquistadores e é só nesse sentido, em relação a eles, que se pode falar em descoberta. Mas nesse cenário encantador eles estavam semeando as sementes da destruição e da escravidão.

Conforme Joint¹⁹, o período da colônia francesa estende-se entre 1625 até 1804. Neste período o trabalho dos escravos restaurou o esplendor à Hispaniola, que recebeu o nome de Santo Domingo e foi reconhecida como colônia mais fértil do Caribe. Mas, na luta para a libertação dos escravos, tornou-se um deserto. Os líderes da luta para a independência provocaram uma destruição total. Incendiaram as cidades, destruíram as plantações e massacraram os colonizadores. Isto suscitou uma deterioração ecológica do meio ambiente. Por isso, depois da independência em 1804, o país passou por uma grande dificuldade econômica. Esta crise econômica permanece até hoje por diversas razões, entre estas, podemos nomear a neocolonização.

Com a presença da colônia francesa o nome da Ilha Hispaniola foi mudado para Santo Domingo, permanecendo até 1804 quando, depois da independência, recuperou seu nome original, Haiti. O período entre 1804 a 1860 foi reconhecido como período do laicato, porque não havia nenhuma religião oficial atuante no país²⁰. O Estado Haitiano voltou a seus inícios como uma monarquia imperial, seguido de uma monarquia e uma República.

Hoje podemos nos perguntar: por que o Haiti, primeiro país negro que adquiriu a sua liberdade, é tão pobre? A pobreza haitiana origina-se de muitos fatos. Entre estes fatos nomearemos alguns. Em primeiro lugar porque foi destruída toda a riqueza natural do país durante a guerra pela independência. Em segundo lugar porque o país conheceu 61 anos de embargo comercial e político pelos Estados Unidos após a independência. Em terceiro lugar, o país pagou uma indenização à França de 150.000.000 francos para que a sua independência fosse reconhecida²¹. Desde a independência até hoje, o país nunca conheceu uma estabilidade política. Existem muitos fatos para tal, aludimos a estes por serem mais concretos.

Como a Ilha compreende duas partes, em 1823 estas duas partes unificaram-se e formaram um único Estado chamado República do Haiti coordenado pelo presidente Boyer. Por causa de instabilidade política, em 1843, a Ilha foi novamente dividida em duas partes. Assim, a parte Francesa continua como “Haïti” e a parte espanhola formará um segundo Estado chamado República Dominicana. Esta separação é diferenciada apenas pela dualidade

¹⁹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 21.

²⁰ DENIS, Carl. *Pour comprendre*, 1997, p. 23.

²¹ DENIS, Carl. *Pour comprendre*, 1997, p. 56.

dos metrópolis, a diferença das nacionalidades e a rivalidade dos antigos senhores²². Por uma visão geral da história haitiana, ressaltaremos alguns pontos centrais:

A civilização precolombiana: A população das pequenas e grandes Antilhas foi formada por três ondas de migrações das regiões sul-americanas até a foz do rio Orinoco. A primeira migração foi dos povos *Ciboneys*, ocorreu entre os anos 5000 e 3000 antes de Jesus Cristo. A segunda migração deu-se pelos *Arawaks* que empurraram os *Ciboneys* às Ilhas Virgens e depois à Cuba, ocorreu entre o ano 0 a 300. Entre 300 e 800 após Jesus Cristo, a terceira migração ocorreu com os terríveis Caribes que desalojam *Arawaks* das Pequenas Antilhas para as Grandes Antilhas²³. De fato, o Haiti precolombiano é uma ilha povoada de Índios, Taínos e Arawaks repartidos em cinco *caciquats*. Estes são: *la Magua* no nordeste, com o cacique Guarionex; *le Marien* no noroeste, com o cacique Guacanagaric; *le Xaragua* no sudoeste, com os caciques Bohechio e Anacaona; *le Maguana* no centro, região do Cibao, com o cacique Caonabo; e, *le Higüey* no sudeste, com o cacique cotubanama. Esta população indígena tinha seus costumes, sua religião, seus rituais, seus curandeiros, seus *Chamans* e seus sacerdotes²⁴. Suas divindades eram as árvores, as fontes de água, os animais, o mar, o sol e a lua.

Cristóvão Colombo (1451-1506). Cristóvão Colombo realizou quatro viagens. A **primeira viagem** já foi relatada, mas pode ser resumida assim: Colombo partiu com três navios (Santa Maria, Nina e Pinta) e 90 homens do porto de Palos em 3 de agosto de 1492. Parou nas Ilhas Canárias. Depois de 72 dias, em 12 de outubro de 1492, ele chegou à ilha de Guanahami e a chamou de San Salvador. Em 28 de outubro chegou à Cuba. Em 6 de dezembro, no cais *Saint Nicolas*, pisa em uma nova terra que ele chama de Hispaniola (futuro Haiti), "pequena Espanha", povoada por índios *Taínos*, os *Arawaks*. Em 25 de dezembro, o navio Santamaria afundou na costa. Colombo deixa 39 homens em *Fort de la Navidad* e retorna à Espanha. A **segunda viagem**: deixou Cadiz em 1493 com uma frota de 17 navios e 1.500 homens. Ele encontra um forte destruído e instala a colônia em outro local chamado Isabela. Colombo retorna à Espanha em 1496. A **terceira viagem** iniciou em 1498 com uma frota de 8 navios. Em 3 de julho ele chega a Trinidad com 3 barcos, os outros retornam a Hispanhola e desmoronam sob muitas dificuldades. Por causa de reclamações e rumores, Ferdinand e Isabelle mandam Bodadilla para a nova colônia. Este faz parar os irmãos colombianos que regressam à Espanha acorrentados. A **quarta viagem** iniciou em 1502, mas

²² SAINT-AMAND, M. *Histoire des Revolutions d'Haïti, Tome Premier*, 1960, p. 3.

²³ SOLIDARITÉ LAÏQUE. *Haïti: Histoire*, 2010, p.3.

²⁴ DENIS, Carl. *Pour comprendre*, 1997, p. 23.

Colombo foi removido de seu papel de administrador. Ele se torna explorador novamente. Chegou na costa de Honduras e depois ao Panamá. Os quatro navios de Colombo vão se perdendo, um por um; ele pede ajuda a Hispaniola e volta para a Espanha²⁵.

As primeiras revoltas haitianas: Em 1758, o líder era François Makandal, musulmano de origem Guínea. Em 1791, o líder era Boukman, um pai de santo de origem Daomey, hoje conhecido como Benin.

Os heróis da independência são: Jean-Jacques Dessalines (1758-1806); Alexandre Pétion (1770-1818); Henri Christophe (1767-1820); Toussaint-Louverture (1743-1803).

1.1.2 O significado do culto Vodou

Não há um método específico para estudar o significado do Vodou. Geralmente é estudado e analisado a partir do interesse de cada pesquisador. Mas, buscar entender o Vodou nos livros sem ter uma experiência dentro da realidade haitiana, sem conviver nas diferentes camadas sociais haitianas, pode conceder muitas coisas sobre o que os autores sentiram, suas impressões, mas não sobre o Vodou.

O culto Vodou não deve ser entendido dentro do quadro que foi definido durante a independência haitiana no século dezenove, no período da colonização americana de 1915-1934. Dentro destes períodos os colonizadores apresentaram o culto Vodou como práticas de feitiçaria ou bruxaria, imorais e perigosos²⁶. Entretanto, partindo da nossa observação e da nossa experiência, podemos sustentar que o culto Vodou não é magia nem feitiçaria ou bruxaria. Além do mais, outros teóricos sustentam o mesmo, segundo Joint, para J. Verschueren²⁷, o culto Vodou tem como objetivo honrar os espíritos. É o meio pelo qual o ser humano entra em contato com o mundo sobrenatural. É o exercício dos atos da religião²⁸. A magia, ao contrário, é um rito que visa dominar as forças sobrenaturais e fazer com que os espíritos se submetem a vontade do ser humano.

²⁵ SOLIDARITÉ LAÏQUE. *Haïti: Histoire*, 2010, p. 5.

²⁶ OFPRA. *Le Vodou: Pratique, langage, structure occulte, instruments de menace, persecutions et rites*. Haïti, 17 Janvier 2017. Disponível em https://ofpra.gouv.fr/sites/default/files/atoms/files/1701_hti_vodou.pdf Acesso em 15/07/2017.

²⁷ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 16.

²⁸ DOS SANTOS, Eduardo. *Sobre a religião dos quios*, 1962, p. 31.

Diante da posição de que o culto Vodou não é magia, não ignoramos tampouco a definição de Métraux²⁹, que entende a magia como “toda a manipulação das forças ocultas, toda utilização das virtudes ou propriedades imanentes às coisas ou aos seres, todo agir técnico pelo qual o mundo sobrenatural se deixa dominar, reorientar e utilizar para os fins pessoais”³⁰. Tendo presente esta definição, não podemos despir totalmente o Vodou da realidade mágica. Assim, como diz o mesmo Métraux, a magia é misturada com a religião tradicional Vodou. As cerimônias públicas em homenagem aos deuses sempre apresentam traços de elementos simpáticos à magia. Nem oração, nem as oferendas, nem os sacrifícios podem esconder essa realidade.

Podemos responder a Métraux sustentando que o Vodou, apesar de conter traços da magia, tem como objetivo principal não a questão de satisfazer a necessidade individual, mas é a manifestação da alma religiosa de toda uma coletividade. Sim, podemos admitir que as pessoas às vezes venham participar nas cerimônias do culto Vodou com a intenção mágica, como acontece em todas as tradições religiosas. O que defendemos é que a presença de indivíduos no culto Vodou com uma busca e um comportamento mágico não reduz o culto Vodou absolutamente à magia. O culto Vodou, ao invés de ser um culto mágico, busca proteger os seus adeptos contra a magia³¹.

De fato, o que é o Vodou haitiano? Não há como responder, apenas podemos apontar caminhos que servirão como pistas para chegar a uma compreensão do que é realmente o Vodou haitiano. O significado do Vodou, sua essência, deixa-se perceber através de sua história, sua abordagem sociológica, cultural e antropológica dentro da sociedade haitiana. Estes últimos são elementos também que podem nos ajudar a perceber sua influência na esfera social e religiosa. Apesar das dificuldades que nos impedem de adquirir certa definição apropriada do culto Vodou, tentaremos definir esse culto conforme os diferentes pontos de vistas dos autores que nem sempre compartilham da mesma visão.

Para Joint³², o Vodou “consiste em cultivar uma relação de amizade com os gênios e de harmonia com a natureza”. Conforme Souffrant³³ o Vodou é uma religião popular, culto tradicional, conjunto de crenças coletivas sem a elaboração doutrinal, conjunto de práticas sem teorias sistemáticas.

²⁹ METRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*, 1958, p. 236.

³⁰ “Toute manipulation de forces occultes, toute utilisation des vertus ou propriétés immanentes aux choses ou aux êtres, toute technique para laquelle le monde surnaturel se laisse dominer, régenter et utiliser à des fins personnelles” (MÉTRAUX, 1958, p. 236).

³¹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 17.

³² JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 18.

³³ SOUFFRANT, Claude. *Le fatalisme religieux des paysans haïtiens*, 1971, p. 13.

O Sociólogo Dorsainvil, segundo Price-Mars³⁴, definiu o Vodou em sua obra “*Haïti médicale*” como “uma psicose religiosa, racial, caracterizada pelo desdobramento do ‘eu’ com alterações funcionais da sensibilidade, da motilidade e predominância dos fenômenos *pithiatiques*”^{35,36}. Price-Mars refutou esta definição mostrando que Dorsainvil está em contradição com os seus escritos anteriores, em sua nova publicação, “Explicação filosófica do Vodou”, com o termo Daomé, que significa espírito. Price-Mars defendeu que a definição de Dorsainvil, de um lado, tem fundamento apenas para um pequeno grupo iniciante do Vodou, sem dar conta da grande massa que também o pratica. O pequeno grupo iniciante é designado como servo dos deuses. A esse pequeno grupo cabe a definição de Dorsainvil. Mas para a grande massa que acredita e pratica o Vodou, essa definição é inaceitável³⁷.

Para Price-Mars³⁸ o Vodou é uma religião primitiva formada, em parte, de crenças nos poderes de seres espirituais. Possui características duplas: de um lado, seu estado mais ou menos puro advindo do seu país de origem e, de outro, sua forma com alterações no Haiti, por sua justaposição, mais secular do que advinda da religião católica, adaptada às condições de vida da massa haitiana.

Em Kerboul³⁹ a palavra Vodou aparece exótica, carregada de sortilégio e mistério. Segundo Lévi-Strauss, o Vodou expressa uma vitalidade de crenças e de ritos que manifestam uma cultura transplantada da África para uma terra americana. Essa cultura, nas terras americanas, assumiu o pensamento religioso e filosófico da Europa, especificamente da França, e mostrou-se capaz de manter coesão e adquirir liberdade.

A palavra Vodou é de origem *daomeana*, especificamente do dialeto *fongbe*. Desta expressão se identifica dois tipos de divindades que são: divindades boas e divindades más. Estas divindades abrangem toda a vida moral e religiosa dos *fon*⁴⁰. Entre as compreensões populares existem ditos de que o Vodou é um conjunto de práticas mágicas aliadas a uma fé extrema. Também há afirmações de que o Vodou guarda uma ligação profunda entre o ser

³⁴ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l’Oncle*, 2014, p. 156.

³⁵ Conjunto de distúrbios funcionais que ocorrem sem causas orgânicas, por sugestão ou sob a influência de traumas emocionais e que são curáveis pela persuasão.

³⁶ «Le Vaudou est une psychonévrose religieuse, raciale, caractérisée par un dedoublement du moi avec alterations fonctionnelles de la sensibilité, de la motilité et prédominance des phénomènes pithiatiques » (PRICE-MARS, 2014, p. 156).

³⁷ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l’Oncle*, 2014, p. 157.

³⁸ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l’Oncle*, 2014, p. 53-54.

³⁹ KERBOUL, Jean. *Le Vaudou: Magie ou religion?* 1973, p.12.

⁴⁰ KERBOUL, Jean. *Le Vaudou: magie ou religion?* 1973, p.32.

humano e os deuses de sua cultura originária, a partir de uma religião rica e primitiva⁴¹. Nesse mesmo contexto, segundo Joint⁴²,

A palavra Vodou na linguagem dos Fons do Dahomey, designa os espíritos dos ancestrais ou loas. De acordo com a tradição daomiana da divindade, os loas são intermediários entre os seres humanos e o Ser Supremo. Pois este último é muito distante dos homens para que eles possam encontrá-lo diretamente. Assim, o Vodou é uma doutrina do espírito e da intuição, uma reminiscência de origens. Não há pessoas que tenham quebrado completamente os momentos mais importantes de suas origens. O Vodou enquanto isso veicula a memória de um povo. Tem uma missão a realizar no mundo. Como elo entre as crenças primitivas e a religião moderna, desempenha um papel como catalisador. Na verdade o *loa* faz o homem participar da força cósmica. É por isso que ele é venerado⁴³.

O Vodou é a própria expressão do que a população haitiana tem de original e específico. O Vodou é praticado de maneira integral e tem influência em toda a República Haitiana. É cultura capaz de assimilar o Cristianismo propondo um método de Inculturação sem ofensa nem violência⁴⁴.

Para Oliveira⁴⁵, o Vodou é um conjunto de crenças que explicam o segredo da vida e da morte. Possui o seu ritual próprio para cada circunstância do cotidiano, tal como a ação de graças, a cura das moléstias e negócios. Sabe orientar o prazer, ligando o ser humano aos deuses numa relação palpável e verdadeira. Trata-se das necessidades básicas da existência humana, encarando-as com a liberalidade a partir de uma fé mutável e flexível. O Vodou é a mais pura expressão da comunidade haitiana. Metraux⁴⁶ definiu o Vodou como sendo uma história que começou com a chegada dos primeiros escravos em República Dominicana na segunda metade do século XVII. Nesse contexto, elucidaremos melhor sua evolução e seu nascimento no Haiti nos passos a seguir.

⁴¹ OLIVEIRA, Anízio. *Do Vodou a Macumba*, 1991, p.18.

⁴² JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 18.

⁴³ «Le mot Vaudou, dans la langue des Fons du Dahomey dont il dérive, désigne les esprits des ancêtres ou *loas*. Selon une longue tradition qui remonte à la conception dahoméenne de la divinité, les *loas* son censés assurer la médiation entre les humains et l'Être Suprême, à la fois immanent et transcendant, principe et fin de la création, mais trop éloigné des hommes pour que ceux-ci puissent le rencontrer directement. En cela, le Vaudou est une doctrine et de l'intuition, une réminiscence des origines. Il n'est pas de peuple qui ait complètement rompu avec les moments les plus importants de ses origines. Le Vaudou quant à lui, véhicule la mémoire d'un peuple. Le vaudou a une mission à accomplir dans le monde. Lien entre les croyances primitives et la religião moderne, il joue un rôle de catalyseur : en effet le loa fait participer l'homme à la force cosmique. Voila pourquoi il fait l'objet d'un culte» (JOINT, 1999, p. 18).

⁴⁴ OLIVEIRA, Anízio. *Do Vodou a Macumba*, 1991, p.18.

⁴⁵ OLIVEIRA, Anízio. *Do Vodou a Macumba*, 1991, p. 14.

⁴⁶ METRAUX, Alfred. *Le Vaudou haïtien*, 1958, p. 19.

1.1.3 Nascimento e evolução do Vodou haitiano

No dizer de Joint⁴⁷, a situação no qual se encontravam os escravos exigiu que o Vodou mudasse sua morfologia religiosa para adaptar-se com mais facilidade. Assim, toda história do Vodou é uma aventura de adaptação e de resistência face à realidade que lhe foi imposta.

De fato, para estudar a evolução do Vodou na sociedade haitiana é necessário analisar, num primeiro momento, a grande conquista da liberdade dos escravos e, num segundo momento, analisar o grande acontecimento do mito fundante do Vodou conhecido como a Cerimônia de *Bois Caïman*.

Os Europeus chegaram à ilha e impuseram uma condição de trabalho escravo aos nativos da terra. Aos poucos eles foram aniquilados em serviços inadequados. Então, os colonizadores foram buscar na África mão-de-obra substituta dos aborígenes. Os negros começaram a chegar na ilha por volta do início do ano de 1503. Demoravam uns oitenta a noventa dias para chegar ao Haiti. Encontravam muita dificuldade na viagem, tais como a fome, a tristeza e a saudade de seus familiares. Durante a viagem entoavam as músicas nos ritmos de seus ancestrais⁴⁸.

Quando os escravos chegaram à Ilha *Hispaniola*, na parte que hoje é a República Dominicana, foram separados de seus parentes. Receberam novos nomes “fantasia” segundo a inspiração dos seus Senhores. O código Negro de 1685 obrigou os proprietários dos escravos a batizá-los e a instruírem-nos na religião Católica Apostólica Romana⁴⁹.

Precisamos alertar que a escravidão sempre foi obrigada, mas os escravos nunca aceitaram livremente essa situação. O sonho sempre foi a conquista da liberdade, por isso, sempre houve luta e resistência dos escravizados. Para poder escapar da realidade desumana, os escravos preferiam o suicídio, com a ingestão de veneno mortal. Os escravos não podiam viver fora dos cultos católicos, uma vez que qualquer prática religiosa fora do catolicismo era considerada como feitiçaria, acarretando punição severa. Além daqueles que se suicidavam, haviam os que preferiam fugir - em francês, *le marronnage*. Tornaram-se negros fugitivos. Os *nègres marrons* reagruparam-se nos campos, nas montanhas e florestas inacessíveis da ilha⁵⁰.

Que significa nesse contexto o termo *marronnage*? Qual seu papel? Este termo tem um papel preponderante na luta pela libertação dos escravos. É a primeira tentativa dos escravos

⁴⁷ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 29.

⁴⁸ FILS-AIMÉ. *Le Vaudou Je me souviens*, 2003, p. 7.

⁴⁹ FLAURENT, François. *Le Vaudou en Haïti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 14.

⁵⁰ FLAURENT, François. *Le Vaudou en Haïti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 14.

por libertação do fogo da escravidão, ou seja, dos dentes dos leões. É o primeiro sinal que os escravos usaram para quebrar a corrente do seu pescoço e afirmar o seu desejo de liberdade. É um movimento que sobreviveu durante três séculos de escravagismo. Foi nesse momento que o culto Vodou encontrou um espaço decisivo para se desenvolver⁵¹.

Quem eram os fugitivos conhecido como *les marrons*? O termo *marrons* foi um termo usual nas Antilhas francesas. Em espanhol fala de *Cimarron*. Literalmente se traduz por “quem foge nas montanhas”. Designava os animais domésticos que se tornaram selvagens. *Les marrons* são os negros que se revoltaram contra a ordem escravagista. Eram consideradas não como pessoas, mas como perigosos, quase animais, que cultivam a vida do ser humano⁵². Como diz Joint, a dignidade dos escravos enquanto seres humanos dependia de sua ligação com o senhor, do quanto submetia-se à lei de dominação⁵³.

No tempo da escravidão, os escravos eram divididos em vários grupos de trabalhos forçados. Os negros fugitivos, *nègres marrons*, assumiram o papel de unificador dos escravos de diversos grupos para veicular a ideia da revolta. Esse movimento dos fugitivos começou com a chegada dos negros na Ilha *Hispaniola*. Foram eles que reforçaram o espírito de revolta dos últimos sobreviventes aborígenes⁵⁴.

A evolução do Vodou se deu dentro de um contexto de readaptação dos costumes, das crenças, das práticas religiosas e culturais, de maneira totalmente nova. Os escravos eram de regiões e etnias diferentes, havendo diferentes condições de vidas entre eles. Este espaço de evolução pode ser nomeado conforme a realidade dos escravos. Trata-se, por exemplo, das comunidades de quilombos que aparecem no Brasil. A herança dos africanos sempre é modificada conforme a sua nova condição de vida. Na Ilha de *Hispaniola* também era assim, já que o contato com os índios, com os escravagistas e com os missionários serviu como processo de modificação da maneira dos escravos lidarem com seus costumes africanos. Fizemos esta análise para mostrar como a solidariedade dos negros fugitivos era de grande importância para a liberdade dos escravos. Desta solidariedade surge a conversão a um só coração e a uma só alma. Todos se converteram ao mesmo projeto: recuso de toda submissão à escravidão e ao Cristianismo⁵⁵.

O Vodou passa a evolução maior com a questão da insurreição geral. Esta última é a organização dos negros fugitivos em bandos. Foi aos poucos que floresceu a ideia de lançar

⁵¹ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 28.

⁵² FLAURENT, François. *Le Vaudou em Haiti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 14.

⁵³ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*. 1999, p. 29.

⁵⁴ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 30.

⁵⁵ HURBON, Laennec. *Le culte du vaudou: Histoire – Pensée – Vie*, 1975, p. 15.

uma insurreição. Os escravos se reuniram pela primeira vez aos 14 dias de agosto de 1791, numa plantação de cana situada na parte do norte da ilha. Encontraram luzes para a suas lutas sete dias depois, ou seja, em 21 de agosto de 1791. Deste encontro surgiu o mito fundante e espiritual do Vodou Haitiano. Nesse encontro em plena noite, Boukmann, sacerdote do Vodou, invocou *en Kreyòl* as forças ancestrais africanas e uma sacerdotisa chamada Cécile Fátima, sacrificou um porco preto. Distribuiu o sangue do porco a cada um dos delegados da revolta. A seguir, os membros da reunião fizeram um juramento de morrer ao invés de viver sob a dominação dos colonos, e juraram fidelidade a Boukmann que foi proclamado como chefe supremo da revolta. Podemos dizer que a revolta dos escravos foi sacralizada por um sacrifício aos ancestrais e selada por um pacto de sangue. Esta cerimônia é reconhecida como *Ceremonie du Bois-Caiman*⁵⁶.

Tendo presente a cerimônia *du Bois-Caiman* e com a confirmação de que todos os membros desta cerimônia foram envolvidos na revolta, ousamos afirmar com Madiou⁵⁷: “o Vodou contribuiu em grande parte com o sucesso dos escravos ao estimular seu fanatismo até o mais alto grau. O deus invocado prometeu a eles que, se pudessem nas batalhas, iriam reviver na África, livres e felizes”. Para Fouchard, sem dúvida, não havia no Vodou uma ideologia de libertação intrínseca, mas os revoltos foram organizados certamente na clandestinidade de suas reuniões⁵⁸.

A história do Vodou é uma história circunscrita que não foi conhecida pelos índios, os primeiros haitianos, pois eles não praticavam o culto Vodou. Antes da invasão europeia não havia nem o catolicismo europeu nem o animismo africano no Haiti. Contudo, o Vodou haitiano nasceu e evoluiu no momento em que os europeus, particularmente os franceses, decidiram importar os africanos para o Haiti e forçá-los a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, substituindo os índios que foram mortos pelos trabalhos inumanos⁵⁹. Mas, para Descardes⁶⁰, o acontecimento espiritual e fundante deste culto é a Cerimônia de *Bois-Caiman*, pois foi a partir desse momento que nasceu o Vodou haitiano.

⁵⁶ FOUCHARD, Jean. *Les marrons du syllabaire. Quelques aspects du problèmes de l'introduction et de l'éducation des esclaves et affranchis à Saint-Domingue*:Préface du Dr Jean Price-Mars, 1953, p. 15.

⁵⁷ MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti, tome 1*, 1981 p. 105.

⁵⁸ FLAURENT, François. *Le Vaudou em Haiti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 16.

⁵⁹ SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*, 2000, p. 17-18.

⁶⁰ DESCARDES, Jean Rosier. *La vengeance des loas. Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, Port-au-Prince: Antilles, sn., p. 131-148, 1980, p. 138.

1.2 Abordagem sociológica do Vodou

Para Saint-Louis⁶¹, o Vodou é um componente histórico importante e central para a construção social do povo haitiano. O mesmo Saint-Louis⁶² apresenta o Vodou como uma religião esquecida por alguns, por causa das questões sociais, religiosas e políticas. Continua defendendo que toda religião é expressão coletiva, fruto de crenças, de ritos, de éticas e organizações, de sociedades precisas e particulares. Mostra que a história própria da sociedade haitiana é, ao mesmo tempo, receptáculo e lugar de intervenção do Vodou. Este último foi e é a religião dos oprimidos, uma forma de autoproteção dos escravos referentes às suas origens africanas que, por fim, se afirma como expressão cultural a mais profunda das resistências. O Vodou é a manifestação de uma sociedade bloqueada. Ainda vive na clandestinidade, apesar de seu reconhecimento nas constituições haitianas. Faz parte do “não dizer” nos discursos públicos da população, mas está presente em nível de representações e das práticas cotidianas. Apesar de tudo, foi o portador das resistências contra escravidão e contra tudo o que foi exploração na história e no sistema do ser haitiano⁶³.

Para Augras⁶⁴, em Herskovits, o Vodou não pode ser entendido apenas como um estado patológico, mas também deve ser compreendido a partir dos aspectos da cultura de origem africana. Isto se revela na organização e na infraestrutura econômica das comunidades. O Vodou é o modo original de adaptação dos afro-haitianos. É a restauração de todo sistema africano em função das novas condições que os afro-haitianos encontraram em seu novo mundo.

Para tratar da abordagem sociológica do Vodou, primeiro faremos uma apresentação em dois níveis: o nível linguístico e o nível familiar. A seguir, referir-nos-emos à questão do trabalho comunitário ou *Combite*, como também da transparência do Vodou na estrutura social do ambiente dos camponeses. Depois disso, faremos uma breve apresentação das diferentes funções que o Vodou ocupa na esfera social.

⁶¹ SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*. Préface.

⁶² SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*. Préface.

⁶³ SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*. Préface.

⁶⁴ AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô*, 1983, p. 47.

1.2.1 Questão linguística e familiar

A questão linguística refere-se ao encontro das línguas africanas com as línguas europeias que produziram a língua crioula. A língua crioula é uma mistura das línguas africanas com o falar dos espanhóis, índios, ingleses e franceses. Por ser uma língua cuja mãe é africana, é discriminada e não tem permissão de ser ensinada nas escolas, apesar da maioria da população haitiana se expressar por meio dela. A língua crioula é também a própria língua do universo do Vodou. Por isso, ambas sofrem discriminação⁶⁵.

Questão familiar: trata-se de uma rede de dez a vinte famílias convivendo num único espaço. Estas famílias constroem suas casas uma ao lado da outra. Geralmente entre essas casas sempre existe uma reservada para os ancestrais. Esta habitação é reconhecida como *lakou*. Nessa última encontra-se uma única família com propriedade comum, uma única autoridade para todos. Celebram de vez em quando um culto comum. O *lakou* praticamente segue a mesma estrutura do Vodou⁶⁶. Quanto à questão familiar no Haiti, além da família do casamento, que se prolonga em várias gerações, existe também a família construída no *plaçage*. De fato, *plaçage* é uma espécie de compromisso entre a poligamia africana e o casamento do tipo ocidental. Assim, um homem vive com uma ou mais mulheres conforme suas rendas econômicas, “sem sentir ligado pelas leis civis e religiosas que não têm sobre ele nenhum controle. O caráter matrimonial da família haitiana resulta desse sistema no qual o laço do filho com a mãe é muito mais forte do que com o pai”⁶⁷.

No *lakou* acontece o culto Vodou chamado culto familiar. Esse culto geralmente acontece no mês de dezembro. Nesse mês todos os membros da família se encontram. Às vezes, até os membros que moram em outros países sentem a obrigação de estar junto para jogar água no lar de seus ancestrais. Hurbon escreve:

Como culto familiar e coletivo o Vodou é praticado geralmente no *ufo*. É lá que os membros de uma família, mesmo dispersos durante o ano, reúnem-se em diferentes ocasiões para celebrar o culto do *loa*. Mas, antes de tudo, o *ufo* é uma confraria. Cada confraria é autônoma em relação às outras, atraindo algumas mais fiéis em consequência do prestígio do *ugã*⁶⁸.

O Vodou haitiano como religião de matriz africana é, por essência, ligado à família, à linhagem, aos clãs. Em certas famílias o pai ou a mãe é considerado como sacerdote ou

⁶⁵ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1987, p.73.

⁶⁶ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1987, p. 74.

⁶⁷ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O vodou Haitiano*, 1973, p. 74.

⁶⁸ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O vodou Haitiano*, 1973, p. 79.

sacerdotisa. Os ancestrais familiares são considerados como santos a serem cultuados. Os ancestrais na família servem como intercessores entre Deus supremo e os membros da família. Em alguns cultos é comum encontrar as mulheres possuídas pelos seus ancestrais, tal como ocorre na Angola. Em alguns países de onde se origina o Vodou, o Congo, por exemplo, desenvolvem-se vários cultos domésticos com toda “uma mitologia que fica ligada às grandes famílias reais, com os deuses sendo considerados os fundadores das dinastias reinantes; paralelamente, cabe ao culto dos ancestrais”⁶⁹.

Precisamos dizer que o Vodou é a maneira haitiana própria de conceber a família. A família é vida. É o berço da vida. Por isso, um dos grandes valores veiculados no Vodou é o respeito à família. Na cultura haitiana a família é concebida no sentido mais amplo. Implica numa comunidade ou região onde haja a solidariedade entre as pessoas. E o Vodou é modo de existir do ser haitiano no que diz respeito à família. De fato, uma família haitiana é um *mutirão*, *combite*, onde se encontram várias gerações⁷⁰. O termo *mutirão* ou *combite* tem seu sentido mais amplo e também ajuda o povo a se solidarizar para sobreviver. Tal aspecto iremos trabalhar no item seguinte.

1.2.2 Questão do trabalho comunitário como dimensão social e econômica do Vodou

Na abordagem sociológica do Vodou, outro fator que devemos mencionar é a questão do trabalho comunitário, conhecido como *combite*. Consiste numa associação de camponeses que decidem trabalhar coletivamente num campo em benefício de um único proprietário. O trabalho envolve danças, músicas e refeições⁷¹. *Combite* é a maneira de manifestar a solidariedade na comunidade rural haitiana. Para Joint⁷², *combite* é simplesmente o nome dado às equipes organizadas pelos camponeses para enfrentar o trabalho dos campos. É uma estrutura que reconstitui certas reminiscências africanas redesenhadas conforme o sistema de plantações coloniais.

A expressão *combite* na sociedade haitiana possui diversos sentidos. Nela se expressa o papel social da religião como agente de atestação, de contestação ou de protestação. O *combite* permite que o Vodou encontre meios de ajudar os grupos de base a tomarem

⁶⁹ BASTIDE, ROGER. *As religiões de matrizes africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das interpretações de civilizações*, 1960, p. 85-86.

⁷⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 120.

⁷¹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O vodou Haitiano*, 1973, p. 73-75.

⁷² JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 161.

consciência de sua solidariedade e reforçar sua coesão. Por meio de *combite* o Vodou, como religião local, expressa sua potencialidade. É sinal visível da organização do povo. O *combite* revela o Vodou como verdadeira religião popular e nacional⁷³.

Combite é o lugar onde, nos momentos de crise e de efervescência nacional, o povo haitiano se reúne numa profunda comunhão, onde o povo recolhe-se para voltar às bases de sua tradição, reabastecer-se de sua história e adquirir forças para resistir e lutar⁷⁴. É símbolo de solidariedade que mobilizou as massas haitianas para a independência do país em 1804. O Vodou assumiu um papel fundamental por meio de *combite* e se auto afirma como movimento religioso de liberdade e da salvação dos povos oprimidos. A religião popular Vodou também mostrou, por meio de *combite*, seu empenho na luta contra a ocupação americana de 1915. Ao contrário do Cristianismo, que aceitava toda forma de opressão sem nenhuma resistência, o Vodou promove o *combite*. Entendeu sua missão, como religião indigenista, de defender a nação haitiana, reafirmando sua genuína cultura de celebração e de solidariedade⁷⁵.

No meio dos camponeses o objetivo de *combite* é facilitar e tornar o trabalho do agricultor mais produtivo, eficiente e rápido. Cada família oferece e recebe um dia de trabalho em suas terras, seja para preparar, semear ou colher. Existem várias associações, sendo que cada grupo tem um presidente, um tesoureiro e um assessor. A originalidade de *combite* está na distribuição do trabalho, característica específica do mesmo. Aplicam-se dois métodos. Primeiro, cada membro tem direito a um dia de trabalho coletivo. O membro beneficiado é responsável pela comida e bebida para os trabalhadores. Nesse dia, o trabalho começa do amanhecer e vai até o anoitecer. Segundo, o grupo trabalha para um proprietário que não pertence à associação e, por isso, recebe remuneração. Esse dinheiro vai para um fundo comum e será usado no final do ano, numa festa comunitária⁷⁶.

1.2.3 Transparência do Vodou na estrutura social do ambiente dos camponeses

No que diz respeito da transparência do Vodou na estrutura social do ambiente dos camponeses, é notável afirmar que o Vodou se integra na esfera da vida de todo ser haitiano. É uma realidade presente tanto nos campos como também nas cidades. Assim, estamos em

⁷³ SOUFFRANT, Claude. *Sociologie, prospective d'Haïti. Essai*, 1995, p. 187.

⁷⁴ SOUFFRANT, Claude. *Sociologie, prospective d'Haïti. Essai*, 1995, p. 187.

⁷⁵ SOUFFRANT, Claude. *Sociologie, prospective d'Haïti. Essai*, 1995, p. 187.

⁷⁶ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 162.

desacordo com Souffrant⁷⁷ que apresentou o Vodou como sendo a religião dos camponeses e o Cristianismo como religião dos urbanos. Este mesmo autor apresenta a língua crioula como língua dos camponeses e a língua francesa como língua dos urbanos. Não concordamos com essa afirmação. O Vodou e as duas línguas do país são praticados em todo o Haiti com modos e costumes diferentes. De fato, o Vodou penetra toda esfera social da vida do ser haitiano.

Na organização de toda a sociedade há sempre uma hierarquia. No Haiti também não podemos desconhecer essa realidade. Na ordem crescente, a sociedade haitiana é hierarquizada assim: camponeses, subproletários, proletários, classe média e burguesia⁷⁸. Mas, o que nos interessa aqui é saber como transparece o Vodou na esfera social dos camponeses. Para isso precisamos uma nova classificação dessas classes. Pois, sob o prisma do Vodou, surge uma nova forma de hierarquia. Apresentaremos essas classes em ordem decrescente e mostraremos a maneira cuja cada uma pertence ao Vodou.

Classe média dos camponeses: são os habitantes que possuem mais ou menos dez hectares de terras. Sua adesão ao Vodou é um compromisso pessoal. É um compromisso entre a pessoa e os *loas*. Não inclui nenhum membro de sua família. A pessoa faz um casamento místico com os *loas* assegurando assim sua proteção, sua estabilidade e seu progresso. São estas pessoas que sustentam economicamente as comunidades do Vodou. Visitam as comunidades do Vodou somente nos momentos de grande serviço, chamado de *mange loas*. Nesta classe se encontra grande parte dos cristãos, especialmente os praticantes da Igreja Católica. Geralmente são famílias que receberam todos os sacramentos na Igreja Católica⁷⁹.

Classe dos camponeses com pequena propriedade: são os habitantes que possuem uns dois a três hectares de terras, ou seja, os cidadãos sem-terra. Estes habitantes vivem em condições desumanas. Trabalham com os proprietários camponeses da classe média por dez por cento de um salário mínimo, sem ter nenhuma condição de segurança para suas vidas. A este grupo pertence a maioria dos adeptos do Vodou. Geralmente são analfabetos. Como escreve Joint, este grupo busca transcender a sua situação de miséria, mas não tem como. O Vodou lhe serve como lugar onde experimentam “a partilha, a alegria, a fraternidade, a igualdade, a aceitação mútua e uma participação”⁸⁰ que ele não experimenta em outros espaços.

A classe dos pequenos proprietários camponeses não esconde sua pertença ao Vodou, exceto aos representantes da Igreja Católica ou aos representantes das outras seitas do

⁷⁷ SOUFFRANT, Claude. *Le fatalisme religieux du paysan haïtien*, 1971, p. 11.

⁷⁸ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 137-138.

⁷⁹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 140-142.

⁸⁰ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 143.

Cristianismo. Escondem-se dos padres Católicos para não perder acesso aos sacramentos da Igreja Católica. Este grupo alimenta a cultura do sincretismo entre o Vodou e o Cristianismo de forma integral. Transforma a vida do pobre numa esfera de mentira. Não sabe quando diz a verdade, como veremos melhor na abordagem antropológica.

Enfim, a última classe dos camponeses são os deserdados: habitantes de mão vazia. Não possuem nada de terra. Garantem sua vida econômica fazendo *restavek*⁸¹ para os pequenos proprietários. Ganham também um dinheirinho que não assegura três refeições por dia. Para este grupo, a comunidade Vodou é como um centro social que os acolhe para lhes ajudar com as coisas básicas de sobrevivência⁸².

1.2.4 Algumas funções do Vodou na esfera social

O Vodou na sociedade haitiana desempenha várias funções. Os governantes servem-se dessa realidade para explorar a população enquanto estão no poder. Nas campanhas políticas sempre propõem uma liberação para atuação dos praticantes, mas a prática sempre é contraditória. O Vodou aparece sempre como uma força de resistência política, uma arma de defesa para preservar a democracia. Os dirigentes haitianos associam o poder e Vodou, pois, para eles, o poder é de ordem sagrada, e a ordem sagrada é o Vodou.⁸³ Apresentamos, agora, o nome de alguns presidentes que participavam ativamente no culto Vodou⁸⁴:

- Faustin Soulouque: foi presidente do Haiti de 1847 até 1849 e foi imperador de 1849 a 1859. Esse presidente servia os *Loas Co-sih*. Assim, recebeu o apelido *Bonhonme*;
- Fabre Nicolas Geffrard: foi presidente em 1859. Servia os *Loas* na clandestinidade. Assinou uma concordata que permitiu a Igreja de Roma se instalar no Haiti com o objetivo de erradicar o culto Vodou;
- Antoine Simon: foi presidente de dezembro de 1908 a agosto de 1911. Servia os *Loas* sobre a forma de um condensador das forças misteriosas da África, representado por um cabrito, o qual dá o nome de *Sih-Ma-Lo*;

⁸¹ *Restavek* é uma palavra de língua crioula que quer dizer escravo. Escravo no sentido que alguém passa todo seu tempo cuidando de bens materiais do outro em vista de sobreviver.

⁸² JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 145.

⁸³ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p.146.

⁸⁴ RIGAUD, Milo. *La tradition Voodoo et le Voodoo Haïtien: Son Temples, ses mystères, Sa magie*, 1953, p. 46.

- Duvalier pai e filho: o governo duvalierista (1957-1986), conhecido no Haiti como *tonton macoute*, teve grande influência na questão do Vodou. Dominando toda esfera social haitiana, este governo buscou controlar todas as esferas da vida dos haitianos a partir do seu sistema político.

Duvalier organizou seu corpo militar para estar em todos os lugares onde o povo se reunia. Assim, nos cultos do Vodou, para escapar de todo tipo do imaginário coletivo, Duvalier instalou as forças militares. Duvalier devia cumular em sua pessoa o poder político e o poder religioso. Convidou os militares para integrarem as forças da magia e da feitiçaria ligadas às crenças do Vodou, a fim de tornar impotente ou impossível toda luta contra a ditadura. Desta maneira o presidente podia afirmar: “Eu sou senhor deste país”⁸⁵.

Na esfera moral o Vodou desempenha uma função específica. Assim, tenta conciliar os valores religiosos e morais herdados do passado com os valores da sociedade atual que busca estruturar-se conforme o progresso do mundo moderno. É lugar de encontro e, ao mesmo tempo, de conflitos de gerações⁸⁶. O Vodou, como religião, se preocupa com o bom comportamento de seus membros iniciantes na sociedade. As lições de moralidades são parte das instruções que iniciador envia aos neófitos antes do período de reclusão, após sua iniciação. Repreendem o crime, a covardia e a divisão. Colocam-se como interpretes da opinião popular e garantidores da moralidade social. De fato, o culto Vodou representa uma fonte de conforto moral e entretenimento. Através de suas canções e danças, permite aos seus seguidores exercerem seus talentos artísticos dentro da comunidade⁸⁷.

Uma função do Vodou que encanta todo ser haitiano, independente da religião, é a função terapêutica. Antes de tudo, o representante do Vodou é conhecido como *hungan*, mas este recebe também o nome de sacerdote Vodou. Também é conhecido como médico tradicional. Às vezes é chamado de curandeiro ou doutor das folhas. Entretanto, existe doutor das folhas e curandeiros que não tem nada a ver com o Vodou. No Haiti existe uma grande carência de médicos. Há apenas um médico para cada dez mil habitantes. Assim, a saúde da grande maioria da população, sobretudo no interior do país, fica sob o cuidado dos adeptos do Vodou. Em todos os *oumforts* é normal encontrar doentes internados. O *oumfort* não é apenas uma casa de prestação do culto, mas também é considerado um hospital. Os *houngans* conhecem a natureza e sabem descobrir os medicamentos necessários para cada tipo de doença. As plantas são consideradas sua farmácia. Os médicos das folhas fazem tratamento

⁸⁵ HURBON, Laënnec. *Comprendre Haïti. Essai sur l'État, la nation, la culture*, 1987, p. 21.

⁸⁶ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p.159.

⁸⁷ JOINT, Gasner. *La Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 158.

por infusões e banhos preparados. Segundo os *hungans*, eles são conduzidos e orientados pelos *loas* para poder tratar um doente⁸⁸. Na verdade, no Haiti, a grande maioria de família, quando tem uma pessoa doente, visita um *houngan* antes de ir ao médico. Além dessas funções, existem mais outras que o Vodou desempenha na sociedade haitiana e que apresentaremos na abordagem antropológica, como também na abordagem cultural. Resumindo, as diferentes funções do Vodou são: terapêutica, política, jurídica, educativa, moral, social, cultural e religiosa.

1.3 Abordagem cultural do Vodou

A cultura depende do poder de idealização coletiva e dos campos de conteúdo inorgânico e orgânico que disponham os grupos sociais. Da cultura implica saber duas coisas fundamentais. Primeiro, ela é universal como sendo aquisição humana, mas cada uma de suas manifestações locais ou regionais pode ser considerada como única. Segundo, ela é estável, mas é também dinâmica e manifesta mudanças contínuas e constantes⁸⁹.

O Vodou é cultura, pois, conforme Clerismé⁹⁰, para Taylor, a cultura é um conjunto complexo que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e todas as outras habilidades e hábitos que adquire o ser humano como membro de uma sociedade. Nessa mesma linha, segundo Clerismé⁹¹ para Guy Rocher, a cultura é um conjunto ligado à maneira de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizado. Implica a convivência e a partilha de uma pluralidade de pessoas que servem objetivamente e simbolicamente ao mesmo tempo. Esse modo de vida insere as pessoas em uma coletividade particular e distinta. Sendo assim, podemos apresentar o Vodou como base da cultura haitiana. O Vodou engloba toda forma de ser e existir do ser haitiano. Tomando-o como cultura, pode-se afirmar que, sem sombra de dúvidas, o Vodou é patrimônio comum do ser haitiano. Iremos demonstrar isso, ao tratar-se de uma breve gênese da cultura haitiana, aprofundando o Vodou como folclore (*folklore*) do povo haitiano, como cultura de base e modo de ser haitiano.

⁸⁸ NERESTANT, Marcila. *Religion et politique en Haiti 1804-1990*. Karthala, 1994, p. 144.

⁸⁹ DEROSE, Rodolphe. *Caractère culture Vodou: Formation et interpretation de l'individualite Haitienne*, 1955, p. 15.

⁹⁰ CLERISMÉ, Calixte. *Elements de sociologie*, 2004, p. 87.

⁹¹ CLERISMÉ, Calixte. *Elements de sociologie*, 2004, p. 87.

1.3.1 Gênese da cultura haitiana

Como nasce a cultura haitiana? E como o Vodou se incorpora nessa cultura? Estas interrogações serão a nossa preocupação ao empenhar-nos na gênese da cultura haitiana. Assim, levantaremos três pontos. O primeiro é referente à expressão “de *Taino* a escravos africanos”⁹², que se refere à terra haitiana que se tornou a atual nação haitiana⁹³. O segundo diz respeito à formação da língua crioula e o terceiro recorre às primeiras manifestações religiosas da cultura haitiana.

Com efeito, os índios habitavam a ilha já em torno de 4.000 anos antes de Cristo. Quando os europeus chegaram à ilha encontraram uma civilização de seis mil anos, cheia de valores. Diríamos que, no plano político, os *Tainos* já tinham uma forma de organização sócio-político e igualitária. No plano social praticavam o casamento poligâmico, havia um sistema de jogos e divertimento, cantavam e dançavam as músicas no ritmo de samba⁹⁴. Os *Tainos* praticavam cultos aos espíritos e tinham *Zemes* como intermediários dos sacerdotes chamados *butios*. Os *butios* eram conhecidos também como *shamans*, que quer dizer, médicos.⁹⁵ “A confiança em sua ciência e em seu poder era tal que o privilégio de tratar os doentes era exclusivamente reservado a eles. Em seus tratamentos, empregavam folhas e raízes (*simples*) ou drogas feitas com plantas nativas, das quais só elas afirmavam conhecer as virtudes curativas”⁹⁶. Quanto aos *Zemès*, eram considerados como espíritos protetores individuais. Eram especialistas nas artes cerâmicas e escultura de pedra ou de madeira⁹⁷.

O sistema de transporte dos *Tainos* era mais marítimo que terrestre. Tinham uma agricultura bem fértil. Cultivam inhame, batata doce, amendoim, mandioca, milho e frutas como abacaxi, goiaba, damasco, mamão e graviola. Cassavam cobra, aves e insetos⁹⁸.

A Ilha de Santo Domingo, hoje conhecida como República do Haiti e República Dominicana, era uma população organizada, com uma civilização rica e complexa. A ilha não teve nada a ver com a questão de barbáries nem selvageria. Quando os europeus descobriram

⁹² Des *Tainos* aux esclaves Africains.

⁹³ Queremos dizer desde a existência dos *Tainos* até a chegada dos Africanos.

⁹⁴ BLOT, Jean Yves M. Quelques approches sur la culture haitienne. *Bulletin du Bureau d’Ethnologie*, p. 20.

⁹⁵ La confiance en leur science et en leur pouvoir était telle que le privilège de soigner les malades leur était exclusivement réservée. Dans leurs traitements ils employaient des “simples” ou des drogues faites avec des plantes indigènes, dont ils prétendaient seuls connaître les vertus curatives’ (BELLEGARDE, 2004, p. 19).

⁹⁶ BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*, 2004, p. 19.

⁹⁷ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d’inculturation en Haïti*, 1999, p. 22.

⁹⁸ BLOT, Jean Yves M. Quelques approches sur la culture haitienne. *Bulletin du Bureau d’Ethnologie*, Presse National d’Haïti, n.1, p. 13-53, 2005, p. 20.

a ilha tudo estava em ordem. Foram eles que trouxeram, por meio de seus comportamentos e ações, a barbárie e a selvageria⁹⁹.

O encontro entre os *Taiños* e os Europeus no Haiti permanece um encontro amaldiçoado. Cristóvão Colombo, ao descobrir a ilha, com todo seu projeto de interesse para arrecadar ouro, instituiu a seguinte lei: todos os índios da ilha que já completaram catorze anos no mínimo, devem coletar uma quantia de ouro a cada três meses. Ele a recebia em troca de um símbolo de cobre. Cada vez que encontravam um índio sem este símbolo, os espanhóis cortavam suas mãos. Foi desta forma que iniciou a famosa civilização dos índios no Haiti, em nome do ouro. Uns dez anos mais tarde destruíram completamente os índios e começaram o tráfico dos negros da África para substituir os pobres índios¹⁰⁰.

Assim, a partir de 1503 a 1517 os descendentes africanos começaram a ser transportados para o Haiti dentro de condições desumanas, para serem escravizados. O povo haitiano é o resultado do tráfico dos negros, de diversos países da África, com costumes, tradições culturais e religiosas diferentes, afetado pelo clima das Antilhas, pela introdução do Cristianismo e pelo contato com a civilização europeia¹⁰¹.

No que diz respeito à formação e à língua crioula, ousamos dizer que segue o mesmo processo do qual nasceu à população haitiana atual. A língua crioula é o veículo do pensamento da população haitiana. A palavra “crioulo/crioula” designa o nativo da terra, conforme sua origem portuguesa e espanhola. Como língua, é uma mistura entre as línguas europeias, africanas e indígenas que permitiam a comunicação entre os escravos. A língua mais predominante no crioulo haitiano é o francês, misturado com vários idiomas africanos. Também existem algumas expressões de inglês e espanhol. O crioulo é linguagem mais expressiva para uso no Vodou¹⁰². As grandes cerimônias do Vodou acontecem em crioulo.

Referente às primeiras manifestações religiosas, aludimos que as características dominantes da cultura Haitiana é o elemento religioso conhecido como Vodou. A sua formação seguiu o mesmo processo que tem desempenhado para a constituição do povo haitiano e para fixação de sua linguagem. O Vodou é resultado da fusão de todas as formas de cultos dos ancestrais com o Cristianismo. O Vodou serviu como elemento unificador dos escravos. Os escravos eram proibidos de praticar este culto. Mas os líderes da resistência dos escravos

⁹⁹ BLOT, Jean Yves M. Quelques approches sur la culture haitienne. *Bulletin du Bureau d'Ethnologie*, Presse National d'Haïti, n.1, p. 13-53, 2005, p. 21.

¹⁰⁰ BLOT, Jean Yves M. Quelques approches sur la culture haitienne. *Bulletin du Bureau d'Ethnologie*, Presse National d'Haïti, n.1, p. 13-53, 2005, p. 22.

¹⁰¹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 23.

¹⁰² JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, P. 25.

aproveitaram deste espaço para veicular suas ideias contra o processo de desumanização. Reinterpretaram o ensino dos missionários em termos de revolta e vingança¹⁰³. Do ponto de vista cultural, o Vodou nasce como fruto do contato com as tradições trazidas da costa ocidental e do Congo, no continente da África, com a cultura religiosa dos colonos europeus¹⁰⁴.

1.3.2 O Vodou como *folklore* do povo haitiano

Por que se trata do Vodou como *folklore* do povo haitiano? Segundo William J. Thoms, o termo *folklore* é formado de duas palavras saxãs, da forma literal *folk*, que significa povo, e *lore*, saber. Em inglês *the lore of the people*, o saber do povo. Não sabemos determinar exatamente uma ciência específica que ocupa dessa área. De ponto de vista histórico, o folclore de um povo tem o papel das leis não escritas, uma lei codificada. Assim, diríamos que o folclore é uma história não escrita. É a história não escrita do povo primitivo¹⁰⁵.

No curso de desenvolvimento da vida civilizada, a grande parte dos antigos costumes, maneiras, cerimônias e observâncias dos tempos passados foram rejeitadas pelas camadas superiores da sociedade e são gradualmente conhecidas como superstições por serem tradições das classes pobres. Por isso o Vodou é tratado como folclore do povo haitiano. Entendemos essa designação no sentido que engloba toda a cultura do povo que não foi assumida na religião oficial ou na história da civilização pelos estrangeiros. Folclore é tudo que foi considerado como costumes grosseiros, supersticiosos, associados aos animais, às flores, às aves, às árvores, aos objetos locais e a todos os eventos da vida humana. O folclore é entendido como a crença na feitiçaria, nos espíritos, nos provérbios locais, nos nomes populares, enfim, engloba todo o imaginário local¹⁰⁶.

Segundo Duvalier e Denis, folclore é a expressão mais alta da alma de povo e remete à cultura popular nacional, ao conhecimento do ser haitiano. Diríamos que, fora desse aspecto, será impossível apreender o real haitiano por uma orientação social conforme os dados da sociologia moderna. A cultura Vodou apreende todo o imaginário do ser haitiano, a sua maneira de compreender as realidades do mundo. Disto resulta que o folclore tem um papel

¹⁰³ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, P. 26.

¹⁰⁴ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, P. 27.

¹⁰⁵ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethnographie*, 1928. P. 12.

¹⁰⁶ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethnographie*, 1928, p. 12.

preponderante na cultura haitiana. É a memória viva do ser haitiano¹⁰⁷. Tratar o Vodou como *folklore* é apontar para uma história oral na sociedade haitiana. Essa história se aprende com mais rapidez do que todo tipo de conhecimento que se oferece. Torna-se automaticamente uma história hereditária. Destarte, o folclore é uma das ciências mais eficazes para conhecer e compreender o ser humano e sua cultura. Para Herskovits, o folclore é a expressão mais tangível dos aspectos de uma cultura, é um poderoso instrumento educativo¹⁰⁸.

Por essa abordagem cultural, conclui-se que o termo folclore nos faz pensar diferente daqueles que visualizam no culto Vodou uma prática de feitiçaria, de magia ou superstição. Claro, nosso estudo não pretende defender um culto Vodou puro, mas apenas valorizar seus elementos positivos.

A obra de Price-Mars apresenta o Vodou como folclore do Povo Haitiano. Trata-se do Vodou como o traço cultural distintivo da maioria da população. Do ponto de vista político, o Vodou é posto como ponto de convergência cultural dos haitianos autênticos, é um ponto central na cultura haitiana¹⁰⁹.

Para Duvalier cada país tem seu folclore. Este último faz parte integrante de seu patrimônio. Ele mostrou que vários países possuem seu folclore e insistiu que precisamos valorizar o próprio folclore haitiano para que todos os intelectuais possam usufruir das riquezas da literatura nacional. Segundo Duvalier, se não se valorizar o Vodou, jamais poderá haver uma personalidade coletiva na nação haitiana. Para isso, fez um apelo para que o povo deixasse de envergonhar-se das tradições, das etnias e da cultura do país¹¹⁰.

1.3.3 O Vodou como cultura de base e modo de ser haitiano

À primeira vista, o que é uma cultura de base? É o fundamento da existência do ser de uma nação. É o cume e a fonte que permite descobrir a essência de um povo específico. O Vodou é uma cultura porque nele o ser haitiano sente-se em sua casa: o ser humano vive na cultura como em sua casa e nela acontecem às reações humanas sociais, nela as pessoas estruturam sua vida, como afirma Boff¹¹¹. Nela também acontece à relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com o além da vida, com as tradições e com Deus.

¹⁰⁷ PHILOMÉ, Bellard. Les expedition. *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, 1980, p. 65.

¹⁰⁸ PHILOMÉ, Bellard. Les expedition. *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, 1980, p. 65

¹⁰⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 116-117.

¹¹⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 117.

¹¹¹ BOFF, Leonardo. Evangelizar a partir das culturas oprimidas. In: SUESS, Paulo. *Culturas e Evangelização*, 1991, p. 139.

O Vodou é apresentado como cultura de base do ser haitiano, o seu cimento. Isto é fonte de inspiração própria ao ser haitiano. A escola dita indigenista de 1930 defende que a cultura haitiana tem como fundamento o Vodou. Considera o Vodou como substrato da cultura haitiana. Para Lesly Manigat, o Vodou não só um traço cultural importante, mas é uma cultura de base. Ele defendeu que o Vodou é uma cultura, autêntica cultura de base e deve ser tratado como tal no quadro de uma política cultural de progresso¹¹².

O Vodou é um valor que deve ser transmitido de geração em geração. Essa abordagem cultural do Vodou merece reagrupar intelectuais de diversas disciplinas científicas¹¹³.

Como modo de ser haitiano no mundo, trata-se de uma maneira própria do haitiano estar no mundo. O Vodou para o haitiano é uma filosofia e uma visão metafísica. Segundo Saint-Louis, apesar da ocidentalização do ser haitiano, todos os haitianos, de qualquer quadro social, são identificados com o Vodou no seu ser profundo. Sem distinção de classe social, todo ser haitiano, além da aprendizagem escolar e religiosa, acredita em outras coisas. Por isso, busca sempre outros detentores do saber, tais como, o *houngan*, *le papaloi*, *prêtre Vodou*¹¹⁴.

Trata-se do Vodou como espaço de concentração da cultura haitiana. O ser haitiano, indistintamente de sua religião, é *vaudouïsant* na alma. Fora do universo Vodou, segundo os intelectuais haitianos, não se pode definir o ser dos haitianos. É considerado o Vodou como um valor cultural que deve ser transmitido de geração em geração. A percepção cultural do Vodou é legítimo. Pertencer à cultura do Vodou não significa ter alguma relação direta aos *loas* ou *Granmèt*, ou crenças aos *loas*. O haitiano sente parte integrante do Vodou mesmo que nunca se apresente dentro de centro de culto Vodou. Ser *vaudouïsant* é cultura inerente à pessoa. Assim, trata-se do Vodou como modo de ser no mundo. O Vodou é maneira de vida e cultura do ser haitiano. Para o haitiano o Vodou é o todo¹¹⁵.

Isso nos faz perceber, em primeiro lugar, o primado da compenetração do mundo sobrenatural no mundo natural. O haitiano em sua própria convicção concebe o mundo como sendo um universo aberto. Portanto, esta abertura se estende às forças invisíveis. Por causa desta visão, o ser haitiano encontra dificuldade em aceitar os fatos naturais do universo. O mundo sobrenatural sempre tem poder sobre o mundo natural. O ser haitiano está aberto a qualquer outro tipo de conhecimento tal como doutrina cristã e o modo de pensar filosoficamente, mas, em seu nível místico e transcendental, revela a cultura do Vodou como autoridade capital para explicação de todos os fenômenos. A questão fundamental é que o

¹¹² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 116.

¹¹³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 117.

¹¹⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 118.

¹¹⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 118.

sentido da vida no Haiti está posto à luz do universo Vodou¹¹⁶. Assim, trataremos de uma abordagem antropológica do mesmo que nos permitirá compreender melhor quem é o ser haitiano e sua maneira de penetrar no universo.

1.4 Abordagem antropológica do Vodou

Quem é o ser haitiano? O ser haitiano é fruto do universalismo. Assim como já expressamos acima, é formado por várias influências do meio físico e social. Por corrente do universalismo referimo-nos ao estabelecimento do colonialismo e do Cristianismo, que foram uma só coisa na colonização europeia do Haiti. No entanto, é preciso dizer que o ser haitiano, por mais que seja misturado com outras nações, permanece como sendo simplesmente haitiano¹¹⁷.

Nesta abordagem antropológica nos parece necessário tratar primeiramente a representação africana no Haiti. Para isso, nos referimos ao significado do Vodou desde a África. Em certos países africanos, tais como, Daomey e Togo, o Vodou era conhecido pelo nome *deus*, um *espírito*. Os servos eram conhecidos como *hounsi*. Na linguagem *fon* chama-se o Vodou de *hû*, que significa a divindade masculina e *si* a divindade feminina. O sacerdote é conhecido como *houngan*. Os acessórios do culto são conhecidos com os nomes Daomé, tais como, *gôvi* - jarros; *zê* - pote; *asô* - chocalho sagrado; *azê* - emblemas sagrados; *hântô* - tambor¹¹⁸.

Entre o africano na diáspora e o africano na África existe já uma separação de vários séculos. Existem pensamentos e compreensões diferentes do universo. O que significa a África para o ser Haitiano? A África é um continente mítico.

Do ponto de vista antropológico, a religião de um povo é o espaço onde o ser humano faz a sua experiência pessoal e comunitária. O Vodou é o mundo de experiência pessoal e comunitária do ser haitiano, é a religião desse povo, uma religião que justifica o modo de pensar e o modo de ser e existir como haitiano. Um dos exemplos mais palpáveis diz respeito à morte e à doença que não são consideradas como fatos naturais. Na concepção haitiana, o ser humano não nasce para morrer e a doença não é um fato normal. Por isso, no momento em que acontece uma desses dois fatos, precisa-se saber o porquê. E este porquê está relacionado

¹¹⁶ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 119.

¹¹⁷ DEROSE, Rodolphe. *Caractere culture Vodou: Formation et interpretation de l'individualite Haitienne*, 1955, p. 78.

¹¹⁸ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou haïtien*. 1957, p. 21.

a alguém ou a algo que o próprio paciente fez. Assim, de forma geral, concebe-se a origem das doenças no sobrenatural: um espírito invocado, um mal feito por meio de um ritual, um pecado a pagar são as causas do malefício. A ciência não tem a autoridade para determinar as causas (as doenças). É muito mais confiável a comunicação com o universo dos *loas* para diagnosticar a pessoa em vista de descobrir a fonte de sua enfermidade.

A concepção religiosa do ser haitiano é outro fator antropológico vinculado ao Vodou. O haitiano acredita num ser supremo, tem fé numa certa sobrevivência dos defuntos, cultiva respeito da hierarquia familiar e senso de solidariedade entre os membros do mesmo grupo. Há uma grande valorização da vida humana e, nessa linha, o Cristianismo lhe serviu como trampolim. Não é tão simples compreender de ponto de vista antropológico os valores profundos do Vodou como sendo uma cultura. São os praticantes do Vodou e as pessoas de experiências que podem ajudar a compreender esse universo. Compreender o Vodou exige uma visão de dentro para fora¹¹⁹. Assim sendo, apresentaremos a compreensão dos sacramentos no Vodou e exporemos a questão do casamento místico, da vida além da sepultura e do sentido da morte.

1.4.1 A compreensão dos sacramentos no Vodou

No Vodou se cultiva uma visão geral dos sacramentos. Além dos sete sacramentos da Igreja Católica, interpretados segundo o universo vodou, considera-se também todos os espaços sagrados como sacramentos. Esses espaços podem ser uma fonte de água, o lugar onde moravam os antepassados, uma árvore antiga, as plantas que servem como medicina. Mas, para não estender muito a nossa reflexão, apenas nos referiremos a alguns sacramentos, a saber, o batismo e a eucaristia, para demonstrar como são vistos e percebidos no universo Vodou. Por falta de método de evangelização, pela carência da educação, os sacramentos, na mentalidade do ser haitiano, são considerados como um exorcismo para se libertar do demônio, de bruxos ou satanás. A compreensão do sacramento do batismo, como de tantos outros sacramentos, está vinculada à mesma concepção popular originária da antropologia do Vodou. O batismo, na concepção cristã, significa a inserção da pessoa na comunidade, mas na visão popular haitiana o batismo é feito para conceder à pessoa um Bom Anjo - *Bon Ange*. Antes de ser batizada, a pessoa é reconhecida como um ser humano deficiente. Quanto ao

¹¹⁹ AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 47.

sacramento da Eucaristia, na Igreja Católica, ele é concedido para alimentar espiritualmente a fé. No Vodou a Eucaristia serve como remédio e força para o corpo e os músculos humanos¹²⁰.

1.4.2 Casamento místico no Vodou Haitiano

Nesta parte propomo-nos trabalhar o casamento do ser humano com a divindade e a influência do mesmo no sacramento do matrimônio cristão. O que é um casamento místico no Vodou? Os praticantes do Vodou, em busca de proteção, fazem aliança com um *loa*. Comprometem-se num tipo de casamento especial. O *loa* lhe serve como anjo da guarda. A iniciativa do casamento pode ser da parte da pessoa ou da parte da divindade que deseja adquirir um vínculo mais estrito com o fiel. O casamento é um compromisso sério, é uma obrigação que leva a recompensa conforme a forma de assumir as responsabilidades. Nesse casamento, a pessoa e a divindade têm um dia especial no qual um se dedica ao outro. A aliança é feita por meio de palavras rituais e a troca dos anéis em sinal de fé prometida. A partir dessa Aliança, são cientes de que haverá um destino comum e cada um pode contar com o outro¹²¹.

O casamento místico apresenta certas exigências para quem o deseja. Assim, conforme a divindade exige, há a compra de roupas especiais, de perfumes, correntes de ouro, bolos, vinhos especiais e licores. Por causas dessas exigências, algumas pessoas, às vezes, não aceitam o pedido de casamento das divindades. Quem já assumiu um compromisso com uma divindade antes de casar com uma pessoa, precisa obter a permissão da divindade, senão o seu cônjuge não viverá por muito tempo após o casamento. Geralmente é recomendado que quem já está comprometido com uma divindade continue vivendo como solteiro ou solteira¹²².

A classe social que mais adere a esse casamento é a classe média, ou seja, pessoas que possuem meios econômicos. O local desse casamento é sempre o *Peristyle*. Os elementos religiosos que se usam são: uma mesa com vela, água benta, um missal e outras coisas variadas conforme o pedido da divindade escolhida. Dois diagramas conhecidos como *Vèvè* são postos no chão ao redor do altar. Um representa o coração de *Erzulie* e outro representa uma serpente conhecida como *damballah*. A seguir, inicia a celebração pelo batismo da roupa conjugal. Os responsáveis pelo culto no *Peristyle* cantam e convidam com gestos as testemunhas do casamento para se aproximarem. Cada objeto que faz parte integrante do

¹²⁰ SOUFFRANT, Claude. *Sociologie prospective d'Haïti. Essai*, 1995, p. 106.

¹²¹ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*, 1958, p. 189.

¹²² MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*, 1958, p. 189.

casamento tem que ter um casal como testemunha. Salmodiam alguns salmos da Bíblia e fazem algumas orações especiais. Então, perguntam a quem deseja casar com a divindade se o quer fazê-lo por sua própria vontade. Em seguida, pedem que as madrinhas repitam o nome dos objetos que serão batizados. Por fim, o *père Savane* asperge com água benta cada objeto¹²³.

Como acontece o casamento? Se for uma mulher o casamento será com *Damballah*. Essa mulher é convidada a dançar. A dança simboliza o momento solene do casamento. Logo depois disso, o *père Savane* convida a mulher para sentar-se no centro do *peristyle*, chamado de *Poteau-mitan*. Ao lado da mulher, *le père Savane* faz umas orações. Depois disso, invoca alguns deuses africanos com a sineta conhecida como *tchatcha*. A pessoa que está se casando fica um pouco nervosa e inquieta. Seu corpo passa a tremer de vez em quando. Mas se controla diante da violenta emoção. A pessoa entra em *transe* ou fica possuída. Se for uma mulher, *Damballah* incorpora-se nela, mas se for um homem, *Erzulie* incorpora-se nele. *Le père Savane* continua entoando alguns cânticos. A pessoa se dirige para um quarto do santuário e veste-se com roupa branca. Ao sair do quarto, a pessoa é segurada pela mão de duas outras pessoas e faz três piruetas para cumprimentar o presidente da cerimônia. A madrinha e mais outra pessoa acompanham a noiva para ir ao altar. Novamente se faz a pergunta se é de livre e espontânea vontade que quer se casar com a divindade. Feito isso, fazem a troca de aliança e a leitura da ata do casamento¹²⁴.

Esse casamento místico do Vodou tem influenciado o sacramento do matrimônio que a Igreja Católica celebra. Sob essa influência nasce o *plaçage* como tipo de manifestação sociológica do Vodou. O sacramento do matrimônio é um compromisso sério como o casamento místico. Então, nem todos o podem assumir. Por isso, no Haiti, a maioria das famílias, sobretudo as famílias pobres, vive no *plaçage*, que é o primeiro passo mais sério antes do casamento. Nesse caso, o *plaçage* pode ser temporário, concubinação monogâmica ou poligâmica.

Casamento na sociedade Haitiana é uma etapa decisiva na vida. É sinal de maturidade e de responsabilidade. É de ordem da procriação e da educação dos filhos. No casamento há a ideia de que a família está em condição de ajudar moralmente a sociedade e a humanidade. O casamento implica muitos gastos. Gastos para organizar a festa do casamento e festejar bem com os parentes e amigos. Estes são alguns dos motivos que levam as pessoas a assumir apenas uma união livre, embora permaneça o profundo desejo de se casarem. Este tipo de

¹²³ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*, 1958, p. 190.

¹²⁴ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*, 1958, p. 190-191.

união livre com o desejo de casar é conhecido como *plaçage* temporária. É um momento transitório para casamento religioso. Esta união preenche todas as exigências de um casal, apenas não é reconhecida civil e religiosamente. Portanto, não é uma forma de desprezar o valor do sacramento matrimonial, mas implica um profundo respeito para este sacramento. *Plaçage*, concubinação já é diferente. Significa que não haverá casamento. Estes casos se encontram mais nas favelas, nos lugares onde a pobreza é forte¹²⁵.

Como o casamento é um momento decisivo na vida, a maioria das pessoas, antes de se comprometer com alguém no religioso, busca saber misticamente como será o futuro com a pessoa escolhida. O lugar privilegiado deste conhecimento é no *houmfort*. Se já for um membro ou adepto Vodou antes do casamento, invoca os espíritos para saber se a escolha do parceiro é aprovada. Às vezes fazem ofertas às *loas* para que o lar matrimonial seja feliz¹²⁶.

1.4.3 Vida além da sepultura e sentido da morte

Como se interpreta a questão da morte e dos mortos no ponto de vista antropológico a partir do Vodou? Existe no Vodou a questão dos novíssimos, ou seja, questões que dizem respeito à vida além da sepultura. A vida não termina com a morte, mas prossegue. Depois da morte não haverá nem sanção nem julgamento, mas a alma permanecerá sob a água por um tempo. O seu destino final é indeterminado. Acredita-se que as almas boas voltarão ao misterioso mundo africano¹²⁷. Como se compreende a alma, então?

Quanto à alma, os praticantes do Vodou defendem que esse princípio se encontra nos seres humanos, nos animais, nos elementos da natureza, nos alimentos. Assim, conforme a interpretação da tradição do Vodou, tudo o que tem movimento ou vida possui alma¹²⁸. Mas o ser humano é um indivíduo que possui duas almas, a *ti bonanj* e a *gwo bonnanj* - pequeno bom anjo e grande bom anjo. Segundo essa visão, a alma pode deixar, por um instante, a sua morada corporal e viajar para visitar os ancestrais africanos¹²⁹.

Tal concepção antropológica do Vodou fornece ao ser haitiano uma maneira própria e distinta de conceber a vida que é sagrada. O segredo e o valor da vida fazem com que o *vaudouisant* considere quem destrói a vida como pecador e filho do diabo. Este respeito para

¹²⁵ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 174.

¹²⁶ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haïti*, 1999, p. 176.

¹²⁷ KERBOULL, Jean. *Le Vaudou: Magie ou religion?* 1973, p. 145.

¹²⁸ FLORENT, François. *Le Vaudou en Haïti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 54.

¹²⁹ FLORENT, François. *Le Vaudou en Haïti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*, 2004, p. 54.

com a vida leva o haitiano Vodou a encontrar o sentido do mistério perante a morte. Deste ponto de vista, a morte para o ser haitiano Vodou é, ao mesmo tempo, um fim e um começo. No universo Vodou a morte leva a pensar e a refletir sobre a existência do ser humano. Depois da morte a vida não termina. O indivíduo continua sendo ativo. Depois da morte sua missão será de interceder e proteger a família. As pessoas mortas continuam cuidando da família¹³⁰.

Segundo Augras, a morte é compreendida como uma trajetória vital. O ser humano que vive conforme sua realidade interna está maduro para a morte, que lhe permitirá passar deste mundo para a vida eterna. Apenas o que devemos anotar é que, ao morrer, uma pessoa iniciada precisa “reestruturar todas as relações dentro do sistema para assegurar a correta distribuição das forças sagradas. Quando mais importante a posição da pessoa falecida na comunidade, mais complexo e imprescindível é o ritual”¹³¹.

A crença na vida além da morte exige algumas preparações do corpo mortal para eternidade. Requer uma boa despedida misturada com alegria e tristeza. E isto resulta no culto aos mortos, uma vez que eles são considerados como a terceira categoria sobrenatural a receber culto. Depois da morte, vários cultos lhes são dedicados com desejo de obter a proteção dessa pessoa morta durante o resto da vida das pessoas que ainda permanecem na família¹³².

Como já dissemos, para o praticante do Vodou, e como também na visão popular haitiana, o ser humano possui duas almas. O “grande bom anjo” e o “pequeno bom anjo”. O primeiro refere-se à alma como a concepção cristã e praticamente segue a mesma compreensão do Cristianismo, pois concebe o corpo e a alma como uma unidade. O pequeno bom anjo é um espírito de origem africana. Serve como proteção à pessoa. A morte é vivida como a realização do sonho de toda uma vida e dá lugar a ritos que levam a transparecer certa festividade¹³³.

Depois da morte a família celebra o encontro do grande bom anjo com o pequeno bom anjo. A família organiza uma festa sacrificial. Essa festa acontece praticamente no outono, em dois tempos. Primeiro se celebra uma missa em honra ao grande bom anjo. Em outro momento se realiza uma cerimônia de Vodou em honra ao pequeno bom anjo. Na segunda cerimônia se invoca o *Loa* protetor, que é convidada a comer e a beber em memória do defunto e lhe recomenda de continuar sua bondade para com os membros vivos da família¹³⁴.

¹³⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 120.

¹³¹ AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô*, 1983, p. 91.

¹³² MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou haïtien*, 1958, p. 216.

¹³³ DENIS, Carl. *Pour comprendre*. 1997, p.77.

¹³⁴ ALSAIN, Jean Osner. *Le phénomène de la mort et la mentalité paysanne. Cahier de Folklore et des*

A esperança da entrada da pessoa do universo infinito exige atitudes da família. São alguns rituais obrigatórios para todo ser humano mortal a higiene mortuária, o velório, o enterro, a novena e o luto.

1.5 O Vodou e o Cristianismo no curso da história haitiana

Para falar sobre o Vodou e o Cristianismo no curso da história haitiana analisaremos, primeiramente, a situação do Cristianismo representado pela Igreja Católica a partir de 1804. No segundo passo será feita uma abordagem crítica da Igreja Católica face ao Vodou, no período de 1860-1960. O terceiro passo tratará da abordagem crítica das outras denominações cristãs face ao Vodou. Por fim, faremos uma análise da abordagem crítica do Vodou face ao Cristianismo.

1.5.1 Situação do Cristianismo representado pela Igreja Católica a partir de 1804

O Haiti não conhecia outra denominação religiosa cristã que não fosse Igreja Católica durante o tempo da colonização francesa. Mas as lutas revolucionárias entre os anos de 1791 a 1804, conduzidas pelos escravos, cujo resultado foi a proclamação da independência do país no início de 1804, aboliram não só a escravidão, mas também provocou o desenraizamento dos colonizadores europeus, junto com sua instituição religiosa, a Igreja Católica. Ela legitimava a opressão e a exploração, principalmente, por meio dos missionários franceses Jesuítas e Dominicanos. Vale dizer que, no período de 1804 a 1860, a Igreja Católica não possuía uma hierarquia própria na sociedade haitiana, pois estava sob o controle do poder político. No decurso desse período a única religião que floresceu no país era a religião do culto Vodou¹³⁵.

A assinatura da Concordata a partir de 28 de março de 1860 foi uma refundação da Igreja Católica no Haiti. Essa Concordata contribuiu fortemente para uma reorganização da estrutura pastoral da Igreja. Criou a arquidiocese de Porto Príncipe, Diocese de Cabo Haitiano, Gonaives e *des Cayes*. Fundou várias paróquias, o seminário menor, Colégio Saint Martial em Porto Príncipe e o Seminário maior haitiano na França em 1864. Quanto à

Traditions orales d'Haïti, Port-au-Prince: Antilles, sn., p. 13-24, 1980, p. 18.

¹³⁵ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle*: Des répère pour un dialogue. 2011, p. 30-31.

formação do clero haitiano, foram organizadas algumas associações de leigos, com a ajuda de alguns padres estrangeiros e de religiosos e religiosas de mais de cinco congregações. Por isso, no fim do século dezenove, o Haiti contava em torno de 200 missionários franceses e 75 paróquias¹³⁶.

A Igreja nesse momento teve como missão principal a erradicação do Vodou e reabilitação da supremacia da Igreja Católica romana no Haiti, que foi imposta como religião oficial de todo ser haitiano, ganhando o direito de usufruir do Estado a proteção de seus ministros bem como o que lhe for necessário. Mas a religião Católica, com a assinatura da Concordata, não é mais do que uma religião oficial, enquanto que a religião do povo haitiano permanece e continua sendo o Vodou¹³⁷.

A Concordata permitiu à Igreja Católica sair das catacumbas para se transformar em uma instituição forte e presente em todas as esferas da sociedade haitiana e reafirmar-se como verdadeira Igreja de cristandade. O presidente Geffrard Nicola lhe confiou a missão de civilizar a massa e iluminar o Haiti com seu catecismo. A Igreja trabalhou em comunhão com o Estado para o desenvolvimento econômico do país e para lutar contra toda a prática do Vodou. As práticas deste último receberam o nome de fetichismo e superstição¹³⁸.

Assim, uma religião que teve seu papel fundamental na luta para a libertação do ser haitiano na escravidão chegou a ser nomeada e reconhecida como religião de diabo. Como já dissemos acima, o Vodou teve um papel preponderante na unificação e a conscientização dos escravos para a conquista da independência. Se voltássemos ao período colonial, antes de 1804 e principalmente a partir de 1517, o Vodou serviria de força unificadora para os negros fugitivos chamados *les marrons*.

Segundo Fils-Aimé¹³⁹, o Vodou, antes da independência haitiana, já era considerado pelo Cristianismo como religião do diabo. Os escravos eram proibidos pela Igreja de praticar a sua religião de matriz africana. O Vodou já foi visto como superstição e como prática infantil. E pior, como religião satânica. Na visão colonialista, para evangelizar e civilizar esta sociedade, precisava-se eliminar o Vodou e a alma do negro.

Depois da conquista da independência o Vodou encontrou liberdade para se espalhar em todos os lugares do Haiti. A liberação dos escravos foi também um momento de liberação

¹³⁶ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des repère pour un dialogue*, 2011, p. 30-31.

¹³⁷ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 24-25.

¹³⁸ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des repère pour un dialogue*, 2011, p. 30-31.

¹³⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p.12.

de sua cultura e da religião do culto Vodou. Mas, infelizmente, após a Concordata, o Vodou encontrará oposição da Igreja e das autoridades civis. Os novos missionários católicos viram no Vodou, na cultura popular haitiana, um grande obstáculo para a Evangelização.

1.5.2 Abordagem crítica da Igreja Católica face ao Vodou a partir de 1860-1960

Os Bispos, depois de assinatura da Concordata, escreveram muitas cartas condenando o Vodou. Temos as cartas pastorais de Dom Jean-Marie Alexis Guiloux, o segundo arcebispo de Porto Príncipe (entre 1870-1875); de Dom Marie François Kersuzan, o segundo Bispo de Cabo Haitiano (entre 1886-1929) e Dom Paul Robert, o segundo Bispo *des* Gonaïves (entre 1936-1966). Todos estes bispos tiveram como preocupação única a erradicação do Vodou. Escreveram inúmeras cartas e outros documentos a respeito disso. Além das cartas, vários Atos de Sínodos e de Concílios provinciais eram realizados para combater o Vodou. As catequeses da Igreja Católica eram voltadas contra o Vodou. Nas missas, as homilias eram contra a religião. Poderíamos dizer que, conversão passou a ser unicamente a não prática do Vodou e nada mais¹⁴⁰.

A concordata de 1860 abriu as portas para dois grandes sistemas simbólicos para dominar a alma haitiana. Já dissemos que a concordata legou à Igreja todo direito de combater o Vodou em nome da evangelização. Mas não se atenta que combater o Vodou no Haiti significa discriminar a identidade cultural da massa haitiana¹⁴¹. Com o objetivo de erradicar o Vodou, em 1863, oito praticantes do mesmo foram fuzilados. A conversão do povo haitiano significava simplesmente abandonar a cultura local e não uma transformação à luz do Evangelho. O bispo Kersusan criou, em 1894, o movimento “*antivaudouïque*”. Esse movimento era apoiado não só pela Igreja, mas também pelo Estado. Nesta luta contra o Vodou foram organizadas duas cruzadas. Estas eram denominadas campanhas Anti-supersticiosas. O objetivo era combater o Vodou e desenraizar a questão do sincretismo Católico-Vodou¹⁴².

O Vodou foi qualificado como superstição, magia, feiticismo, canibalismo, idolatria, paganismo e espiritismo. Os *loas* e a concepção do culto Vodou eram considerados como culto ao diabo, a satã, aos deuses falsos. Os *houngans* e as *Mambos* eram considerados como escravos de satãs, feiticeiros, mágicos, malfeitores e mentirosos. Os adeptos eram qualificados

¹⁴⁰ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*. 2011, p. 36-37.

¹⁴¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 24-25

¹⁴² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 25-26.

como primitivos e selvagens. Eram chamados servidores de satã, apóstatas, infiéis, pecadores públicos, antropófagos, criminosos e outros nomes depreciativos¹⁴³.

Os discursos da Igreja sobre o Vodou eram desdobrados em vários pontos como o Vodou e a prioridade apostólica da Igreja, o Vodou e a modernidade. As lutas contra o Vodou eram aprofundadas nos documentos oficiais da Igreja Católica. O manual da catequese da iniciação cristã teve como conteúdo:

Quem é o principal escravo de Satã? R. O principal escravo de Satã é o *houngan*. Quais são os nomes que o *houngan* dá a Satã? R. Loas, anjos, santos, morto, *marrassa*. Como as pessoas servem Satã? R. Quando praticam os malefícios da magia. *Manje lwa, manje lezanj, manje marrassa* e os *houngans* são malfeitores e mentirosos¹⁴⁴.

A Igreja se sentiu com o dever de lutar e combater o Vodou na sociedade haitiana. Ela fez da Evangelização um sinal de violência e de ódio contra o culto Vodou. Tornou-se uma Igreja que não se preocupa com o bem-estar das pessoas, mas que busca frustrar a massa. A preocupação em eliminar o Vodou perpassa por toda a vida da Igreja. Isso transparece nas posições oficiais dos bispos em relação à liturgia paroquial, como também nas catequeses. Cada padre recebeu a ordem formal para destruir o Vodou¹⁴⁵: “combater a ignorância e a superstição profundamente enraizadas nas massas e tão prejudiciais ao avanço do povo”¹⁴⁶, escreveu o Bispo Jean Marie Alexis Guilloux. Para Carl Edward Peters, a erradicação do Vodou representa o maior obstáculo do progresso econômico e social do país¹⁴⁷.

O problema posto aqui é de que existe vários movimentos em prol da erradicação do Vodou, e os membros afirmam ser católicos, só que católicos que praticam o Vodou. Parece antagônico, mas os praticantes do Vodou afirmam que negar o Vodou é negar a religião Católica porque, na concepção popular, aderir à fé católica é, de certa forma, estar em comunhão íntima com certas práticas do Vodou. Disso surge aquilo que chamamos de simbiose, pois, noventa por cento dos fieis católicos são também praticantes do culto Vodou¹⁴⁸. Deriva de tal fato a designação feita por outras denominações cristãs de que a própria Igreja Católica é Igreja do diabo.

¹⁴³ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*. 2011, p. 40.

¹⁴⁴ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*, 2011, p. 40-41.

¹⁴⁵ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*, 2011, p. 42-43.

¹⁴⁶ Guilloux Jean-Marie Alexi. *Le concordia*. Portt-au-Prince, 1867. Citado por FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*, 2011, p. 43.

¹⁴⁷ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme em Haïti à l'aube du XXI^e siècle: Des répère pour un dialogue*, 2011, p. 44.

¹⁴⁸ KERBOUL, Jean. *Le Vaudou: Magie ou religião*, 1973, p. 42.

1.5.3 Abordagem crítica das outras denominações cristãs face ao Vodou

Como já mencionamos, a presença e atuação de outras denominações cristãs no Haiti se dão somente a partir de 1816. A história do protestantismo iniciou somente doze anos depois da independência haitiana. Alguns huguenotes visitavam o país no tempo da colonização, mas não com missão evangelizadora¹⁴⁹.

As outras denominações cristãs foram implantadas no Haiti sob o governo de Petion, com objetivo de ajudar a civilizar a população haitiana. Assim, Stephen Etienne e Jhon Hancock são os dois primeiros missionários protestantes que foram pregar no palácio nacional a pedido do Presidente Petion, em 1816. Mais tarde, em fevereiro de 1817, chegaram mais dois missionários da Igreja metodista Wesleyenne de Inglaterra: J. Catts e J. Brown. São esses que iniciaram o trabalho de implantação do protestantismo em solo haitiano. Ao mesmo tempo, várias denominações protestantes surgiram no Haiti. Assim, entre 1816 a 1968, o Haiti conheceu mais do que trinta e oito denominações protestantes. Todas essas denominações se instalaram na capital do país. Aliaram-se com a elite intelectual no esforço de evangelização. Estas denominações tiveram como objetivo ajudar a civilizar o povo haitiano. Com esta missão civilizatória, o combate à religião do Vodou será considerado como prioridade pastoral. E foi assim que os encontros noturnos do Vodou favoreceram o renascimento de terríveis sociedades secretas africanas com suas crenças selvagens e suas práticas cruéis¹⁵⁰.

O protestantismo assumiu a missão de combater tanto o Vodou como também a religião Católica, ambas consideradas religiões do diabo, porque considerou o Catolicismo e o Vodou como única e mesma doutrina. O Deus do Catolicismo e do Vodou é um Deus diferente dos Protestantes. As denominações protestantes alimentam-se de ódio, preconceito, de rejeição e de combatividade contra o Vodou. Em 1823, os protestantes, usando de força, exigiram que a massa popular aceitasse Jesus. Aceitar Jesus, para eles, significa abandonar a religião Católica e o Vodou e professar a fé do protestantismo¹⁵¹.

Entre 1846 e 1941 a Igreja Católica organizou duas campanhas anti-supersticiosas contra o Vodou. Mais tarde o protestantismo organizará as suas cruzadas contra o catolicismo e o Vodou. A partir de 1915, na ocupação americana, o cristianismo inclui o protestantismo. Então, o catolicismo entra numa luta sem graça para poder erradicar o Vodou. Assim, o

¹⁴⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 38.

¹⁵⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 39-41.

¹⁵¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 41.

protestantismo servia como instrumento dos estadunidenses para manipular a cultura haitiana e o catolicismo servia, desde sempre, como instrumento da França para manipular a cultura haitiana. O protestantismo é a porta de entrada da influência de cultura dos Estados Unidos. Ser protestante é assumir a cultura estadunidense. Ser católico é ser europeu. Assim, a Evangelização é apenas um convite para negar a identidade local. Tanto os missionários protestantes como os missionários católicos, ainda que não o quisessem, promoveram um sincretismo encontro da cultura africana, europeia, estadunidense e autoctonia¹⁵².

Sabemos que a conversão é fruto de uma crise de consciência, mas no Haiti significa mais: vem do medo excessivo do espírito maligno. Nesse contexto, alguns haitianos são membros do protestantismo, não porque o Vodou e o Catolicismo não sejam considerados como uma religião pura e elevada, mas porque o protestantismo garante proteção contra os *Loas*. Portanto, podemos concluir que a missão do protestantismo se resume em ajudar os haitianos a fugir dos *Loas* e viverem na tranquilidade. Como escreve Métraux, “se vós quereis que os *loas* vos deixem em paz, fazei-vos protestantes”¹⁵³.

Segundo os adeptos do protestantismo, os membros de sua religião são imunes de todos os tipos de doença sobrenaturais. Afirmam que as doenças são manifestações do espírito mau. Para obter a cura é preciso ser membro do protestantismo. Este é o método usado para atrair fieis das outras denominações cristãs presentes no Haiti. Nesse sentido, também o protestantismo se torna o último recurso de cura que as pessoas procuram. Acontece que a maioria dos doentes procuram a religião do Vodou em vista de encontrar soluções das doenças através das medicinas naturais, tais como, banho, chás e expulsão dos mortos¹⁵⁴. Diante da impotência desses métodos, em certos casos, ocorre dos próprios *houngans* aconselharem as pessoas a procurarem uma denominação cristã. Apesar da Igreja Protestante considerar o Catolicismo e o Vodou como uma única família religiosa que precisa aceitar Jesus para poder se salvar, mas o Catolicismo e o Protestantismo ensinam que tal conversão é apenas uma revolta contra os *loas*¹⁵⁵.

¹⁵² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 41.

¹⁵³ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*. 1958, p. 312.

¹⁵⁴ Entenda-se como expulsão de espíritos/demônios.

¹⁵⁵ MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou Haïtien*. 1958, p. 313.

1.5.4 Abordagem crítica do Vodou face ao Cristianismo (Catolicismo e Protestantismo)

Diante da repressão do Cristianismo, o Vodou foi buscar sua maneira de sobrevivência. Desenvolveu-se uma nova estratégia de acomodação. Assim, aconteceu o que os adeptos do Católico e do Protestantismo chamam de sincretismo. O mundo dos *loas* faz correspondência com os santos Católicos, correspondendo ao calendário Católico. O Vodou reinterpreta os ritos e os sacramentos da Igreja Católica, fez corresponder o sistema de valores e de crenças em todos os símbolos do Catolicismo. Aplicou o dito “é preciso ser bom católico para ser bom membro do Vodou”. O Vodou demonstra que quer a comunhão e adaptação ao Cristianismo, mas esse último quer a separação total¹⁵⁶.

A Igreja Católica entende a Evangelização como catequizar os haitianos contra o culto Vodou. Esta catequese responde aos objetivos da Concordata: estabelecer a supremacia do Catolicismo e eliminar o culto Vodou na sociedade haitiana. Desta catequese surge a prática violenta de destruição dos objetos do culto Vodou. Elimina a cultura do povo como supersticiosa.

Esta maneira de evangelizar corresponde à mensagem do Evangelho? Não foi uma utilização do Cristianismo para outros fins contrários ao seu? Não se conseguiu, com tais atitudes, que o Cristianismo se opusesse à centralidade do Evangelho? O que percebemos é que os métodos repressivos utilizados durante as campanhas contra o Vodou traiu o Evangelho de Jesus Cristo, apóstolo do amor e da não violência¹⁵⁷. Assim, no segundo capítulo, procuraremos luzes para uma hermenêutica que nos permitirá incluir o Vodou no processo de Inculcação da evangelização no Haiti.

¹⁵⁶ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 41.

¹⁵⁷ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 41.

2 O HORIZONTE DO ENCONTRO DE DEUS PARA A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO

Na primeira parte do trabalho, apresentamos o Vodou no Haiti a partir de algumas abordagens que permitem compreender do que se trata. Isto foi apresentado de forma concreta e discutida à maneira que os autores o abordam. Sentimos que, falar do Vodou no Haiti, é descrever a própria realidade haitiana. Ignorar a reflexão sobre o Vodou é também ignorar a realidade do povo haitiano. Aludimos também que a população que mais concretamente participa no Vodou é a população dos pobres materiais e espirituais. Então, não dialogar com essa realidade é uma forma também de ir na contramão do Evangelho de Jesus Cristo. O Evangelho é anunciado para todos, a todos, com todos e, de modo especial, com os pobres, para os pobres e aos pobres, os preferidos de Deus. Agora, é necessária uma avaliação teológica, sempre em diálogo com o que sublinhamos, para descobrir até que ponto é possível incluir o Vodou num processo de Inculturação do Evangelho no Haiti. É a partir desta hermenêutica que poderemos determinar a maneira como o Evangelho pode ser boa notícia no Haiti, uma sociedade estruturada e marcada pela cultura do Vodou.

De fato, o Evangelho é tendência e força transcendental e universal no sentido transcultural. Ele não é ligado a uma cultura própria e também não fornece uma substância de fé supratemporal, por isso, é transcultural. O Evangelho, como Boa Notícia, deve ser uma mensagem universal aberta a todas as culturas e desafiadora a toda a humanidade. Mas também pode encontrar-se concretamente em culturas particulares como, por exemplo, na cultura judaica, judaico-helenística, helenista, carolíngia, céltica, românica, africana, asiática, latino-americana e, particularmente, na cultura haitiana, marcada pela simbiose ou sincretismo Vodou¹⁵⁸. “O encontro das culturas num processo de Inculturação [...] abre novos horizontes de compreensão e convivência”¹⁵⁹.

Assim, existe uma dialética entre a universalidade do Evangelho e o seu surgimento. Pelo Evangelho cada cultura é criticamente desafiada e transcendida. A transcendência do Evangelho não ocorre a não ser nas culturas particulares. É apenas na singularidade concreta que o Evangelho é capaz de ser revelação da universalidade da salvação que se origina em Deus. Os seres humanos são seres culturais, cada indivíduo, cada nação possui uma cultura

¹⁵⁸ SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana da salvação: Revelação de Deus*, 1994, p. 58.

¹⁵⁹ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 230.

própria e específica e nenhuma pessoa pode ser atingida integralmente fora da sua cultura. Desta maneira, ousamos dizer que a teologia em si, as afirmações bíblicas e os magistérios são contextuais e culturais, apesar de que pretende levar a linguagem e o anúncio universal do Evangelho¹⁶⁰. Assim sendo, vários elementos da cultura merecem ser aprofundados, tais como: o sincretismo, o movimento da revelação de Deus especificamente na Bíblia, a compreensão de Deus em diferentes culturas e a questão da Inculturação na perspectiva da Evangelização. Estes elementos serão nossa preocupação nesse segundo momento de nossa reflexão.

2.1 O sincretismo como recepção do Cristianismo

Para apresentar o sincretismo como recepção do Cristianismo, enfatizaremos num primeiro instante, o sincretismo como herança de todas as religiões e, num segundo momento, descreveremos seu acontecer entre o Vodou e o Cristianismo no Haiti. E, por fim, apontaremos o mesmo para uma avaliação crítica à luz da teologia.

2.1.1 Sincretismo como herança de todas as religiões

As religiões nascem do encontro entre culturas e costumes diferentes. Por isso concordamos com Tepe¹⁶¹ quando afirma: “nenhuma religião é dona da verdade absoluta. Todas as fórmulas doutrinárias das diversas religiões apontam na direção do Mistério inefável; nenhuma abarca plenamente o que é Infinito”. Apontando o sincretismo como herança de todas as religiões não significa que defenderemos o mesmo como princípio básico para uma evangelização inculturada, mas, pelo menos, chamar a atenção para reconhecer que esse fato é inevitável e não é uma prática em destruímento contra a prática cristã. É necessário ter consciência de que, entre as práticas dos adeptos da mesma religião, não há sincretismo, mas sim há simbiose, pois, a simbiose revela dois sistemas que caminham apenas se um está em comunhão com o outro. Ao contrário, o sincretismo acontece entre dois sistemas autônomos. Assim, no Haiti não sabemos até que ponto podemos falar de sincretismo entre o Vodou e o Catolicismo. A pessoa participa todos os domingos na missa, recebe todos os

¹⁶⁰ SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana da salvação: Revelação de Deus*, 1994, p. 59.

¹⁶¹ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 231.

sacramentos, paga seu dízimo, busca viver o Evangelho na sua essência, mas também procura o culto Vodou para resolver as necessidades básicas de sua vida pessoal e comunitária.

O que o sincretismo não é? Não é caricatura do Cristianismo. Não é propriedade das religiões ditas não cristãs que contem um conjunto de elementos em oposição à doutrina cristã. O que o sincretismo é? Modos de agrupamentos de doutrinas diferentes. Conforme Farris¹⁶², é um conceito usado em vários sentidos durante períodos históricos e contextos culturais diferentes. Na perspectiva de Farris¹⁶³, há dois modelos de sincretismo. Primeiro, se refere ao uso que uma religião faz de um conceito pertencente a outra religião. Sincretismo é uma característica de toda religião que saiu de sua cultura para ir ao encontro de outra. Este modelo de sincretismo é considerado como processo de tradução, é o esforço que uma religião emprega para transmitir sua mensagem fielmente às pessoas de/em outras culturas. Segundo, o sincretismo acontece quando uma religião integra alguns dos elementos, das ideias, dos símbolos que pertencem à outra cultura e essa integração modifica sua estrutura original. Esse modelo de sincretismo é considerado como processo de transformação. Em outras palavras, o sincretismo como tradução se dá quando traz elementos religiosos novos, mas não muda a estrutura original, enquanto que o sincretismo como transformação acontece quando há inclusão de elementos religiosos novos que modificam a religião original.

Para Hurbon¹⁶⁴, sincretismo é entendido como capacidade de coerência, coesão e assimilação. Toda religião se renova e sempre assimila elementos exteriores. O termo sincretismo é visto como falso conceito, uma vez que pressupõe apenas um olhar puramente exterior que o detém nas aparências puras. Será que existe nas religiões ou nas culturas elementos postos um ao lado do outro sem a coerência e sem uma ligação profunda entre si? Diante da manifestação do sincretismo, o que está em jogo, é um apelo urgente ao Cristianismo para poder entender que, em todas as religiões ou culturas, existe a capacidade de abertura ao outro. Não podemos considerar apenas o Cristianismo como única religião capaz de integrar as outras culturas ou religiões. Ao contrário, todas as culturas possuem seu método e suas consistências para integrar o outro¹⁶⁵.

Assim, o método propício para Vodou integrar o Cristianismo como cultura e religião é o sincretismo. Mas não é só o Cristianismo que o Vodou absorve e integra pelo sincretismo;

¹⁶² FARRIS, James Reaves. Ação pastoral e mágica: Evangelho e a cultura a luz do sincretismo. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 141-142.

¹⁶³ FARRIS, James Reaves. Ação pastoral e mágica: Evangelho e a cultura a luz do sincretismo. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 142.

¹⁶⁴ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 182.

¹⁶⁵ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 182.

íntegra, dessa forma, qualquer outra religião que se lhe aproxima. Mas nem por isso o Vodú é a única religião que sobrevive por meio do sincretismo. O sincretismo é propriedade de todas as religiões, especificamente, da religião cristã¹⁶⁶. Antes de abordarmos a maneira como o sincretismo acontece no Vodú, queremos mostrar como o mesmo manifesta-se no Cristianismo, considerando, como ponto de partida, o significado do sincretismo helenista para Paulo.

Em primeiro lugar, sublinhamos que “as relações da teologia paulina e das tradições da igreja helenista anterior a Paulo com o mundo religioso do helenismo são muito mais diferenciadas do que suponham os pioneiros desse ramo da pesquisa”¹⁶⁷. Nesse ambiente, “a fé serviu-se de forma seletiva, de conceito e ideias que estavam à disposição para desdobrar seus conteúdos para uma nova situação de pregação”¹⁶⁸. Que fez Paulo? “Tomou conhecimento dessas ideias do mundo helenista de maneiras diversas: por contato direto com homens helenistas através do judaísmo helenista e através do Cristianismo helenista”¹⁶⁹. Aqui podemos sublinhar o sincretismo de pensamentos ou ideias.

“O Cristianismo primitivo é refletido no Novo Testamento sob o ponto de vista meramente histórico, isto é, sob o ponto de vista histórico-comparativo das religiões; por um lado, uma parte do Judaísmo e, por outro, uma ramificação do sincretismo helenista”¹⁷⁰. Sinteticamente podemos afirmar que o Cristianismo surgiu no encontro da cultura judaica com a cultura helenista, sendo excluída por ambas as partes como um corpo estranho. Por quê? Podemos dizer que esse dado histórico é um fenômeno contínuo. É a ruptura fundamental com as tradições das quais o Cristianismo provém. De fato, não podemos explicar simplesmente de modo racional o surgimento do Cristianismo, mas o surgimento do mesmo é um desenvolvimento continuado a partir dos valores existentes da história¹⁷¹.

Conforme Baur, racionalista do século XIX, “o Cristianismo primitivo não pode ser restringido apenas a Jesus, mas tem que ser compreendido em toda a sua extensão, a partir do cômputo geral da história”¹⁷². Para Baur, a história é auto explicação do espírito da verdade, da autoconsciência divina. A história do Cristianismo tem sua origem na filosofia grega e no judaísmo helenista. Direciona-se a um auge, a uma ideia religiosa máxima. Paulo, por sua parte, enfatiza, a partir dessa ideia, o princípio do universalismo religioso e da autonomia

¹⁶⁶ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodú Haitiano*. 1973, p. 183.

¹⁶⁷ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.2. 1976, p. 327.

¹⁶⁸ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.2. 1976, p. 327.

¹⁶⁹ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.2, 1976, p. 327.

¹⁷⁰ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.1. 1983, p. 24.

¹⁷¹ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.1. 1983, p. 24.

¹⁷² GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.1. 1983, p. 24.

ética; os apóstolos de Jerusalém se fixam na aparência externa de Jesus e julgam-no o Messias judeu. Assim, conforme Baur,

O Cristianismo dos tempos primitivos não era uma unidade ideal como o quer a concepção eclesiástica tradicional que parte dos Atos dos Apóstolos. Muito antes, como se pode deduzir das cartas paulinas, estava dividido na antítese existente entre o judaísmo dos de Jerusalém e o livre universalismo de Paulo¹⁷³.

Hurbon entende que os “múltiplos movimentos sincréticos que surgiram um pouco por todo terceiro mundo em contato com o Cristianismo são a expressão de vontade de restaurar a coerência do universo cultural-religioso tradicional destruído pelo Cristianismo”¹⁷⁴ que esqueceu sua história e não se inseriu verdadeiramente na base do movimento messiânico primitivo. Os indígenas foram obrigados a reinterpretar, na base de suas crenças, às do Cristianismo e de suas mitologias, adaptando-as à sua mentalidade. No Haiti, o sincretismo como forma de reinterpretação do Cristianismo, buscou, na base do universo cultural de matriz africana, corresponder e oferecer força à resistência ao imperialismo cultural religioso do Ocidente. E tornou-se, ao mesmo tempo, acusação do Cristianismo. Diante dessa realidade, o Vodou haitiano não deixa de ser testemunha da verdadeira religião cristã. O Vodou, como movimento sincrético, manifesta-se como verdadeira assimilação do Cristianismo e de crítica do mesmo¹⁷⁵.

O Vodou manifesta o sincretismo da mesma forma como o fez o Cristianismo primitivo em diferentes culturas. O sincretismo pode ser considerado como uma visão teológica de dois sistemas religiosos que seguem a mesma concepção, mas de compreensões diferentes. Considerando, por exemplo, o tema da escatologia, comenta Hurbon:

A helenização do Cristianismo no curso de sua história teve, entre outras, a virtude de minimizar as categorias de espera escatológica em proveito da escatologia presente. A eternidade já estaria presente no fenômeno da encarnação, a salvação já estava no céu, graças à ressurreição, e caberia à Igreja, pelos sacramentos que dispensa, pôr à disposição dos homens a salvação celeste, os poderes vitais celestes. Em tal perspectiva, o culto dos santos pode sempre ser interpretado como o laço que prende a salvação, os sacramentos como reforço da proteção contra o mal. Os sacerdotes seriam personagens sagradas, detentoras de poderes celestes¹⁷⁶.

Assim sendo, podemos apresentar como os praticantes do culto Vodou visualizam uma estrutura comum entre a sua doutrina e a doutrina cristã. Como cristãos, acreditamos nos

¹⁷³ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.1. 1983, p. 24.

¹⁷⁴ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 182.

¹⁷⁵ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 183.

¹⁷⁶ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 183.

benefícios da salvação aqui nesse mundo, ainda que não seja plena. Também, o praticante do Vodou acredita que os benefícios da salvação estão presentes neste mundo, mas ainda não estão em plenitude. A escatologia do universo Vodou é uma escatologia do presente que ainda não está em plenitude¹⁷⁷. Existe um modelo de sincretismo na maneira de interpretar a fé.

Como acontece, na prática, o sincretismo entre Cristianismo e Vodou? A estrutura teológica do Cristianismo e a estrutura teológica do Vodou seguem o mesmo caminho, talvez com finalidades diferentes. Por exemplo, cada *loa* no Vodou corresponde a um santo dentro na doutrina cristã católica. Entretanto, os santos são criados por Deus como também os *loas*. Os santos da Igreja Católica, na visão popular, são considerados como protetores do ser humano; assim também no universo Vodou os *loas* são consideradas como protetores do ser humano. O que devemos sublinhar apenas é que os *loas* e os santos têm a mesma missão como protetores da vida do ser humano como também de toda a criação em si, mas os *loas* e os santos não têm a mesma essência, ou seja, não se pode dizer que um *loa* é um santo. Os santos da Igreja Católica são pessoas que viveram e testemunharam o Evangelho a exemplo de Jesus e a Igreja os aponta como modelo para viver o Evangelho. Enquanto que os *loas* são divindades imaginárias. Tendo uma boa experiência com os praticantes do Vodou podemos concluir que há uma analogia entre a teologia cristã e a teologia do Vodou.

Conforme Blot¹⁷⁸, para Michel Panoff e Michel Perrin, o sincretismo é a síntese de dois elementos culturais diferentes ou de duas culturas de origem diferentes que sofreram uma reinterpretação como assimilação ou rejeição. O sincretismo é um dos resultados possíveis do processo de aculturação. Existem numerosos casos de sincretismo religiosos. Esta realidade existe especificamente entre os santos do catolicismo e as divindades africanas. Assim, o sincretismo é compreendido como a reinterpretação das duas fontes de inspiração religiosa. Essa realidade se desenvolve entre o Vodou e o Cristianismo no Haiti. Veremos isso na descrição do sincretismo Vodou-Cristianismo.

2.1.2 Descrição do sincretismo Vodou-Cristianismo

¹⁷⁷ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 183.

¹⁷⁸ BLOT, Jean Yves. *Le syncretisme Catholique-Vodou. Publication du Bureau National d'Ethnologie*, p. 13.

O sincretismo como integração de traços cristãos no Vodou não está bem claramente definido. O que devemos anotar é que o objetivo do Vodou é voltar à essência da realidade haitiana, ou seja, trazer de volta a população haitiana à sua própria originalidade. Para isso, é preciso manter firme o *ounfò* como centro do culto Vodou. Mas devido ao contexto social, político e religioso que serviram como empecilho para a sua prática, sentiu a necessidade de integrar os traços do catolicismo. Assim, minimizava as barreiras entre ele e o Catolicismo. Duma parte, percebemos que as relações conflituosas entre o Vodou e o Catolicismo foram reorganizadas. Mas isso custou a subordinação do Vodou ao catolicismo¹⁷⁹.

No Vodou existe os personagens que são de matriz africana, como os que vêm do catolicismo, sendo que alguns também representam personagens civis. Assim, as personagens do culto Católico penetram no Vodou e constituem, para alguns, a simbiose e, para outros, o sincretismo intercultural entre o Vodou e o Catolicismo. Do ponto de vista de uma classificação, estas personagens correspondem todas as *Loas* benéficas, com exceção dos três reis magos: Balthazar, Gaspar, Micho (Melchior). Estes três reis são conhecidos como Lúcifer.

Os praticantes do Vodou atribuíram simbolicamente o significado das *loas* aos santos¹⁸⁰. São Tiago, o Maior, representado em iconografia como chefe da conquista espanhola, é venerado no Vodou haitiano como Ogum, deus do ferro e da guerra. São João Batista, com a ovelha que figura ao lado, é conhecido no Vodou como *Chango*, com cabeça de Áries, deus da tempestade¹⁸¹.

Para descrever o sincretismo entre o Cristianismo e o Vodou, seguiremos o método de Hurbon e Bastide, a partir da inspiração de Blot. Assim, anotaremos três grandes planos de sincretismo entre o Vodou e o Catolicismo. Estes planos são: ecológico, dos ritos e das cerimônias, e das representações coletivas. No plano ecológico referimos ao espaço sagrado no qual se encontram os objetos do culto Católico e do culto Vodou. Por exemplo, *govi* e o *terço*. No plano dos ritos e das cerimônias o calendário das festas do Vodou é correspondido ao calendário das festas cristãs. Como exemplo, temos o dia 24 de junho, festa de São Tiago Maior e do Pai Ogum; dia 02 de novembro, festa de todos os santos e das *loas* conhecido como *Guedes*. No que diz respeito, por exemplo, aos sacramentos da Eucaristia e do

¹⁷⁹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 99.

¹⁸⁰ KERBOULL, Jean. *Le Vaudou; Magie ou Religião?* 1973, p. 283-284.

¹⁸¹ KERBOULL, Jean. *Le Vaudou; Magie ou Religião?* 1973, p. 285.

Matrimônio, o fiel deve se consagrar as *loas* antes de receber o sacramento Católico, como condição ou complemento necessário no Vodú¹⁸².

Quanto ao plano das representações coletivas, cada *loa* corresponde a um santo da Igreja Católica. Já citamos alguns, mas há outros como *Erzulie Fréda Dahomen*, conhecida como Virgem da Graça. Cada categoria das *loas* remete a espécies de animais e vegetais, a atividades sociais ou a comportamentos humanos. O *Voduísta* se situa no ambiente natural, um ambiente social e simbólico com o qual estabelece uma comunicação permanente¹⁸³.

No fenômeno do sincretismo existem alguns conceitos chaves que devem ser enumerados como a correspondência, a resistência, a reinterpretação e *maronnage*. A questão da correspondência é o que já alertamos como atribuição dos santos católicos às divindades do Vodú: cada divindade corresponde a um santo Católico e vice-versa. A resistência se apresenta perante a dominação, como meio de resistir à agressão do contexto sócio econômico político e religioso. A cristandade no Haiti foi responsável pelo depósito ideológico da dominação do regime colonial. O artigo segundo do código negro decretou o batismo como obrigação aos escravos. A busca pela liberdade levou os escravos a criarem um campo cultural específico no qual se pode assimilar a religião dominante. O sincretismo no Haiti não é apenas uma simples mistura de divindades cristã com as divindades do Vodú, mas é também uma forma de resistência contra a dominação cultural e exploradora¹⁸⁴.

O sincretismo como reinterpretação nasce quando as imagens distribuídas por padres franceses e levadas em procissão eram tidas como sinal da pertença dos escravos ao Cristianismo. Assim, os escravos conviviam com as imagens e reinterpretaram-nas conforme suas crenças. Construíram altares católicos em suas casas. Mas os rituais e as cerimônias tinham outra finalidade, pois estas imagens eram identificadas com as divindades africanas¹⁸⁵.

Referente à *maronnage*, o sincretismo aparece como símbolo de tomada da consciência dos escravos na luta contra a dominação e exploração. O termo *maronnage* nos apresenta a nova estratégia dos escravos em face de uma denominação poderosa. O sincretismo como *maronnage* é capaz de evitar a guerra entre as religiões. Sincretismo é símbolo da paz, pois, na concepção do Voduísta, o sincretismo resolve todos os problemas entre as religiões e culturas. O Voduísta utiliza a forma que o Cristianismo lhe impunha e acrescenta seu próprio conteúdo. Assim, os elementos do Cristianismo servem apenas para

¹⁸² BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d'Ethnologie*, p. 14.

¹⁸³ BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d'Ethnologie*, p. 15.

¹⁸⁴ BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d'Ethnologie*, p. 16.

¹⁸⁵ BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d'Ethnologie*, p. 16.

aparentar: parece ser um bom cristão católico, mas no fundo é um bom Voduísta¹⁸⁶. Se é assim, então, como evangelizar? O sincretismo tem um impacto específico em todo ser haitiano. Basta observar a maneira de se expressar na qual está sempre presente uma linguagem parabólica. O ser haitiano expressa-se em parábola. Utiliza uma linguagem velada. O sincretismo fez o haitiano ser um indivíduo com duplas dimensões ao lhe capacitar para a sobrevivência numa situação de dominação¹⁸⁷. Diante dessa realidade exposta não podemos sustentar que o sincretismo é um caminho bom para evangelizar e tampouco não podemos condenar a prática do sincretismo. Nossa missão é apenas relatar a situação em que nos inserimos para evangelizar.

Os adeptos do Vodou no Haiti entendem o Cristianismo da Igreja Católica como outra religião, mas não totalmente diferente do Vodou. Existem vários cultos da Virgem Maria, como também outros santos, que põem em segundo plano a prática das *loas*. Isso faz com que a prática do Catolicismo seja vista apenas “como símbolo de acesso à sociabilidade, por oposição às primitivas superstições do Vodou”¹⁸⁸. O sincretismo entre o Catolicismo e o Vodou talvez não seja o nome apropriado a esse sistema, apresenta uma grande confusão, uma vez que percebemos ainda o que é relatado por Hurbon¹⁸⁹:

Por trás do culto dos santos se encontra o mesmo sistema de trocas que o praticante do Vodou mantém com os *loas*. Mandam-se celebrar missas em honra de tal santo por um morto, organizam-se peregrinações, seja para pedir marido ou amante, o sucesso de empreendimento, emprego, a eliminação de concorrente ou inimigo ou para pagar o santo pela ajuda dada.

Como já alertamos, o Cristianismo para os praticantes do Vodou parece um sistema a ser superposto ao Vodou sem nenhum problema. No entanto, ambos os sistemas parecem possuir o mesmo poder de assimilação. Tanto o Cristianismo como o Vodou são dois sistemas que se ferem mutuamente. De um lado o catolicismo procura destruir o Vodou, de outro, o Vodou procura se alojar no Catolicismo para sobreviver. Então, resulta que o Catolicismo reduz o Vodou a si mesmo e o Vodou também reduz o catolicismo a si mesmo¹⁹⁰. O sincretismo aparece como linguagem que estabelece a diferença entre Vodou e Cristianismo e, ao mesmo tempo, faz a negação dessa mesma diferença.

¹⁸⁶ BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d’Ethnologie*, p. 17.

¹⁸⁷ BLOT, Jean Yves. Le syncretisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d’Ethnologie*, p. 17.

¹⁸⁸ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 185.

¹⁸⁹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 185.

¹⁹⁰ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 185.

Considerando a descrição do sincretismo entre o Vodou e o Cristianismo, como também o sincretismo como herança de todas as religiões, é lícito dizer que um Cristianismo totalmente transcendente em relação a todas as culturas e à todas as religiões é impossível. Mas também é lícito afirmar que uma interpretação do Cristianismo sob o modelo de outros sistemas religiosos é possível. Nesse sentido, apontamos o sincretismo do Vodou como recepção do Cristianismo no Haiti. Uma vez que o sincretismo é praticado sem a consciência de que está agredindo a doutrina cristã, então nele não tem nada de espantoso. Mas é um sinal que exige apenas uma mudança de método. Assim, ao invés de tomar a universalidade como ponto de partida da missão cristã, é preferível partir de uma particularidade. É verdade que o Cristianismo é lugar por excelência da salvação, mas quem está fora da religião cristã não consegue entender esse mistério. Perante outras religiões, o Cristianismo é uma religião como as outras, é visto como uma religião particular. A missão cristã é sinal da salvação. Este sinal também não é desconhecido nas outras religiões. Por isso não impede o encontro de duas alteridades.

2.1.3 Breve crítica do sincretismo à luz da teologia

A teologia é um estudo a respeito do conhecimento de Deus. As imagens que temos de Deus são a base de várias experiências religiosas. Para Miles¹⁹¹, Deus é “um amálgama de diversas personalidades num único personagem. A tensão entre essas personalidades faz com que Ele seja difícil, mas faz também que seja atraente”. Esse mesmo autor defende que Deus não é nenhum santo, apesar das várias tentativas que podem ser feitas a seu respeito. Para ele o Deus bíblico continua sendo o que foi, “o original da fé de nossos Pais, cuja imagem ainda vive dentro de nós como um ideal secular difícil, mas dinâmico”¹⁹². Não há possibilidades para descobrir uma imagem absoluta de Deus a partir de todas as imagens que foram projetadas ao longo da história bíblica. A Bíblia, no seu conjunto, nos apresenta muitas visões de Deus. Ela nos apresenta um processo diversificado a respeito da imagem de Deus. É nesse contexto que devemos pensar uma base teológica do sincretismo. Não podemos pensar a teologia a partir de uma visão única de Deus. A teologia deve ser aberta para a variedade de formas como Deus foi interpretado e celebrado no curso da história¹⁹³.

¹⁹¹ MILES, Jack. *Deus: Uma biografia*, 1997, p.16.

¹⁹² MILES, Jack. *Deus: Uma biografia*, 1997, p. 17.

¹⁹³ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 107-111.

Contemplamos também várias visões de Deus no desenvolvimento da teologia acadêmica em diálogo com a ciência e a sociedade. A teologia acadêmica percorre vários caminhos para elaborar seu discurso. Assim, a forma de elaborar um conhecimento de Deus é sempre plural. Para um conhecimento a respeito de Deus a teologia deveria aprofundar as discussões sobre as formas como conhecemos a Deus nas nossas diversas experiências. Nesse contexto, referimos a sincretismo num primeiro instante como tema polêmico para a teologia. O sincretismo encontra dificuldade em sua aceitação dentro da teologia enquanto é inevitável. A história da teologia apresenta vários motivos a respeito disso. Assim, apontaremos três razões¹⁹⁴.

Primeira: no âmbito da tradição católica existe uma diferença entre religião oficial e “religião popular”¹⁹⁵. Nisto sentimos uma rejeição mútua, como também rejeição da relação de complementaridade. Trata-se do método teológico como também do objeto de estudo do mesmo. Na rejeição mútua sobressai uma teologia sem povo religioso; e, na rejeição da complementaridade, um povo sem contato com uma tradição que lhe antecede e sem uma reflexão teológica que lhe acompanhe com determinado conhecimento do passado. Eis a causa da visão crítica da prática de religião popular. Ao contrário, se fosse considerada a relação entre a religião oficial e a religião popular como complementaridade, então seria urgente dizer quem está sendo complementar ao outro, para evitar toda pretensão de querer colonizar a religião popular¹⁹⁶.

Segundo razão: referimo-nos à teologia do protestantismo na qual existe um antagonismo entre religião e fé. Encontramos isso, primeiramente, na teologia contemporânea de Karl Barth. Esse teólogo despertou, em grande parte, a sensibilidade de teólogos protestantes para tudo que provoca mudanças na profundidade e a radicalidade da atuação de Deus ao longo da história. Segundo Karl Barth, o sincretismo é inaceitável no âmbito da teologia, pois é uma mistura da revelação com a história e com a cultura¹⁹⁷.

No Haiti, o protestantismo combate o sincretismo de modo oposto ao sentido evangélico. Assim, exige a conversão dos adeptos do Vodou, exigindo deles a rejeição total do culto Vodou. Para demonstrar que é cristão, basta dizer que é protestante, pois isso é sinal de

¹⁹⁴ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 110-111.

¹⁹⁵ A religião popular é associada à ideia de impotência intelectual como maneira de definir a incapacidade do povo simples a uma fé objetiva.

¹⁹⁶ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 110-111.

¹⁹⁷ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p.112.

que prova o desligamento com o Vodou e a sua adesão ao Cristianismo, mas não leva em conta um compromisso com a justiça, o amor, a solidariedade e a fraternidade¹⁹⁸.

Enfim, a terceira razão refere-se à uma dedução das duas primeiras e nos remete aos modelos de reflexão teológica. Estes modelos seriam: a) as práticas religiosas do povo que se misturam com os elementos da tradição cristã; e, b) as tentativas de suprimir, superar e criticar as práticas religiosas não reconhecidas como normativas eclesiais e acadêmicas. Esta visão encontra sua base na teologia de Rudolf Bultmann, que teve como objetivo separar o cerne evangélico da casca religiosa e cultural de uma época¹⁹⁹.

As críticas teológicas em torno do termo sincretismo remetem à necessidade de um diálogo e de um confronto sobre a maneira como se trata a inserção do Evangelho nas culturas, ou seja, sobre a Inculturação do Evangelho. Inculturar o Evangelho já supõe certas mudanças, tanto na cultura como também no modo de aproximar ao Evangelho. O termo Inculturação nos parece mais aceitável no confronto entre as culturas e o Evangelho²⁰⁰.

Já tratamos acima do sincretismo como representação da fusão de elementos de dois ou mais sistemas religiosos. O problema do confronto entre o Evangelho e a cultura está em como constatar teologicamente as mudanças que ocorrem na compreensão do Evangelho. É necessária anotar que a atitude negativa da teologia perante o sincretismo é posta como problema para o diálogo entre as igrejas locais e as culturas nas quais estão inseridas²⁰¹.

Resumindo: há três tipos de sincretismo na teologia: 1) fusão de elementos da tradição cristã com as religiões de matrizes africanas como, por exemplo, com o Vodou haitiano; 2) apresentação das religiões de matriz africana dentro da estrutura da religião cristã; 3) processo seletivo de elementos da tradição cristã.

2.2 Movimento da história da Revelação de Deus na Bíblia

A inculturação do Evangelho requer sempre uma relação entre fé e cultura, como também implica compreender a maneira como Deus revela a dialética de sua particularidade e

¹⁹⁸ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 99.

¹⁹⁹ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 113.

²⁰⁰ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 113.

²⁰¹ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e cristianismo*, 1999, p. 113.

da sua universalidade. Neste contexto, contemplaremos dois esboços. O primeiro diz respeito à Veterotestamentária e o segundo remete ao Novo Testamento.

2.2.1 Esboço veterotestamentário

A revelação de Deus na Bíblia dá-se a partir da inspiração histórica que se inicia pela Palavra divina pronunciada na Criação e que se conclui com a Palavra feita carne, com a encarnação do Filho de Deus²⁰².

Perante a problemática da pesquisa, uma análise da revelação a partir da fé e da cultura no Antigo Testamento nos parece necessária. De imediato percebemos, por exemplo, que o relato da criação no livro de Gênesis é similar aos textos babilônicos. Existem também traços de semelhança entre os rituais de Israel e das nações aos redores. O judaísmo veterotestamentário nem sempre foi contra a cultura local. Nesse contexto, várias aproximações entre a fé hebraica e as outras religiões do oriente antigo são possíveis. E isso demonstra que o judaísmo foi evoluindo em simbiose com as culturas a sua volta. As práticas rituais dos hebreus já fizeram parte de várias outras culturas. Tomemos, por exemplo, a circuncisão e o sábado. Estes casos, e inclusive outros, mostram como a fé hebraica era misturada com as culturas do povo. Estes ambientes culturais enriqueceram a literatura do Antigo Testamento. A evolução da fé dos hebreus não pode ser entendida fora do contexto cultural. Por isso, a dinâmica entre fé e cultura na economia do Antigo Testamento nunca foi posta para rejeitar a cultura local. Ao contrário, a perspectiva sempre foi a inserção, a transformação e adaptação com a cultura local²⁰³. Tepe, nessa mesma linha, ensina que “a inserção profunda de uma religião ou uma fé na cultura de um povo faz com que cada pessoa, na experiência pessoal de fé, se oriente pelo quadro de referência da religião que se professa em cada cultura”²⁰⁴.

A fé tem o dever de criticar, julgar e renovar os valores culturais e não destruí-los²⁰⁵. A revelação da fé tem uma dimensão profética. Esta dimensão possuiu a capacidade para inserir e distanciar ao mesmo tempo na cultura. A fé é capaz de transformar a cultura e torná-la mais justa e mais equitativa para todos²⁰⁶.

²⁰² LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*, 1972, p. 14-15.

²⁰³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 52.

²⁰⁴ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 230.

²⁰⁵ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 229.

²⁰⁶ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 53.

O movimento da história da revelação veterotestamentária de Deus é uma dialética da particularidade e da universalidade. Toda história da revelação foi um confronto permanente entre Israel e as demais nações. Dentro desse confronto, Israel descobriu sua particularidade e sua especificidade aos poucos. Apoiou-se “na experiência histórica de eleição por parte de Deus que não se deixa aprisionar em categorias e definições e se mostra progressivamente no curso de uma história feita de tensões e lutas com os outros deuses”²⁰⁷.

O israelita não vivia envolto numa espécie de luz de revelação, que o banhasse todo. Vivia isso sim, tal quais os demais povos a sua volta, num ambiente impregnado de religiosidade, sem a clara distinção entre o sagrado e o profano que caracteriza a consciência moderna. Nesse ambiente a convicção de que o sagrado se manifesta não era estranha, mas ainda assim, pensava que acontecia também nos demais povos em momentos ou manifestações determinadas²⁰⁸.

O Israel originário não teve nenhuma dúvida sob a existência de divindades que regiam a natureza e os destinos dos seres humanos. Assim como disse Hurbon, “a crença em Deus era fenômeno normal, bem comum a todos, embora certos historiadores tenham pretendido ver no Deus de Israel, Javé, apenas uma forma do Deus supremo reconhecido nos outros povos de língua semítica”²⁰⁹. Em Israel o Deus *El* era considerado como Pai dos mortais, Pai da humanidade, Deus dos deuses com referência às outras religiões. Devemos considerar que o Deus de Israel teve o nome de *El*, Javé *Elohim*. Foi visto que, no início, *El* foi designado genericamente do divino como tal, por oposição ao ser humano: “O culto do Deus *El* perdeu sua força por deixar emergir a particularidade de Javé”²¹⁰.

O movimento da revelação de Deus no Antigo Testamento manifesta-se na história em etapas específicas. A fase mais antiga da revelação de Deus está nos fatos teofânicos e nas manifestações de tipo oracular. É sabido que, no ambiente oriental, para penetrar nos segredos dos deuses, usava-se as seguintes técnicas: sortilégios, adivinhações e sonos. Essas técnicas foram conservadas durante muito tempo no Antigo Testamento, apenas buscando purificá-las de suas “aderências politeísticas ou mágicas”²¹¹.

Israel teve como costume, antes de tomar qualquer iniciativa, consultar Javé seu Deus, consciente de que Ele estava presente em todas as suas ações. Os vizinhos semitas ou egípcios consultavam o adivinho que procurava coagir os deuses mediante ritos considerados infalivelmente eficazes, ao passo que Israel esperava uma resposta que dependia de Javé.

²⁰⁷ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 187.

²⁰⁸ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, 2010, p. 27.

²⁰⁹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 187.

²¹⁰ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 187.

²¹¹ LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*, 1972, p. 15-16.

Essas consultas eram feitas em favor dos Chefes da nação pelos sacerdotes e, às vezes, pelos videntes²¹². Tais fatos que aconteciam em Israel ainda estão presentes na sociedade haitiana. O camponês haitiano ou um membro de sua família consulta um sacerdote do Vodou para saber com antecedência como será o resultado de tudo o que vai fazer.

No que diz respeito a Israel inserido no meio das nações, Hurbon afirma que a religião bíblica é compreendida pelo exclusivismo exigente de Javé. Apesar de ter sido um Deus entre outros, conseguiu marcar rigorosamente sua especificidade no processo de confrontação com os deuses das outras nações. Aos deuses das outras nações eram atribuídas forças naturais e “o ciclo das semeaduras e das colheitas, a ordem cósmica que correspondia às religiões míticas e cíclicas descrita pela história das religiões”²¹³.

Diante desses deuses, o Deus de Israel era considerado como deus de nômades, por isso não havia nenhuma necessidade de concentrar-se “sobre as hierofanias e as teofanias”²¹⁴. A revelação de Israel começa a partir da promessa e da esperança de futuro aberto a ela. Nisto surgiu uma nova concepção da história. Os profetas se esforçaram para manter viva a consciência histórica, a fim de evitar que Israel procurasse as religiões míticas. Os profetas lutaram contra o culto dos pagãos em torno de Israel e nunca apoiaram uma transcendência abstrata do Deus de Israel, apesar de que tiveram suas raízes nos acontecimentos da história, através das quais Deus se comprometeu a dar a conhecer sua identidade e constatar seu caráter²¹⁵.

O movimento da revelação de Deus contempla a experiência histórica do êxodo que constitui o acontecimento fundante da proximidade com Deus. Nessa experiência, Javé se apresenta como o único Deus de Israel. Não permitiu o seu aprisionamento por um único povo. Em vez disso, permaneceu, “em cada experiência de libertação ou fracasso, o Deus da promessa, que se abre para incessantes experiências, para novas realidades e novos espaços do desdobramento da história”²¹⁶.

Deus se revelou a Moisés, mas não revelou sua essência, apenas comunicou-se com o ser humano numa presença ativa. E declarou: “Eu serei para vós aquele que vos libertará”. Nas religiões hierofânicas não há a revelação do nome de Deus ao qual se presta culto. A garantia do poder desse Deus em relação aos adeptos se dá por poder anônimo. Deus não apenas se comunicou a Israel, mas preservou a sua liberdade perante a possibilidade de

²¹² LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*, 1972, p. 16.

²¹³ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 188.

²¹⁴ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 187.

²¹⁵ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 188.

²¹⁶ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 188.

utilização mágica dos outros cultos ao seu redor. Assim devemos compreender as múltiplas precauções que cercam o nome de Javé. O que importa é conservar a transcendência da divindade, colocá-la ao abrigo da especulação teológica e mitológica. É neste rumo que se mantem a promessa. Deus se manifesta no curso da experiência histórica sempre renovada²¹⁷. Nesta mesma linha, Hurbon ressaltou que

O nome de Javé no Êxodo apontava para uma escatologia: Deus só se dará definitivamente e comunicará sua perfeita identidade quando seu poder for completamente verificado em todas as coisas e sobre toda história. O triunfo definitivo de Javé se experimenta nas ações históricas, graças às quais todos os povos acabarão por reconhecer Deus como Deus por oposição aos ídolos²¹⁸.

Como os profetas proclamaram o nome de Javé? Considerando, por exemplo, o segundo Isaías e o Profeta Ezequiel, ambos insistiram sobre o reconhecimento do nome de Javé a todas as nações que suportarão seu julgamento e participação da promessa da salvação. Entretanto, essa universalidade é aliada à revelação definitiva de Javé. Ela é apresentada como essencialmente escatológica. A particularidade e a alteridade de Israel foram guardadas face às outras nações, pois o Deus de Israel deve dar provas históricas de seu poder e de sua superioridade para depois atrair os pagãos. Assim é impossível descobrir a identidade de Deus por duas razões. Primeiro, porque não se realiza a reconciliação entre Israel e as nações. Segundo, porque a sedução religiosa dos pagãos não foi superada. É nesse sentido que o confronto permanece como lugar da revelação progressiva de Deus entre as nações²¹⁹.

Em toda a história da descendência bíblica da humanidade, especificamente no livro do Gênesis, capítulos 9 a 11, contemplamos que Deus, como Deus de todas as nações, está posto no horizonte como promessa escatológica que será verificada progressivamente no confronto entre Israel e as outras nações. Os profetas conservavam essa promessa como também a esperança de reconciliação final entre Israel e todas as nações, considerando a particularidade do caráter eletivo. Entretanto, o acesso à salvação final pressupõe, da parte de Israel, um abandono de todo formalismo cultural, pois “não são os sacrifícios com incenso e oferendas que agradam a Javé, mas o amor”²²⁰.

O Profeta Isaías anunciou o servo sofredor como figura do eleito de Deus que desaparece. O Servo Sofredor assumiu a morte como sinal de rompimento das barreiras do exclusivismo e, assim, realizou concretamente o caminho da universalidade. Tanto na relação

²¹⁷ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 189.

²¹⁸ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 189.

²¹⁹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 190.

²²⁰ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 190.

com o Deus de Israel, como também na revelação do nome de Javé, ou ainda no esforço para compreender as diversas nações, o Deus *El* dos cananeus se revela como história de tensões e lutas. Como é, então, a identidade perfeita de Deus? Ela permanece resguardada. Percebe-se como um Deus que será tudo em todos. A adesão a seu nome exige a paz universal. Israel adquire esse conhecimento escatológico salvaguardando a particularidade da eleição. A figura do Servo Sofredor abarca a necessidade deste servo passar pela morte, a fim de que todas as nações encontrem a salvação²²¹.

De fato, no Antigo Testamento, Deus se revela por meio de várias experiências religiosas, mas nunca se revelou como Deus privilegiado a uma nação específica. Por isso, nenhuma experiência religiosa é superior à outra. Ela se dá para que o povo, dentro de sua particularidade, faça a experiência com o Deus que se apresenta como o Deus da promessa.

2.2.2 Esboço do Novo Testamento

Neste ponto concentrar-nos-emos primeiro na questão da articulação entre a fé cristã e a cultura local. No início a fé cristã não procurava destruir a prática cultural. Os judeus convertidos, por exemplo, continuavam a observar o sábado, circuncisavam suas crianças e iam seguidamente ao templo. A sua adesão a Jesus como Messias não parece suscitar nenhuma questão radical quanto às práticas culturais. Assim, não podia distinguir entre o Cristianismo nascente e o judaísmo. A fé cristã era compreendida como uma facção no meio do Judaísmo. Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, a fé cristã não era hostil à cultura estrangeira. Pelo contrário, mostra abertura para com a cultura local. A fé cristã é inserida nas culturas pagãs num ambiente de respeito e diálogo. Ela não busca combater a cultura local em si, mas o mal que nela se esconde²²². Foi nesse contexto que Jesus criticou a prática dos Judeus, fariseus e os sacerdotes.

O Deus do Novo Testamento é um Deus trinitário, comunitário. Este Deus criou o ser humano sociável à sua imagem. O seu desejo é formar uma comunidade da família humana e das famílias das nações. Nesse contexto, Deus quer também a realização comunitária das diversas culturas. Para isso, precisa levar em conta o desenvolvimento de cada pessoa. Ter

²²¹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. 1973, p. 190-191.

²²² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 55.

presente a experiência espiritual pessoal de cada pessoa é indispensável, uma vez que a religião é fruto da convergência de várias espiritualidades diferentes²²³.

Segundo Hurbon, o movimento da história da revelação de Deus no Novo Testamento segue o mesmo método Veterotestamentário: uma dialética da particularidade e da universalidade. A relação entre Jesus e o Judaísmo mostra, de um lado, que Jesus mantém e renova a esperança de reconhecimento do nome de Deus por todos os povos como horizonte escatológico e, por outro lado, aponta que essa esperança não suprime a particularidade da história da salvação, mas realiza progressivamente no encontro com as outras nações pagãs²²⁴.

A religião cristã nasceu do tronco de Israel. Quando foi transplantada para os gentios inculturou-se no helenismo. Os textos bíblicos do Novo Testamento são influenciados pela sabedoria grega. Isto porque, na época patrística, os responsáveis pela Inculturação do Evangelho, os padres gregos, se serviram dos instrumentos da filosofia grega. Entretanto, nem todos os elementos da cultura grega eram compatíveis à fé cristã, mas os santos padres guardavam apenas o essencial. A concepção filosófica de Platão, por exemplo, trata da imortalidade da alma. Esta concepção não corresponde ao conceito bíblico da fé cristã. Segundo Platão, a pessoa humana é um ser dualista cujo corpo é separado da alma. Ao contrário, a concepção bíblica aponta que a pessoa é formada de corpo e alma, que não são elementos separáveis, mas uma unidade²²⁵. Como ensina Tepe, na concepção cristã

O ser humano é antes de tudo espírito em corpo. Este ser individual, pessoa humana, morre quando a união entre o espírito e corpo se desfaz. Não sobrevive a alma, libertada do corpo mortal. O que sobrevive é o amor. Deus é amor. Deus é imortal. Quando ele ama torna imortal o amado²²⁶.

Embora a espiritualidade filosófica platônica do ser humano não se encaixe na concepção da fé cristã, a concepção do Deus trinitário encontra seu fundamento dentro da espiritualidade filosófica grega. A Patrística, na

Elaboração conceitual dogmática do mistério do Deus trino, três pessoas em uma só natureza, se serviu dos termos filosóficos *physis* (natureza) e *hipostasis* (pessoa). O concílio de Calcedônia consagrou o uso. Os latinos já então tiveram dificuldade em utilizar a tradução verbal de *hipostasis* por *substancia* que significa para eles natureza e adotaram *subsistência* que mais indica um indivíduo subsistente ou pessoa²²⁷.

²²³ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*. 2003, p. 225.

²²⁴ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodun Haitiano*, 1973, p. 191.

²²⁵ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 226.

²²⁶ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 226.

²²⁷ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 226-227.

A revelação de Deus no Novo Testamento dá-se a partir de uma abordagem entre o Evangelho e a cultura na história. Assim, no decorrer da história, a relação entre fé e cultura acontece como dialética entre o absoluto e o relativo. O Evangelho é absoluto em todas as culturas, enquanto a cultura permanece como algo relativo. Este último condiciona a mensagem cristã. Por isso, a cultura não é algo exterior à mensagem do Evangelho. Existe sempre uma ligação estrita entre o Evangelho e a cultura, apesar de ambos serem distintos²²⁸.

A cultura e o Evangelho são solidários, são modos da revelação de Deus que transmite amor e esperança às nações. Ambos são sinais que anunciam a presença de Deus. São dois polos da manifestação de Deus no mundo. Mas não podemos desconhecer que o Evangelho é diferenciado da cultura, quer por seu modo de revelação absoluta, quer por seu papel na cultura. Diríamos que o Evangelho é um fator de redenção na cultura. Essa é a vocação da fé cristã no ambiente da cultura. A missão do Evangelho é libertar a pessoa humana, a sociedade e a cultura em sua estrutura opressiva²²⁹. A Evangelização não se identifica com a cultura, é independente. Portanto, o Evangelho anunciado é vivido por pessoas ligadas profundamente a uma determinada cultura e “a edificação do Reino não pode deixar-se de servir de elementos da cultura e das culturas humanas”²³⁰.

A essência do Evangelho é sempre a mesma em todas as culturas. O que compete ao Evangelho é fluir no molde da cultura. Isso implica um método diferente em cada cultura. Este método diferente é contemplado na própria pessoa de Jesus, no seu modo de lidar com as culturas. O Jesus proclamado no Evangelho tem uma mensagem e uma natureza definida para sempre²³¹. Em Fils-Aimé²³²,

Permanece o fato de que o Cristo que exerce a autoridade sobre os cristãos ou a quem os cristãos aceitam como autoridade é o Jesus Cristo do Novo Testamento; e que isto é uma pessoa com ensinamentos definidos, um caráter definido e um projeto definido. E este Jesus Cristo é uma pessoa definida, ele aparece como homem de carne e osso ou como Senhor ressuscitado²³³.

Sem dúvida, apontamos a teologia de Jesus como uma teologia essencialista. Isto é: uma teologia na qual se revela a essência da fé cristã que sempre é a mesma,

²²⁸ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 60.

²²⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 60.

²³⁰ EN, 20.

²³¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 61.

²³² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 61.

²³³ The fact remains that the Christ who exerce authority over Christians or whom Christians or whom christians accept as authority is the Jesus Christ of the New Testament; and that this a person with definite teachings, a definite character, and defenite fate. And this Jesus Christ is a definite person, on and the same whether he appears as man of flesh and blood or as risen Lord.

independentemente do lugar. A essência de Jesus Cristo permanece a mesma em toda cultura. Cabe, pois, perguntar sobre que tipo de relação ele manteve com a cultura particular em que se encarnou. Eis, então, cinco tipos de relação entre Cristo e a cultura, conforme Niebuhr²³⁴: Cristo contracultura, Cristo além da cultura, Cristo da cultura, Cristo e a cultura em paradoxo, Cristo transformador da cultura. São cinco maneiras de inserção da fé cristã numa cultura receptiva. A missão da fé cristã nesta última consiste num fator redentor. A cristologia essencialista afirma que o Cristo e a fé cristã têm uma natureza e uma mensagem definida, que são as mesmas em todo lugar, sempre independente do tempo e do lugar²³⁵.

O Novo Testamento nos apresenta Jesus como sendo inovador e continuador da revelação de Deus no Primeiro Testamento iniciada pelos profetas. Na fé cristã, Jesus é o único caminho da salvação. Foi assim que o próprio Jesus também se apresentou. Jesus renova a esperança e dá sentido pleno à mesma. Na pessoa de Jesus contemplamos que Deus se revela como verdadeiro mesmo apenas no momento em que a paz e a justiça anunciadas pelos profetas se concretizam no mundo. Jesus realiza esse projeto escatológico procurando as bases da particularidade do Judaísmo, mas não tomou como ponto de partida uma universalidade abstrata. Em outras palavras, Jesus não trouxe uma salvação desconhecida na qual todas as nações seriam convidadas a participar de qualquer jeito. Por exemplo, ele procura a conversão dos pagãos dentro de sua cultura em Israel²³⁶.

A cristologia do Novo Testamento nos mostra o método propício da Evangelização. Também mostra, bem claro, que tudo o que fazemos e tudo o que somos são sinais da presença do Reino, mas não é o Reino. Da mesma forma que, em Jesus, o reinado de Deus sobre toda a humanidade e sobre o conjunto das nações é ato escatológico. O que Jesus fez? Preparou esse caminho escatológico sem deixar nenhum dano a particularidade de Israel. Reuniu ao seu redor doze discípulos como símbolo de todos aqueles que receberam a sua promessa escatológica. Esses Doze não eram um grupo privilegiado, mas sim representantes daqueles que se comprometem com Jesus na esperança escatológica do reinado universal de Deus. Estes Doze não eram o Reinado, mas sinais do Reinado. Com isso, queremos apontar que a missão cristã na qual Deus se revela é uma missão que busca levar a humanidade em direção ao reino futuro, já presente em sinais. Queremos dizer também que ser evangelizador

²³⁴ NIEBUHR, Richard. *Cristo e cultura*, 1967, p. 67-223.

²³⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 62.

²³⁶ HURBON, Laennec. *O Deus da Resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 192.

não é ser dono do Reino de Deus. Os discípulos de Jesus não eram uma comunidade fora da história. Pelo contrário, eles buscaram realizar sua missão à luz da história das nações²³⁷.

O Novo Testamento apresenta a realidade concreta como base fundamental da revelação de Deus. Basta olhar como Jesus aproximou-se de vários grupos. Ele teve a capacidade de criticar todos os grupos que consideravam a sua particularidade como meta privilegiada e apontou o caminho da verdade. O método de Jesus é escandaloso, mas produz muito fruto. A participação na sua promessa se origina a partir da fé e da conversão e não por causa da pertença a Israel. Como ensina Hurbon “a revelação da universalidade do Reino que se opera na luta contra o exclusivismo dos Judeus e a divisão entre os bons e os maus se fará conforme a solidariedade com os pobres e com os pequenos”²³⁸.

Jesus permanece firme na particularidade de Israel. Fundou uma comunidade de discípulos. Depois, mantém e estabelece a esperança no reinado de Deus que está por vir. De outro lado, Jesus contestou o exclusivismo de Israel e proclamou a universalidade do Reino, tomando partido dos pagãos, dos estrangeiros, dos pobres e dos oprimidos. Eis o exemplo concreto de toda Evangelização²³⁹.

A revelação de Deus no Novo Testamento aparece de modo escatológico. Encontramos isso em Jesus e na particularidade de sua humanidade. A pessoa de Jesus é um jogo entre a dialética da particularidade e da universalidade do reinado de Deus. O homem de Nazaré viveu toda sua vida pregando aos pobres, curando os doentes, expulsando os demônios, mas considerou o reinado de Deus como o já e ainda não. As ações de Jesus provaram que não haverá nada mais ao longo da história, pois nele, com ele e por ele tudo já foi realizado. Portanto, aponta a escatologia como uma história de duas pontas, ou seja, mostra o início e o fim desta escatologia. Assim, o tempo da realização desta escatologia é intermediário. Nesse contexto, o tempo da realização da promessa de Deus não está nem no começo nem no fim, mas no centro²⁴⁰. Podemos nos perguntar à luz da realização da missão de Jesus, quais são os assentamentos básicos para a Inculturação do Evangelho? Tentaremos responder esta interrogação no item seguinte.

²³⁷ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 192.

²³⁸ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 193.

²³⁹ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 193.

²⁴⁰ HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*, 1973, p. 193-194.

2.3 Assentamentos básicos para a Inculturação do Evangelho

O Filho de Deus se fez carne como sinal da verdadeira indicação de Inculturação. Jesus habitou em Israel, cresceu num determinado povo e assimilou sua cultura²⁴¹. A Inculturação do Evangelho exige de forma concreta o próprio método cristológico sobre o qual já alertamos acima. Ela “pressupõe a universalidade do plano salvífico de Deus e a capacidade potencial de resposta a Deus por parte de todos os seres humanos, a partir da diversidade sociocultural em que vivem”²⁴². Considerando, por exemplo, a realidade histórica do povo de Israel, na elaboração cultural deste povo há uma multiplicidade de culturas que se traduzem na realidade nômade ou sedentária de suas tribos. Nesta pluralidade na qual se encontram a cultura greco-romana, o judaísmo tardio helenístico, o judaísmo pós-exílio, a Pérsia, o Judaísmo, o Canaã, o Egito e a Mesopotâmia, Deus veiculou a humanidade as várias facetas de seu mistério²⁴³.

Deus não se revela simultaneamente a todas as culturas, mas sucessivamente, sem que a sucessão implique em rejeição, negação ou substituição do estágio anterior. Há um processo contínuo e descontínuo, interativo e integrativo, entre os vários elementos culturais²⁴⁴, processo que fará de Israel um referencial histórico cultural, importante e inconfundível, para o processo de Inculturação²⁴⁵. Essa manifestação de Deus se faz a partir da realidade da vida do povo e da evolução na compreensão que este povo vai tendo de si mesmo e de seu Deus. Ele se comunica ao povo por pessoas, situações, acontecimentos, expressões contingentes e relativas²⁴⁶.

A Inculturação é um problema de ordem teológica, embora servido pela constatação e análise antropológica da multiplicidade das culturas, como expressão diversa da profunda unidade humana. O Verbo, que é Deus, sem deixar de sê-lo, faz-se plenamente homem em Jesus Cristo (Jo1, 1-14; Fl2, 5-8). Traduz e realiza, assim, pela encarnação, a forma primigênia e mais radical de Inculturação. A encarnação se realiza num espaço e tempo

²⁴¹ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 226.

²⁴² AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p.465.

²⁴³ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

²⁴⁴ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

²⁴⁵ DV 15-16.

²⁴⁶ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 466.

culturais definidos e por aí nos dá o alcance teológico do povo de Israel e a inspiração fundamental de todo processo de Inculturação²⁴⁷.

Pela encarnação, a natureza divina assume a natureza humana: Deus se faz humano, relação de natureza a natureza. Pela Inculturação, a natureza divina traduz-se por esta pessoa, neste povo, nesta cultura, neste grupo humano no qual se situa, neste tempo e neste espaço, neste indivíduo humano que é Jesus. Pela encarnação, o verbo feito homem em Jesus é homem como o são todos os seres humanos. Pela Inculturação, o verbo se faz homem como o são alguns seres humanos, na realidade diversificada de sua cultura e sociedade, a dos judeus daquele tempo de Jesus. Historicamente, em Jesus, o Verbo fez-se igualmente e ao mesmo tempo homem como todo ser humano em respeito ao nível da natureza; e, homem, mas não como todo ser humano em respeito ao nível da cultura, porque judeu²⁴⁸.

Considerando a reflexão de Brighenti, podemos aludir três elementos básicos para uma Evangelização inculturada: a pluriculturalidade, equânime da cultura e a identificação do processo de Evangelização inculturada com a Evangelização das culturas²⁴⁹.

O reconhecimento da pluriculturalidade é sinal do respeito pela obra de Deus fora do Cristianismo. Aponta que a fé cristã é processada num Deus em contato com toda a humanidade e num mundo pluricultural. Nesse sentido, surge a tarefa consciente de um processo de Inculturação que suscita o desafio de aprofundar o diálogo com todas as religiões, em especial, com as religiões afro-americanas. Neste diálogo, o Cristianismo não deve se apresentar como lugar exclusivo da salvação e da revelação. Ao contrário, será mais frutuoso se apresentar-se como plena manifestação de Deus em Jesus Cristo²⁵⁰.

Quanto à equânime da cultura, esta mostra que a Inculturação se realiza a partir das matrizes da própria cultura. O evangelizador exerce o papel de mediador e os sujeitos são os membros da cultura receptiva do Evangelho. Só que isso exige a renúncia de toda a pretensão de superioridade cultural e a não absolutização da própria versão do Cristianismo e da capacidade de admiração do outro e sua cultura²⁵¹.

²⁴⁷ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 466.

²⁴⁸ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 466.

²⁴⁹ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma Evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*, 1998, p. 23.

²⁵⁰ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma Evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. 1998, p. 23.

²⁵¹ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma Evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. 1998, p. 34.

É necessário diferenciar o processo de Evangelização inculturada da Evangelização das culturas como um dos princípios básicos para Inculturação do Evangelho. São dois paradigmas de finalidades próprias. De fato, a Evangelização das culturas parte da Igreja e de seu trabalho missionário para anunciar a boa nova à todas as culturas. Enquanto que a Evangelização inculturada parte dos povos e de suas culturas e do trabalho interno de Deus e de seu Espírito aí realizado ao longo da história²⁵². O que é importante e necessário para Inculturação do Evangelho, e que se considera como um requisito básico, é a noção sobre a compreensão da divindade em diversas culturas desenvolvidas ao longo da história.

2.4 Compreensão do universo dos espíritos ou divindades nas culturas

Para abordar a compreensão do universo dos espíritos ou divindades nas culturas, trataremos dos seguintes elementos: divindades nas diferentes culturas como fruto da imaginação do ser humano, visão Bíblica em relação a Deus e questão de Anjos, Demônios e *Lwa* ou *Loa*.

2.4.1 Divindades nas diferentes culturas como fruto da imaginação do ser humano

Antes de tudo, aqui não se trata da cultura como religião, mas de preferencia da cultura como forma da religião. Esta última pode ser considerada como própria substancia da cultura.

O conhecimento da divindade existe em todas as sociedades. Divindade é uma força suprema, independente e inteligente que domina os elementos da natureza: o ar, o fogo, a água, a vida dos animais, as plantas e a existência do ser humano²⁵³. Em várias culturas humanas encontramos a questão do politeísmo. Roma antiga, por exemplo, venerava Júpiter e outros deuses ou deusas, conhecidos como Março, Vulcano, Neptúnio, Junon, Vênus, Minerva; ao passo que, na Grécia antiga, a divindade era conhecida como Zeus, Poseidon, Uranos, Eole. No Haiti não é diferente. Existe as divindades conhecidas como Mawu-Lisa, Danbala, Legba, Azaka, Simbi, Ayizan, Ezili, Ogun, Tijan. Estes são alguns deuses concebidos no Vodou haitiano. Cada um desses tem uma função específica. Uns são protetores

²⁵² BRIGHENTI, Agenor. *Por uma Evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. 1998, p. 35.

²⁵³ DEROSE, Rodolphe. *Caractère culture Vodou: formation et interpretation de l'individualité haïtienne*. 1955, p. 158.

da agricultura, outros da água, outros dos amores e outros da saúde. Estes deuses respondem às necessidades básicas e vitais do ser humano²⁵⁴.

A imaginação do ser humano não pode diminuir a potencialidade do Deus verdadeiro. O deus imaginado pelo ser humano permanece como fruto do pensamento humano. O pensamento humano não pode dar existência objetiva e consistente a um deus, a um espírito, a um *lwa*, uma vez que o pensamento humano, como projeção do eu fora de seu centro de acumulação psíquica, escapa constantemente os limites da geografia e da cronologia²⁵⁵. Deus não é fruto da imaginação humana. Por isso, nenhum pensamento humano pode reduzir Deus a um objeto. O ser humano pensa Deus conforme a sua necessidade²⁵⁶. Mas de forma racional não podemos entender que Deus começa a existir no momento em que alguém chega a imaginá-lo.

Legba, por exemplo, pode ser um nome imaginado. Inclusive, podemos inventar seu dia de nascimento. Este personagem pode ser estudado e apresentar algumas características próprias. Mas estas características são elementos correspondidos aos sentimentos humanos, nada pode transformá-lo em um deus, um espírito ou *lwa*. Com isso queremos apenas dizer que os múltiplos espíritos que inventaram no Haiti não existem. O que existe são os imaginários e os pensamentos românticos. Nenhuma linguagem humana pode esgotar a essência do Verdadeiro Deus. Os deuses na linguagem dos antigos latinos, dos gregos, dos egípcios, dos africanos e dos haitianos, com vários nomes e representações, são considerados como categorias intelectuais²⁵⁷.

Em todas as culturas os deuses permanecem como fruto da imaginação do ser humano. O ser humano está sempre em busca de algo concreto para poder realizar seus desejos. Automaticamente surge uma diversidade de imagens que justificam a sua existência. É um auto pensamento do ser humano. Este auto pensamento do ser humano no decorrer da história se torna uma tradição de verdade. Por isso, cada geração haverá de acreditar na existência de muitos espíritos. Trata-se de uma crença e uma moral tradicional que forma a mentalidade de todo o povo ao redor de uma multidão de deuses, que torna uma simples invenção da psicologia popular num espelho da alma comunitária. Mas os deuses não existem. Não podem ser personificados objetivamente. Portanto, os nomes permanecem na literatura popular²⁵⁸.

²⁵⁴ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p 44.

²⁵⁵ DEROSE, Rodolphe. *Caractere culture Vodou: formation et interpretation de l'individualité haïtienne*. 1955, p.181.

²⁵⁶ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p 44.

²⁵⁷ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 45.

²⁵⁸ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 46.

Claro, não estamos dizendo que o divino não existe. O divino existe. É uma dimensão em virtude da qual o ser humano encontra as explicações sagradas aos fenômenos da vida. Enraizado no coração humano, o divino produz uma mitologia e desenvolve uma religião. O divino não é uma realidade que ocupa um espaço. Encontra-se no interior da psicologia humana. Insere-se na natureza humana. Assim, leva o ser humano a busca de uma explicação misteriosa dos fenômenos, dos fatos reais e inexplicáveis²⁵⁹.

As mitologias são a projeção oral ou escrita das filosofias, dos problemas, das paixões do coração humano. Os deuses são a imagem dos que os honorem. Em cada contexto cultural os deuses expressam os traços do povo em questão. Para os Romanos expressam o poder de um homem sobre a sociedade. Daí que os Romanos inventaram Júpiter, chefe supremo do Olimpo. O que devemos sublinhar é que as mudanças históricas e sociológicas intervêm na vida dos povos e suscitam também modificação dos mitos. E isto se vê bem concreto no Haiti. Os africanos se encontravam no Haiti num contexto completamente diferente do seu país de origem, por isso haverá também uma mitologia diferente. No Haiti dois panteões de deuses serão imaginados, a saber, Petro e Rada. Estes panteões nunca foram conhecidos na África. Por esta razão é que encontramos certos limites ao apresentar o Vodou haitiano dentro da tradição africana²⁶⁰.

Um *lwa*²⁶¹ é a narração do estado mental de quem o inventa. Por exemplo, o *lwa Ogou Feray* nasce a partir da luta pela liberação do povo haitiano na escravidão. Pensar em relação a este *lwa* é ao mesmo tempo pensar na questão da guerra. *Ezili* nasce a partir do sentimento do amor entre homem e a mulher. Este *lwa* assume o papel cuidar das relações sentimentais.

Na concepção do judeu cristão, a divindade pertence exclusivamente ao único ser Supremo, um Deus trinitário, ou seja, um Deus em três pessoas. Este Deus único do mundo judeu cristão é o criador de tudo o que existe. Este Deus é independente do tempo e do espaço. É Infinito e Eterno. Do nada criou o mundo. Mas essa maneira de compreender Deus como Criador, Todo Poderoso, Mestre Soberano provém da imaginação humana que se projeta sobre Deus. São os sentidos humanos que fazem referência ao divino. É a maneira de expressar os desejos e sentimentos humanos sobre Deus. Mas existe nisso um grande risco, o de reduzir Deus, que é totalmente outro, a uma pequena dimensão cultural. É reduzir Deus apenas à mentalidade de um povo único. Se for assim, cada nação teria sua maneira própria de

²⁵⁹ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 46.

²⁶⁰ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 46.

²⁶¹ No Haiti o *Lwa* se classifica em dois grandes ritos. Assim tem o rito *Rada* e o rito *Petro*.

conceber Deus. Entendemos que Deus não pode ser pensado a partir da mentalidade de um único povo e impor essa única mentalidade a toda às nações²⁶².

2.4.2 Visão Bíblica em relação a Deus

A Bíblia constitui a base fundamental do pensamento judeu cristão sobre Deus como também sobre a questão dos espíritos. Isto acontece pela simples razão de que a Bíblia surgiu com o estilo da cultura judaica. Se não sabemos como nos servir da Bíblia, podemos nos induzir ao erro. Por isso, mister se faz aprender a distinguir o pensamento judaico do pensamento cristão. A linguagem bíblica nos remete do abstrato ao concreto: é uma linguagem cheia de imagens, de comparações, de metáforas, de alegorias, de parábolas, de personalização e de antropomorfismo. A título de exemplo, tomemos a criação do ser humano: é a operação de um oleiro que forma, do lodo da terra, um corpo de homem, o qual confere a vida ao soprar em suas narinas. A mulher é formada de uma costela tirada do corpo do homem enquanto ele dorme²⁶³. Claramente vemos uma linguagem ilustrativa.

A Bíblia concebe um anjo como ser cheio de luz e apresenta o demônio como uma serpente. As afirmações mais claras da Bíblia sobre os anjos ou os demônios, suas aparições, atividades ou mesmo, como escreve São Tiago, o fato que os demônios creem em Deus e temem (Tg 2,19), não remete a tese segundo a qual os anjos e os demônios são personalidades objetivas subsistentes nelas mesmas. A linguagem é cheia de imagens, por isso, é difícil a compreender literalmente. A linguagem bíblica é um elemento da cultura judaica. Ao ler a Bíblia é bom saber distinguir o que é poesia, imaginário, o que corresponde a fé e, sobretudo, o que é ensinamento religioso a transmitir.

O pensamento judeu cristão sobre Deus e os anjos nos é entregue nas fórmulas concretas que devem ser necessariamente interpretadas. Existe uma tendência psicológica universal a multiplicar os deuses responsáveis pelos elementos da natureza, tais como, a água, o fogo, o calor, as inundações, os incêndios, a guerra, as vitórias, as plantas, a saúde e a sexualidade. Esta tendência se encontra numa multiplicação de anjos²⁶⁴.

No Livro de Tobias encontramos a seguinte cena: “Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele a Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de

²⁶² AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 50.

²⁶³ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 51.

²⁶⁴ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 54.

pé, diante dele, mas não sabia que era um anjo de Deus” (Tb5, 4). Em continuidade a esta história, o guia declarou que seu nome é Azarias. Ele seguirá a viagem a Média com o jovem Tobias, pescará um peixe cujo fiel conservou e tornou-se um remédio para os olhos cegos do velho Tobias. Rafael significa curandeiro divino ou médico de Deus.

O Livro de Daniel apresenta o seguinte: “enquanto contemplava esta visão, eu, Daniel, procurava o seu significado. Foi quando, de pé, diante de mim, vi uma como aparência de homem. E ouvi uma voz humana sobre o Ulai gritando e dizendo “Gabriel explica a este a visão” (Dn8, 15-16). A seguir esse mesmo livro continua:

Eu estava ainda falando, proferindo minha oração, confessando meus pecados e os pecados do meu povo, Israel, e apresentando a minha súplica diante de Iahweh, meu Deus, pela santa montanha do meu Deus. Eu estava ainda falando em oração, quando Gabriel, aquele homem que eu tinha notado antes, na visão, aproximou-se de mim, num voo rápido, pela hora da oblação de tarde. Ele veio para falar-me, e disse: Daniel eu saí para vir instruir-te na inteligência (Dn 9, 20-22).

De fato, Gabriel quer dizer anunciação divina. Os nomes de anjos designam uma função única. Cada anjo tem sua função específica: Rafael cura os doentes, Gabriel informa a notícia particular, Miguel leva a afirmação que ninguém mais pode ser como Deus. As multidões de anjos guardiões são protetores dos seres humanos, das famílias, das comunidades, das cidades e das nações. Realizam-se as necessidades humanas. Os anjos são considerados, antes de tudo, uma relação entre Deus e os seres humanos²⁶⁵.

Perante esta análise, o que devemos saber é que o discurso do Judaísmo sobre Deus foi, num primeiro momento, a expressão da fé do povo de Israel, dirigido pelos visionários, pelos profetas, cuja ação e palavra fizeram sair o povo da escravidão do Egito. O próprio Jesus de Nazaré, o maior entre todos os profetas, busca realizar a plenitude da obra espiritual de seus predecessores. Mas foi rejeitado pelos Judeus e foi condenando à morte. Portanto, os seus discípulos testemunharam sua ressurreição gloriosa e afirmaram que ele apareceu vivo num corpo glorioso não submetido às vicissitudes do corpo terrestre que havia tido antes²⁶⁶. E isto se tornou o fundamento da fé cristã, como afirma São Paulo: “se o Cristo não ressuscitou a nossa fé é vã” (1Cor15, 17). O resto não é suficiente para assentar a fé cristã, tais como, os milagres e a elevação que afirma da doutrina evangélica. Com a ressurreição de Cristo temos a segurança de que não há mais que um Deus criador e conservador de todas as coisas. Mas,

²⁶⁵ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*. 1999, p. 56.

²⁶⁶ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*. 1999, p. 57.

apesar disso, os cristãos ainda acreditam na existência de uma multidão de anjos bons ou maus oriundos da mitologia judaica²⁶⁷.

2.4.3 Questão de Anjos, Demônios e *Lwa* ou *Loa*

A palavra anjo aparece muitas vezes dentro da Bíblia. Às vezes, ao invés de anjo se fala de arcanjo. Em oposição aos anjos e arcanjos aparecem as palavras satã, diabo, tentador, demônio, rebeldes à vontade do Criador, espíritos maus e malfeitores. Perante esta realidade de anjos e demônios, devemos lembrar que tudo isso faz parte de mitologia da cultura judaica²⁶⁸.

Segundo a *Encyclopaedia universalis*²⁶⁹, o conceito dos espíritos benfeitores e malfeitores se oriunda da Pérsia. Os judeus, quando foram para o exílio na Babilônia, absorveram esses dois conceitos e fizeram-nos corresponder com os anjos bons e anjos maus. Na perspectiva judaica, as divindades são os anjos fieis à vontade de Deus e/ou os anjos rebeldes ou demônios.

Conforme Santo Agostinho, Anjo designa a função e não a natureza. Esta natureza é Espírito. A função é o anjo. Conforme sua existência, o anjo é um espírito; conforme suas obras, é um anjo. Os anjos são servidores e mensageiros de Deus que contemplam continuamente a face do Pai que está nos céus (Mt 18, 10). Também os salmos apresentam os anjos como executores poderosos da palavra de Deus e como obedientes ao som da sua palavra (Sl 103, 10). Os Anjos, como criaturas espirituais, inteligentes e voluntárias, são criaturas pessoais e imortais. São mais perfeitos do que todas as criaturas visíveis²⁷⁰.

O próprio Jesus é o centro do mundo angélico. Como afirma em Mateus, “quando o Filho do homem vier em sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória” (Mt 25, 31). Nesse mesmo contexto, Paulo salientou na Carta aos Colossenses: “nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste” (Col 1, 16-17). A seguir, a carta aos Hebreus assinalou que, “por ventura,

²⁶⁷ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur. 1999, p. 57.

²⁶⁸ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur. 1999, p. 59.

²⁶⁹ AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur. 1999, p. 59.

²⁷⁰ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur. 1999, p. 61.

não são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação?” (Hb 1, 14). Os anjos dirigem o povo de Deus, anunciam o seu nascimento e sua vocação, assistem os profetas. O Anjo Gabriel, por exemplo, anunciou o nascimento de João Batista e de Jesus²⁷¹.

Desde a encarnação até a ascensão, a vida de Jesus, como Verbo encarnado, é contornada da adoração e do serviço dos anjos. Quando Deus “introduz o Primogênito no mundo, diz novamente: adorem-no todos os anjos de Deus” (Hb1, 6). Os anjos protegiam o menino Jesus, O serviram no deserto, O reconfortam na agonia. Conforme Lucas, os anjos evangelizam anunciando a boa notícia da salvação e da ressurreição de Cristo. Assim,

O anjo, porém, disse lhes: não temais! Eis que eu anuncio uma grande alegria, que será para todo povo: nasceu hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor na cidade de Davi. Isto servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura. E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus, dizendo: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama! (Lc 2, 10-14).

Devemos fazer uma leitura crítica buscando distinguir as expressões culturais de um lado e de outro lado determinar a revelação divina como objeto da fé cristã. Anotamos que, nas culturas bizantina, árabe, judaica, grega e ocidental, a imagem de Deus é concebida como todo poderoso. É um monarca absoluto drapeado de solene majestade e autoritário. Perante a revelação divina precisa-se ser prudente para não confundir a mesma com interesse humano. Na perspectiva humana, a obediência a um rei pode ser considerada como obediência ao próprio Deus e a desobediência ao mesmo é também considerada como desobediência a Deus. Assim precisamos estar atentos com estes traços culturais que fazem parte da doutrina cristã ligada à questão dos anjos²⁷².

Até aqui queremos salientar que nas culturas humanas existem várias nuances. Estas contornam a palavra de Deus, objeto da fé. Portanto, são elementos que devem ser deixados de lado para descobrir a Verdade da Revelação. Esses elementos culturais não podem ser impostos a ninguém, especificamente as pessoas de outras culturas, ou seja, de outros continentes e países específicos. De fato, devemos ter presente que nem todos os povos do universo que concebem Deus como um Deus imperial, um Deus comandante que antes de tudo recomenda a obediência. A verdadeira Revelação é aquela que apresenta um Deus que é amor. Como disse São João, Deus é amor (Jo4, 16).

²⁷¹ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur. 1999, p. 62.

²⁷² AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur, 1999, p. 63.

A intuição deste Deus amor é revelada no Evangelho como um Deus da vida do ser humano. Antes de tudo, é um Deus familiar e comunitário. Ele existe desde a Revelação primitiva em certas civilizações. Não podemos perder a imagem deste Deus amor por um Deus Comandante²⁷³. Concordamos que, na tradição cristã, as realidades espirituais personalizadas levam o nome de anjos, mas na Bíblia, às vezes, designam outra coisa como pessoas responsáveis e distintas de Deus.

Quanto ao demônio não queremos negar sua existência como aquilo que se opõe ao avanço do ser humano no caminho do bem, nem mesmo como força personificada na linguagem bíblica, mas apenas queremos interrogar a respeito de sua natureza. A mitologia judaica dos anjos e dos demônios não se impõe diretamente às culturas que têm seus próprios mitos. Estas culturas são chamadas a partilhar a mesma fé cristã, mas não é uma lixeira folclórica de culturas diferentes²⁷⁴. O que devemos reconhecer é que “a crença nos demônios ‘e nos anjos’ existe em todas as culturas e religiões, mas nem sempre tem em cada uma delas o mesmo significado e a mesma função”²⁷⁵.

O ensinamento cristão apresenta o demônio como um anjo que não respeita Deus tornando-se rebelde e agindo contra a vontade do seu Criador. Ele é totalmente diferente da natureza humana. A Bíblia não apresenta seu início nem seu fim. Por vezes parece um ser não criado, infinito. Já o ser humano é criado do nada. Como todas as criaturas, antes de ser chamado a existência, o ser humano é nada. Sem seu Criador, permanece como nada. O ser humano possui já na sua essência os estigmas do não ser. A finitude humana o interpela sempre. Diante das interpelações divinas dos anjos bons que procuram o bem humano e seu florescimento, se experimenta o chamado do nada, ou seja, as tentações diabólicas. O ser humano é sempre tentado a voltar a ser nada. Os estigmas do não ser que estão nele são conhecidos classicamente como pecado original, como tentações. Em suma, são todas as ações humanas contrárias à vontade divina²⁷⁶.

O demônio²⁷⁷ atua apenas se o mal existe. No entanto, o mal não é um real subsistente. Somente o bem existe. A ausência do bem é chamada de mal. Não podemos conceber um ser que seria o mal puro e que se chamaria demônio. Seria um não senso. O bem em si existe. É o

²⁷³ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 64.

²⁷⁴ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 73.

²⁷⁵ CNBB. *Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais*. Subsídios Doutrinários, n.9, p. 17.

²⁷⁶ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 75.

²⁷⁷ Reflexão baseada na primeira leitura do decimo domingo do Tempo Comum.

próprio Deus. Mas Deus é Infinito. Como o ser humano é criado por Deus, nele existe um mínimo do bem e um mínimo da ausência do bem no interior de sua finitude²⁷⁸.

Demônio é um dilema da linguagem popular bíblica. É o vestígio da dolorosa tensão e da incomfortável desproporção que existe entre nós e Deus. O demônio não é uma pessoa, mas é uma personificação. É a tentação personificada. Consiste na motivação que se dá à natureza humana para se interiorizar nela mesma e se desagradar sobre a influência do nada que o chama. É o conjunto de ideias formadas no espírito humano que floresce e cai no irracional²⁷⁹. É “resultado de um longo processo marcado pela influência de diversas tradições”²⁸⁰.

O demônio é um espírito, é uma tensão que afeta o ser humano. Seu estilo bíblico concreto e pedagógico. A tentação personificada passa a ser conhecida como tentador, adversário, diabo e satã²⁸¹.

O demônio pode se apresentar como um tipo de medo. Na primeira carta de São Pedro temos a seguinte exortação: “Sede sóbrios e vigilantes! Eis que o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão rugir procurando a quem devorar. Resisti-lhe, firmes na fé” (1Pd5, 8-9). O diabo aqui representa todo o mal que pode afetar os cristãos. Assim, podemos intuir que a noção de demônio é uma secreção do medo. Quanto mais o ser humano tem medo, mais acredita nos fantasmas e demônios. No Haiti o demônio mais visível é injustiça, a corrupção, a violência, a miséria e dominação²⁸². Estes são elementos que caracterizam medo na população. Mas o demônio não é o culto Vodou.

A partir do que dissemos, é possível concluir que, aquilo que a Bíblia nos apresenta como diabo/demônio/satanás, está marcado pelo medo: medo de ter visto Javé como pessoa, medo de serpente, medo das nações vizinhas, medo da dominação romana, medo do judeu cristão ao acolher os gentios ao batismo, medo das autoridades ditatoriais da época. Não é por nada que aparece o conceito de demônio na literatura judaico cristã dos Evangelhos. A cristandade continua com este discurso judaico sobre o demônio. Herdou-se do medo dos poderosos infernais²⁸³.

²⁷⁸ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 76.

²⁷⁹ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 79.

²⁸⁰ CNBB. Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais. Subsídios Doutrinários, n.9, p. 17.

²⁸¹ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur*, 1999, p. 88.

²⁸² AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 80.

²⁸³ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 89.

O medo é fruto do espírito de dominação, pois, quanto mais a população tem medo, mais se pode mantê-la sob o jugo feudal. Os mitos haitianos são chamados de *Lwa*. Este último é compreendido por muitos como demônio. Por isso esses mitos causam muito medo na sociedade haitiana²⁸⁴.

Na perspectiva dos judeus, dos judeus cristãos e dos cristãos existe um sentimento de apreensão face à misteriosa ameaça nas relações entre o invisível e o ser humano. Na Bíblia aparece várias vezes o “temor de Deus” quando se trata da disposição íntima que leva o ser humano no caminho do bem. O temor de Deus é o princípio do saber, fonte de vida. É o fator de prolongação e de segurança para a vida²⁸⁵.

No contexto religioso e espiritual o termo temor é significativo. Expressa uma realidade que remete ao coração humano, mas que não vem de Deus. É o ser humano mesmo que vive com a cultura do medo. Deus não ameaça ninguém para suscitar o medo²⁸⁶. Como disse São João, Deus é amor. Quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. Não existe medo no amor. Pelo contrário, o amor perfeito vence o medo, pois este último implica um castigo que nunca chega ao amor perfeito (1Jo4, 16-18.).

A falta do amor impõe ao ser humano o medo, os demônios e os castigos. O que a Bíblia designa como temor a Deus deveria ser compreendido como uma delicadeza da atenção para com Deus. A preocupação de não ofender a Deus é início da Sabedoria. Isto é um grande proveito espiritual²⁸⁷.

Esta exposição nos leva a perguntar: se os mitos da cultura judaica e outros servem para a orientação de uma experiência de fé, porque os mitos da cultura africana não podem cumprir o mesmo papel? Por que sempre são considerados como malfeitores e malignos? Assim, como os negros foram mal vistos ao longo da história, assim também tudo que compõe sua cultura é desprezado, condenado e rejeitado por toda a sociedade. No Haiti até a língua crioula não foi considerada idioma. O Vodou haitiano foi considerado como: diabólico, culto desumano e antissocial. Assim como o negro é considerado inferior ao branco, a sua

²⁸⁴ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 90.

²⁸⁵ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 90.

²⁸⁶ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 91.

²⁸⁷ AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur.* 1999, p. 91.

cultura também é inferior. Os negros são: subprodutos, semi-humanos, metade besta, apenas podem realizar o trabalho imposto pelos senhores sem a questão de justiça e sem salário²⁸⁸.

No Haiti o termo “Espírito” é conhecido como *lwa*, que é uma palavra crioula de origem africana *lo*. Etimologicamente significa poder invisível, força misteriosa. Corresponde, na cultura ocidental, a espírito ou Anjo. No Vodou haitiano o *lwa* é a expressão autêntica do divino, do sagrado, conforme a visão africana implantada no Haiti. O *lwa* é a manifestação das emoções, dos desejos, das frustrações e paixões do ser haitiano²⁸⁹.

Lwa é uma literatura popular que encontra plena expressão cotidiana. Tratando-se da literatura popular é indispensável ter consciência do singular problema de duas linguagens desiguais, duas civilizações diferentes, a saber, o crioulo e o francês²⁹⁰.

A alma haitiana é marcada pela opressão, mas não tem *a priori* a natureza agressiva. O Espírito dominador de *Bois-Caiman*, é chamado Deus dos brancos. Já o Deus dos haitianos é percebido como um Deus libertador e vivo. O *lwa* do Vodou tem a mesma conotação dos Anjos no mundo Greco-Romano e Judaico.

O *Lwa Azaka* da agricultura protege as plantações e a vegetação, orienta a germinação e a frutificação das plantas. É padroeiro de *Combite* (mutirão), ou seja, dos trabalhos comunitários e agrícolas. Na linguagem mitológica da Bíblia ou do Cristianismo seriam os Anjos da Guarda dos campos²⁹¹.

Legba, senhor das cruzadas, orienta a circulação dos viajantes e é guardião dos portões. Por isso lhe rogam assim: “abre-me a porta, Pai Legba”. Nas cerimônias religiosas, trata-se de uma porta espiritual. A função de Legba corresponde a mesma definição da função de Jesus: “*eu sou o caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai se não passa por mim*” (Jo14, 6). A função de Legba é o reflexo de uma necessidade humana de ultrapassar o que lhe é um limite intransponível.

Lwa Tijan cuida das plantas medicinais. Comunica no sonho com que se deve tratar as enfermidades para saber como proceder até a cura. Na mitologia bíblica é conhecido como Arcanjo Rafael que intervém como curador²⁹².

Ogoun Feray anima os guerreiros. Respira a motivação, a determinação e a coragem que devem sustentar as lutas dos indivíduos e das armas. Este *Ogoun* do rito Petro nasceu no

²⁸⁸ AUGUSTIN, Joseph. *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 99.

²⁸⁹ AUGUSTIN, Joseph. *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 157.

²⁹⁰ AUGUSTIN, Joseph. *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 158.

²⁹¹ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 163-164.

²⁹² AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur*: Et si le vaudou était une valeur! 1999, p. 165.

Haiti por causa da luta pela liberdade. Inspira a defensiva assim como a ofensiva na libertação do povo²⁹³.

O *lwa* é uma energia das profundezas do ser humano. Para compreender o que é um *lwa* precisamos sair de todo tipo de conhecimento teológico e filosófico de base ocidental a respeito dos anjos e ter a abertura compreender a realidade do ser haitiano na sua totalidade, compreender a vida cotidiana e a dominação sofrida por este povo. Na concepção de pessoas que não sabem nem ler nem escrever, um *lwa* não é uma abstração filosófica ou teológica. É percebido num efeito concreto, num fenômeno que tem sentido e que mantém mais ou menos o equilíbrio do sujeito. Um fenômeno inexplicável é chamado de mistério. A palavra mistério em crioulo significa realidade para qual o espírito humano não encontra explicação. No entanto, *Lwa* e mistério são sinônimos. Para o povo simples, o *lwa* é um transe ou uma agonia. Transe resume todos os problemas ordinários, as preocupações diárias. Os nomes de cada *Lwa* servem para representar a fisionomia de cada transe. Tudo isso é apenas uma visão subjetivas a respeito dos *Lwa*. As loas, assim, são consideradas como divindades²⁹⁴.

O que os haitianos chamam de *lwa* é um “transe” mais ou menos radical, sendo, ao mesmo tempo, a causa desse fenômeno. O “transe” vai da simples inspiração à sublimação ou à uma obsessão por uma ideia. Tais sentimentos geram contorções e convulsões extravagantes e impressionantes, onde nem o fogo, nem os cacos de vidros têm ação sobre o tecido do corpo. Depois do “transe”, o equilíbrio se reestabelece, o sujeito recupera normalmente as suas faculdades²⁹⁵. A pergunta que devemos responder agora é: de onde vem o transe? O povo nunca faz esta pergunta. Apenas constata o “transe”, vive com ele e nada mais. É uma questão de experiência²⁹⁶.

Um *lwa* pode ser concebido como uma energia. Esta energia não é uma divindade. E nesse contexto o *Lwa* como transe é percebido como uma energia que influencia o corpo. Assim, transe é todo estado do organismo humano sobre o ângulo neurológico, mental, psicológico ou emocional num estado diferente de seu estado normal ou habitual²⁹⁷.

²⁹³ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 166.

²⁹⁴ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 168.

²⁹⁵ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 168.

²⁹⁶ DEROSE, Rodolphe. *Caractère culture Vodou: formation et interpretation de l’individualité haïtienne*, 1955, p. 167.

²⁹⁷ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 170.

Todo modo fora do habitual do ser humano leva o nome de “tombe lwa ou transe”. O *Lwa* é manifestação na qual se percebe a intervenção do divino. A frequência destas epifanias constitui uma primeira razão para que ninguém acredite nestes deuses. Isso por que, quando há constatações demais, a fé perde o espaço. A fé implica a confiança no que é invisível. Podemos admitir que a divindade se manifestasse às vezes, mas quanto aos transe, parece bastante óbvio que são manifestações da pessoa mesma ou de forças do seu ambiente, as energias²⁹⁸.

Um *lwa* é uma atividade do interior do ser humano como os anjos também são as atividades de Deus. É um movimento psíquico em busca de comunicação com um mundo desejado. É um sonho materializado nas tensões nervosas, nas palavras e gestos²⁹⁹. O *Lwa* no Haiti é considerado mais como uma energia do que uma divindade. Transe permanece como algo misterioso³⁰⁰.

Para desmistificar a questão do *Lwa* como divindade no Haiti, é necessário ensinar o haitiano a assumir suas responsabilidades, seus problemas, para poder encontrar soluções adequadas ao invés de ignorá-las e acusar as divindades. As energias do universo assumem seu papel. É preciso formar as pessoas para uma gestão inteligente e vantajosa dessas energias³⁰¹.

Do ponto de vista religioso um *lwa* é uma divindade. Tem como função esclarecer as situações concretas, indicar o caminho a seguir, propor medicamento necessário aos doentes, apresentar soluções aos problemas e decuplar as forças da resistência³⁰². Do ponto de vista literário, entende-se que as paixões e atividades atribuídas à *Lwa* expressam condições da psique e do comportamento humano. E do ponto de vista naturalista, o *Lwa* é uma energia que preenche a natureza. É necessário aprender a dominá-lo³⁰³.

De fato, é quase impossível uma autêntica educação humana no Haiti sem considerar o Vodou como o equilíbrio mental do ser haitiano. Não há espaço para entender o *Lwa* como demônio, como fantasma invisível e perigoso que merece ser exorcizado pela oração. No

²⁹⁸ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 171.

²⁹⁹ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 177.

³⁰⁰ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 195.

³⁰¹ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 196.

³⁰² AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 237.

³⁰³ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objectif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 238.

Vodu Haitiano existem duas realidades: o estado da alma das pessoas e a energia da natureza. Estas realidades não são próprias ao Vodu, mas pertencem à criação. É com estas duas realidades que o Vodu se organiza³⁰⁴.

2.5 A compreensão do termo Inculturação na perspectiva da Evangelização

Conforme Fils-Aimé³⁰⁵, o conceito de Inculturação nasce no quadro das influências recíprocas entre o Evangelho e a cultura local. Azevedo³⁰⁶ entende a Inculturação como uma qualificação indispensável da revelação, da Evangelização e da reflexão teológica. Trata-se também de um termo teológico, com uma conotação antropológica cultural, mas que é diferente das noções básicas da antropologia: aculturação, enculturação, transculturação e adaptação³⁰⁷.

Por aculturação entende-se um processo de transformação da pessoa resultante de seu contato com uma cultura que não é sua. Enculturação é um conceito análogo à socialização. Trata-se do processo de iniciação de um grupo a sua própria cultura. Transculturação denota a presença de determinados elementos culturais por meio de várias culturas. Adaptação é o ajustamento fenomenológico, tanto do Evangelizador quanto da mensagem à cultura destinatária³⁰⁸. Ao contrário,

por Inculturação designa-se o processo ativo a partir de dentro mesmo daquela cultura que recebe a revelação através da Evangelização e que a compreende e traduz segundo seu modo próprio de ser, de atuar e de comunicar-se. Pelo processo de Evangelização inculturada lança-se no solo da cultura a semente evangélica. O germe da fé vem a desenvolver-se então nos termos e segundo a índole peculiar desta cultura que a recebe³⁰⁹.

Fils-Aimé³¹⁰ trata da Inculturação como a dinâmica complexa do encontro da fé cristã com a cultura local. O objetivo primeiro desse conceito consiste em reportar da maneira cujo

³⁰⁴ AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objetctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 238.

³⁰⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 68.

³⁰⁶ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³⁰⁷ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³⁰⁸ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³⁰⁹ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³¹⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 68.

Evangelho sobrevive e enriquece inserindo-se na cultura local dada, transformando a mesma. Azevedo³¹¹ vê como

Um processo de Evangelização pelo qual a vida e a mensagem cristã são assimiladas por uma cultura de modo que não somente elas se expressem através dos elementos próprios desta cultura, mas venham a construir-se também princípio de inspiração a um tempo, norma e força de unificação que transforma, recria e relança esta cultura.

A Inculturação “implica e conota sempre uma relação entre fé e cultura. Estes últimos são realidades que atingem e abraçam a totalidade da vida e da pessoa humana, no plano individual e comunitário”³¹². A fé cristã, nesse contexto, se entende como “a plena resposta existencial de aceitação dada por uma pessoa ou um grupo humano ao dom vivo de Deus em Jesus Cristo”³¹³. Também se entende por cultura todo “conjunto de sentidos e significações, de valores e modelos, subjacentes ou incorporados à ação e comunicação de um grupo humano ou sociedade concretos e por eles considerados expressões próprias e distintivas de sua realidade humana”³¹⁴. Conforme Brighenti³¹⁵,

O termo Inculturação é a composição de uma raiz central cultura, ladeada por um prefixo e um sufixo. O prefixo in assinala um movimento de fora para dentro, mas na perspectiva da Encarnação, no sentido de que o Evangelho se encarna nas culturas para iluminá-las, elevá-las e plenificá-las. O sufixo ção indica um processo ou uma tarefa pastoral, ou seja, a missão de transfigurar as culturas pelo mistério de Cristo, plenitude de todo homem.

Foi nesse sentido que Jesus entregou sua vida e seu Evangelho como dom a todas as culturas e povos estabelecendo, assim, uma relação pluricultural, de comunicação gratuita no amor e na verdade, deixando ao outro não só o livre-arbítrio, mas também a responsabilidade de assumi-lo a partir dos elementos próprios de sua cultura.

Para Bacon³¹⁶, a Inculturação localiza-se na Evangelização a partir da fé e da cultura, na relação Evangelho e cultura. É o encontro entre a fé cristã e a cultura local que são mutuamente moduladas. Graças ao estandarte do Evangelho, a cultura se transforma. A fé cristã permanece em suas intuições fundadoras, mas também é recriada pelas novas maneiras

³¹¹ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³¹² AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³¹³ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³¹⁴ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³¹⁵ BRIGHENTI, Agenor. *Por uma Evangelização inculturada: Princípios pedagógicos e passos metodológicos*, 1998, p. 33.

³¹⁶ BACON, J. *Inculturação, concept sociothéologique: Essai de clarification et prospective*. 1997, p. 214.

de expressões culturais. A Inculturação não é uma abordagem essencialista. Não existe um Evangelho pré-fabricado que é imposto a todas as culturas. Ao contrário, pela Inculturação, o Evangelho se recria no contato com a outra cultura receptiva que é constitutiva de sua natureza. Inculturação não é uma questão de imposição da fé cristã a cultura local receptiva, escreve Fils-Aimé³¹⁷, pois a fé cristã não se transmite mais nos termos platônicos de essência e de acidente, quer dizer, de revestimento exterior. A cultura local é a matriz e o fator constitutivo da fé cristã e do Evangelho.

Podemos avançar dizendo que a Inculturação “não é um ato, mas é um processo, isto supõe e envolve história e tempo. É um processo ativo, que exige mútua acolhida e diálogo, consciência crítica e discernimento, fidelidade e conversão, transformação e crescimento, renovação e inovação”³¹⁸. Ela supõe interação entre fé viva e cultura viva. Não é, pois, arqueologia cultural. Por isso, “o processo de Evangelização inculturada não leva a absolutizar em abstrato uma cultura ideal ou restaurar uma cultura histórica pretensamente válida, porém só na realidade de seu passado”³¹⁹.

Inculturação supõe interação da fé com as culturas, assim como está e existe no seu processo dinâmico, que integra a tradição e mudança, fidelidade às origens e novas criações³²⁰. Ela “não é um processo que privilegia a Evangelização da cultura em detrimento ou substituição da Evangelização da sociedade. Cultura e sociedade são conceitos e realidades distintos. Mas toda cultura tem expressões sociais”³²¹.

Conforme Bacon³²², na perspectiva do Judeu cristão, a Inculturação representa um processo lento pelo qual os coletivos vivem e expressam de maneira original os eventos fundadores da fé graças à emergência do Espírito, emprestando a sua própria cultura, seu modo de agir e pensar nas línguas, as tradições e patrimônios, os símbolos e rituais. Esta definição conserva a parte misteriosa da conversão, pois, na Inculturação, não podemos explicar plenamente como o indivíduo vive a experiência determinante dos eventos fundadores do Evangelho.

³¹⁷ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 68.

³¹⁸ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³¹⁹ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³²⁰ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³²¹ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³²² BACON, J. *Inculturação, concept sociothéologique: Essai de clarification et prospective*. 1997, p. 33.

Tendo presente a definição de Bacon, podemos aludir dois elementos necessários na questão da Inculturação. Em primeiro lugar, referimos ao Espírito de Deus que atua no interior da cultura. E, em segundo, apontamos para o tempo da graça pelo qual a Inculturação poderia se realizar naturalmente por si mesmo, sem a intervenção de uma instituição. Como nos informa Fils-Aimé³²³, o missionário não desempenha um papel determinante no processo da Inculturação. O papel do missionário é apenas apresentar o Evangelho e confiar no Espírito de Deus. De fato, a Inculturação se realiza dentro de uma troca mútua entre o Evangelho e os elementos da cultura local, considerando, por exemplo, línguas, ritos, crenças e outras.

Na visão de Arrupe, conforme Fils-Aimé³²⁴, a Inculturação é apresentação da mensagem e dos valores do Evangelho nas formas e nos termos próprios a cada cultura, para que a fé e a vida cristã da comunidade local se insiram de maneira mais íntima e mais profunda possível no quadro cultural determinado. Mas também é um novo modo de desenvolvimento cultural no seio da nova cultura onde foi semeada a nova expressão do Evangelho, que as pessoas chamam de fé.

Considerando assim, a compreensão da Inculturação a partir da semente, segundo Arrupe, nos parece implicar um movimento inicial de cima para baixo, que acentua mais o ato da apresentação do que o processo de recepção da mensagem do Evangelho. Esta concepção apresenta o papel determinante de quem semeia a palavra. Podemos nos perguntar: a Inculturação é um movimento descendente ou ascendente? Esta definição apresenta um risco: o de confundir Inculturação com adaptação. Na compreensão de Arrupe³²⁵, o termo Inculturação deixa perceber que apenas o missionário é o agente responsável pela Inculturação. Portanto, já aludimos que, para Bacon, a Inculturação se realiza pela ação do Espírito Deus e com tempo indeterminado. Nesta perspectiva, o que seria o valor do Evangelho e valor cultural, já que é bem fácil confundir o valor do Evangelho com os valores culturais? Não é o caso que se deu na sociedade haitiana: apresentar os valores ocidentais como valores do Evangelho? Observamos que no contexto haitiano existe um deslocamento entre o que são valores evangélicos e valores ocidentais. Por isso, a Evangelização no Haiti não nos parece cristianização, mas ocidentalização.

Voltamos nosso olhar para a compreensão de Carrier³²⁶ sobre a Inculturação. Este apresenta a Inculturação como esforço de fazer penetrar a mensagem de Jesus num ambiente sociocultural, para crescer conforme todos os valores próprios, a fim de se tornar conciliáveis

³²³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 73.

³²⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 73.

³²⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. 2003, p. 74.

³²⁶ CARRIER, Hervé. *Évangile et cultures de Léon XIII à Jean Paul II*, 1987, p. 147.

com o Evangelho. Para Carrier, a Inculturação tem como objetivo naturalizar o Cristianismo em cada país, região ou setor social, no pleno respeito do caráter e do gênio de cada coletividade humana. Essa compreensão de Carrier também nos deixa em dúvida. Ao contrário de Arrupe, Carrier sustenta que quem tem o dever de julgar e interferir no modo de Inculturação é o missionário. Tendo presente essa compreensão, perguntamos: não é este um método de adaptação ou de contextualização? Parece-nos outra confusão a afirmação de Bacon de que a Inculturação pode se realizar somente na confiança do Espírito de Deus, com o tempo, sem a intervenção Institucional. Se é assim, quem decidirá os valores conciliáveis com o Evangelho? Cremos que Carrier avança um passo quando diz que a Inculturação não é mais do que a naturalização do Cristianismo em cada país. De novo, perguntamos: se for assim, como distinguiremos a Inculturação da contextualização, da transculturação ou da transplantação?³²⁷

Partindo da compreensão de Carrier, vimos a Inculturação no sentido da reprodução de um Cristianismo universal com expressões culturais diferentes. Isto é uma forma de contextualização. Esta tendência é muito comum na apresentação do Cristianismo no Haiti, onde os cantos, a liturgia, os valores de origem ocidental buscam apenas fazer um remanejamento de idioma, o que dá a ilusão de uma indigenização. No entanto, a tradução dos valores da cultura ocidental na língua local não significa enraizamento do Evangelho na cultura local. Assim, como escreve Fils-Aimé³²⁸, “o pleno respeito do caráter e do gênio de cada coletividade humana implica que a cultura local tem potencial evangélico que lhe torna *capax evangelii*”.

Aparecido da Silva³²⁹, citado por Zilles, diz que a Inculturação não é um sincretismo no qual se misturam todas as culturas e valores. Mas, com “o prefixo in trata-se de um movimento da mensagem evangélica que vem habitar no meio das pessoas, penetrar em seu fazer e agir e qualificá-los com um sentido divino”³³⁰.

Na perspectiva de Azevedo³³¹, a Inculturação é vista como processo ativo a partir do interior da cultura que acolhe a revelação por meio do Evangelho e que a compreende e a traduz segundo a maneira própria de ser e de se comunicar. Pelo processo de Evangelização

³²⁷ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 75.

³²⁸ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 75.

³²⁹ APARECIDO DA SILVA, Antônio. *Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira*. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 118.

³³⁰ APARECIDO DA SILVA, Antônio. *Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira*. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 118.

³³¹ AZEVEDO, MC. *Inculturation dans le dictionnaire de théologie fondamentale, sous la direction de René Latourelle et de René Fisichella*. 1992, pp. 612-624.

inculturada se semeia, na cultura, a semente do Evangelho. A semente da fé se desenvolve então nos termos e segundo o caráter particular a esta cultura que lhe acolhe. A luz desta reflexão, a metáfora da germinação nos parece implicar um movimento espacial que parte de baixo para cima. Podemos nos perguntar: é verdade que a Inculturação é um processo que parte de baixo para cima ou vice-versa? Inspirando na definição de Azevedo, diríamos que o papel ativo da cultura receptiva é acolher a mensagem do Evangelho, esse é o seu modo de ser, a sua maneira de agir, de modo que, o processo de Inculturação seria fruto natural do tempo. A Inculturação, assim, não depende de uma instituição religiosa.

Mas é importante também perguntar: qual é o papel do tempo no processo de Inculturação? Respondemos tomando a reflexão de Azevedo: é importante semear, mas precisamos saber esperar que o germe da fé se desenvolva. A Inculturação é um conceito cristológico comparável ao processo de encarnação de Jesus³³². A maneira de conceber Jesus e sua encarnação tem uma incidência sob o modo humano de aplicar as implicações da Inculturação. Partindo apenas da visão humana de Jesus, segundo a qual sua natureza e sua mensagem são definidas uma vez para sempre, a Inculturação não ultrapassará o método da adaptação. Portanto, a mensagem cristológica e sua natureza revelam e expressam sempre diferentemente do tempo e do espaço. Nesse caso, vimos que a cultura receptiva tem um papel preponderante no processo de inculturação³³³.

Segundo Fils-Aimé³³⁴, citando Scheuer, a Inculturação é o processo pelo qual a vida e a mensagem cristã inserem-se na cultura particular, encarnam-se. Ao tornarem-se parte de uma comunidade cultural, de uma sociedade dada e enraizada, produzem novas riquezas, formas inéditas de pensar, ação e celebração. Esta compreensão de Scheuer nos parece mais apropriada, considerando o conceito da encarnação que põe a Inculturação numa perspectiva cristológica. Concordamos que a Inculturação inclui o pensamento, a ação e a celebração.

Diante dos diferentes pontos de vistas sobre o termo de Inculturação, podemos dizer que a Inculturação implica a apropriação, por uma coletividade humana, das instituições fundadoras da fé cristã. Esta apropriação pode se realizar sem a intervenção de uma instituição, pois é um processo perpétuo de inserção e de enraizamento na cultura local pelo qual a mensagem do Evangelho se recria em virtude do gênio próprio na cultura receptiva, ao passo que a cultura local é transformada por si mesma pelo Evangelho. Assim, nos parece que a Inculturação é realizada em quatro etapas, a saber, 1) apresentação da mensagem do

³³² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 76.

³³³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 76-77.

³³⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 77.

Evangelho pelo missionário; 2) a compressão e a apropriação da mensagem pela cultura local; 3) a transformação da cultura pela mensagem do Evangelho; e, 4) a recriação da mensagem evangélica pelo qual as maneiras de expressões inéditas da cultura receptiva³³⁵.

Na Evangelização inculturada está a relação fé-cultura-sociedade. A Evangelização inculturada não se dá apenas na transferência ou modificação de linguagens e métodos, de ritos, normas e símbolos, de organização e normas, de modos externos de fazer e de expressar-se. Ela deve ir mais longe e atingir os alicerces, as raízes da cultura³³⁶, isto é, seus sentidos e critérios, sua visão de mundo, sua inspiração tácita ou patente, mas realmente determinante, da práxis sociocultural deste grupo humano e que se traduz na elaboração dinâmica e nas transformações históricas de seu *ethos* sociocultural. A Evangelização inculturada toca, assim, o nível mais profundo da pessoa e, a partir dela, tendo presente as complexas redes de relações entre as pessoas e delas com Deus³³⁷, numa dinâmica de conversão individual e comunitária. Ela alcança as expressões éticas da fé que trazem consigo a exigência de transformação e aperfeiçoamento das estruturas da sociedade³³⁸.

A revelação se fez no contexto de um povo e no quadro evolutivo de sua formação sociocultural, então,

A Evangelização deve igualmente levar em conta a realidade sociocultural muito diversificada de seus destinatários. A reflexão teológica sempre também se desenvolveu dentro e a partir de um universo sociocultural identificável e que significativo para a compreensão, à interpretação e avaliação do que é teologicamente produzido³³⁹.

“Evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. Ela existe para Evangelizar”³⁴⁰. No contexto restrito a “Evangelização se identifica com o anúncio ou a proclamação do Evangelho e no contexto amplo se identifica com a promoção humana e a luta pela justiça ou também o diálogo inter-religioso pertencem de pleno direito a missão evangelizadora”³⁴¹.

³³⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 78.

³³⁶ EN, 19.

³³⁷ EN, 20.

³³⁸ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³³⁹ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 464.

³⁴⁰ EN 14.

³⁴¹ DUPUI, Jacques. Evangelização e Missão. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p.299.

A Evangelização envolve a pessoa inteira: as palavras, os atos e o testemunho³⁴². O Evangelho não é necessariamente incompatível com as diversas culturas, mas sucessível de impregná-las todas sem escravizar nenhuma delas³⁴³. Evangelização é comunicação participativa e não autoritária. Comunicar é fazer-se integrante. Evangelização é testemunho para todos os momentos e instantes. É promoção de compromisso, conversão de coração e de vida. Uma Evangelização eficaz é que visa que todos sejam livres e respeitados como sujeitos da história³⁴⁴.

³⁴² DUPUI, Jacques. Evangelização e Missão. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 299.

³⁴³ EN, 20

³⁴⁴ BELTRAMI, Arnaldo. *Comunicação, cultura e evangelização*. In: SUESS, Paulo. *Cultura e evangelização*, 1991, p.72.

3 PISTAS PARA A INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO NO CONTEXTO DO VODU HAITIANO

A Inculturação não é uma arqueologia teológica. A mensagem bíblica evangélica, fiel a si mesma e ao Deus que se revela em e por Jesus Cristo é anunciada às pessoas e grupos concretos. As expressões, as ênfases, as formulações e as mediações de compreensão pautam-se pelos ritmos humanos. Elas hão de proporcionar-se aos contextos específicos da vida em que se processa a Evangelização³⁴⁵. O ponto de partida da Inculturação é

Sempre o conhecimento e a identificação da cultura que se quer evangelizar. Este conhecimento se faz por uma interação entre o evangelizador, portador da mensagem que procura conhecer a cultura para poder evangelizar e os sujeitos que são desta cultura e que a vivem como sua³⁴⁶.

Como nos mostra a pedagogia de Javé no Antigo Testamento, de Jesus e de Paulo no Novo Testamento e da Igreja sob a ação do Espírito Santo ao longo da história, o processo de Evangelização articula as dimensões de educação e de comunicação. Uma e outra pressupõem e implicam a atenção ao interlocutor, a seu universo próprio, a seu contexto histórico, a seu nível de apreensão e capacidade de assimilação. Não pode haver um modo único e uniforme de evangelizar. Evangelizador e evangelizando são ambos os sujeitos do processo e devem estar atentos aos respectivos quadros históricos culturais e à peculiar ação do Espírito Santo³⁴⁷.

A relação do Vodou com o processo de Evangelização é muito forte no Haiti. Os haitianos, pelo fato de serem descendentes africanos e alimentados por uma fé simbiótica, foram objetos da Evangelização e reagiram com resistência, recriando o conteúdo da

³⁴⁵ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

³⁴⁶ AZEVEDO, Marcello. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé: A realidade das CEBs e sua tematização teórica, na perspectiva de uma evangelização inculturada*. Fé e realidade. N. 91. 1986, p.302.

³⁴⁷ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 465.

Evangelização, de tal modo que, no Haiti, nasceu um Cristianismo com rosto haitiano de inspiração africana. Isto aparece de modo concreto na maneira que os haitianos expressam sua fé à luz de uma religiosidade popular. Nesse contexto, podemos alertar que a realidade do Vodou haitiano, da Evangelização e da Inculturação é uma questão atual, com ganhos significativos e desafios emergentes.

Evangelizar no Haiti é abrir espaço para que os pobres possam evangelizar-se e ser evangelizados a partir de suas próprias culturas e de suas próprias histórias. Como escreve Suess³⁴⁸, “o Evangelho denuncia tudo aquilo que destrói a identidade dos povos e corrompe a reciprocidade do gênero, dos bens e da palavra. O seguimento do Verbo encarnado e crucificado no meio dos povos é experiência pascal de Deus na diversidade do Espírito”. Para responder ao objetivo desse capítulo, tal como o próprio título nos indica “inculturar o Evangelho no contexto do Vodou haitiano”, salientaremos alguns elementos sistemáticos que contemplarão uma linguagem concreta como também abstrata.

O trabalho abraça de forma geral o Cristianismo em relação ao Vodou no Haiti, com o objetivo de incluir o Vodou e seu papel no processo de Inculturação do Evangelho. De fato, o primeiro capítulo nos fez conhecer a realidade haitiana, descrevendo em parte o que se entende por Vodou na sociedade haitiana e apresentando os seus momentos cruciais perante os missionários que vieram implantar o Cristianismo no Haiti; o segundo capítulo, por sua vez, aponta para uma discussão teológica em diálogo com a realidade haitiana marcada pela cultura do Vodou. Agora, o terceiro capítulo tentará, por sua vez, trazer algumas pistas concretas que dirão respeito ao Evangelho como sinais da boa nova dentro da sociedade haitiana. Para isso, será necessária a própria orientação da doutrina cristã.

Assim, contemplaremos, num primeiro momento, algumas pistas em relação ao magistério eclesial; num segundo momento, focaremos a questão da eclesiologia, que tem como objetivo refletir sobre as ações da Igreja e não de propor o conteúdo; num terceiro momento, apelaremos para a cristologia como elemento central de todo o agir cristão; num quarto momento, apontaremos para uma antropologia teológica no qual vivenciará em parte uma teologia específica do Vodou. Tendo presente, estes quatro elementos, para tentar responder à problemática do trabalho, tomaremos a liberdade de propor algumas pistas e caminhos para Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano e também apontaremos o que seria a missão como sinal da boa nova em relação à realidade haitiana.

³⁴⁸ SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*, 1995, p. 193.

3.1 Pistas no magistério eclesial

Os padres da Igreja deixam-se guiar pela regra fundamental da dupla fidelidade defendida pela teologia da Inculturação: Respeito às pessoas a serem evangelizadas, o que pressupõe a tomada de culturas a sério e filosofias ambientais, e conformidade com a Palavra de Deus revelada em Jesus Cristo, culminando na afirmação da transcendência do Evangelho³⁴⁹.

O Vodou faz parte integrante das religiões afro americanas. João Paulo II afirmou que “as populações afro americanas representam uma parte relevante no conjunto do continente e, com seus valores humanos e cristãos, e também com a sua cultura, enriquecem a Igreja e a sociedade em tantos países”³⁵⁰. As comunidades de matrizes africanas oferecem grande riqueza de sua cultura à variedade multiforme do continente. Segundo João Paulo II, as comunidades negras devem manter firme a sua identidade, seus usos e costumes. Em sua visão, a fidelidade ao próprio ser e ao patrimônio espiritual afro é algo que a Igreja deve: respeitar, encorajar e fomentar³⁵¹. A mensagem de João Paulo II mostra o quanto é necessário o conhecimento das culturas africanas para poder promover uma Inculturação das celebrações, acolhendo os símbolos, os ritos e expressões religiosas próprias destes povos³⁵². Puebla³⁵³ convida a reconhecer que as culturas não são campo vazio, carente de valores autênticos. Também este mesmo Documento lembra que a Evangelização não é um processo de destruição, pelo contrário, é um processo de consolidação e fortalecimento desses valores. A Evangelização é uma contribuição para o crescimento da semente do Verbo atuando nas culturas.

A Inculturação visa uma aproximação radical e crítica entre o Evangelho e as culturas. Esta aproximação é um pressuposto para a comunicação da Boa Notícia do amor de Deus nas diferentes culturas³⁵⁴. Na Inculturação se entrelaçam meta e método, o universal da salvação

³⁴⁹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 226.

³⁵⁰ APARECIDO DA SILVA, Antônio. *Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira*. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 96.

³⁵¹ APARECIDO DA SILVA, Antônio. *Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira*. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 96.

³⁵² APARECIDO DA SILVA, Antônio. *Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira*. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 96.

³⁵³ PB, 401.

³⁵⁴ SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*, 1995, p. 184.

com o particular da presença. O universal “tanto mais promove e exprime a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas”³⁵⁵. Conforme o documento de Santo Domingo, a meta da Inculturação é a libertação, e o caminho da libertação é a Inculturação³⁵⁶.

Suess³⁵⁷ diz que a *Gaudium et Spes* nos convida a priorizar valores e metas que admitem uma hierarquia de verdades e uma diversidade legítima³⁵⁸. Assim, vale na Inculturação o princípio do diálogo ecumênico, quer dizer, o princípio da unidade naquilo que é necessário, da liberdade nas coisas que não atingem a substância da fé e da caridade em tudo. “A Inculturação visa a uma proximidade respeitosa em face da alteridade, crítica frente ao pecado e solidária no sofrimento. A assunção cultural visa à redenção integral *incarnatus est propter mostram salutem*”³⁵⁹.

De fato, a comunhão entre o Vodou e a fé cristã implica um estudo profundo da cultura haitiana com o objetivo de determinar as práticas tradicionais dessa cultura que não correspondem às exigências específicas da mensagem de Cristo. Mas antes, isso requer um discernimento aprofundado, a fim de determinar os aspectos do Vodou que não dizem respeito à encarnação dos valores do Evangelho como também para descobrir os valores que dizem respeito à fé cristã. De tudo o que podemos fazer e realizar, precisamos ser cientes de que a Inculturação, como afirma Bento XVI³⁶⁰, tem seu protagonista autêntico que é o Espírito Santo:

É Ele que preside de modo fecundo ao diálogo entre a Palavra de Deus, que se revelou em Cristo, e as solicitações mais profundas que brotam da multiplicidade das pessoas e das culturas. Continua assim, na história, o evento do Pentecostes que se enriquece através da diversidade das linguagens e das culturas na unidade duma única e mesma fé. O Espírito Santo faz com que o Evangelho seja capaz de impregnar todas as culturas, sem se deixar subjugar por nenhuma.

Perante essa provocação, a missão cristã no Haiti é discernir os elementos culturais que são contrários ao Evangelho. Como Jesus disse em Mt 13, 26, separar o joio do trigo: “Assim o Cristianismo, embora permanecendo plenamente o que é, na fidelidade absoluta ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, revestirá a fisionomia de inumeráveis culturas e dos povos onde for acolhido e lançar raízes”³⁶¹.

³⁵⁵ GS, 54.

³⁵⁶ SD, 243.

³⁵⁷ SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*, 1995, p. 185.

³⁵⁸ GS, 92.

³⁵⁹ SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*, 1995, p. 185.

³⁶⁰ AM, 5.

³⁶¹ AM, 37.

3.2 Pistas Eclesiológicas

A história do Vodou, como a de muitas religiões não cristãs, é uma história de sofrimento face à incompreensão do Cristianismo. Foi a partir do Concílio Vaticano II, no século XX, que a teologia cristã assumiu a tarefa de confrontar outras religiões. Nesse espírito, a Igreja descobriu que ela não é mais a detentora exclusiva da verdade. No entanto, uma teologia cristã das religiões não pode suspender a questão da verdade, porque um verdadeiro diálogo deve ser conduzido de verdade em verdade. Destarte, a Igreja é chamada a conjugar a normatividade do evento de Cristo e a ecumenicidade do horizonte dialógico³⁶².

Em nome dessa verdade não há como enfraquecer e o Vodou depois de integrar o que resta dele. O que precisa ser integrado é o que é forte, durável e consistente com o ensinamento de Cristo. Isso implica a necessidade de desenvolver uma teologia³⁶³ do Vodou, além de uma sociologia do Vodou. Estudá-lo por si mesmo à luz da fé, a fim de descobrir sua verdade intrínseca e verificar sua compatibilidade com a ortodoxia cristã. Uma teologia do Vodou é concebível na medida em que reconhecemos os elementos positivos, tanto numa busca religiosa autêntica, como de uma reivindicação para a salvação³⁶⁴. Em que medida o Vodou fornece o quadro para um diálogo libertador entre fé e cultura com vista a uma Evangelização inculturada?

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* apresenta uma Igreja que se situa no meio do mundo, nem ao lado, nem diante, nem acima; um mundo com o qual quer entrar em diálogo³⁶⁵ e com o qual se faz intimamente solidária: “a comunidade dos cristãos reconhece realmente e intimamente solidário o gênero humano e de sua história”³⁶⁶.

A Igreja deve olhar com amor e gratidão o ser humano em sua totalidade e colocá-lo no centro de sua missão e preocupação. É ao ser humano que ela deve levar a salvação, é a sociedade humana que ela precisa renovar. E o ser humano considerado em sua unidade e sua totalidade, homem, corpo e alma, coração e consciência, pensamento e vontade³⁶⁷. Nesta

³⁶² FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 223.

³⁶³ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 223.

³⁶⁴ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 224.

³⁶⁵ GS, 40.

³⁶⁶ GS 1,1.

³⁶⁷ GS, 3,1.

proposta de salvação do ser humano, a prioridade é sempre os pobres. A *Gaudium et Spes* coloca no centro da salvação do ser humano a iluminação dos seus problemas.

O Concílio Vaticano II proclamou a liberdade religiosa e o papel fundamental da consciência humana:

Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites³⁶⁸.

Neste contexto de respeito da consciência e das culturas, João Paulo II relatou que “a Igreja propõe, não impõe nada, respeita as pessoas e as culturas detendo-se diante do sacrário da consciência”³⁶⁹. João Paulo II convida a Igreja a ser fiel à missão de Jesus Cristo empenhando-se para a libertação do ser humano. Assim propôs em sua carta encíclica *Redemptoris Missio*³⁷⁰:

Todas as formas de atividade missionária se caracterizam pela consciência de promover a liberdade do homem, anunciando-lhe Jesus Cristo. A Igreja deve ser fiel a Cristo, já que é o Seu Corpo e continua a Sua missão. É necessário que ela caminhe pela mesma via de Cristo, via de pobreza, obediência, serviço e imolação própria até à morte, da qual Ele saiu vitorioso pela sua ressurreição. A Igreja, portanto, tem o dever de fazer todo o possível para cumprir a sua missão no mundo e alcançar todos os povos; e tem também o direito, que lhe foi dado por Deus, de levar a termo o seu plano. A liberdade religiosa, por vezes ainda limitada e cerceada, é a premissa e a garantia de todas as liberdades que asseguram o bem comum das pessoas e dos povos. É de se auspiciar que a autêntica liberdade religiosa seja concedida a todos, em qualquer lugar, e para isso a Igreja se empenha a fim de que tal aconteça nos vários Países, especialmente nos de maioria católica, onde ela alcançou uma maior influência. Não se trata porém, de um problema de maioria ou de minoria, mas de um direito inalienável de toda a pessoa humana.

O Concílio Vaticano II reconhece a validade das outras religiões. Assim como afirma a *Nostra Aetate*,

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas³⁷¹.

³⁶⁸ DH, 2.

³⁶⁹ RM, 39.

³⁷⁰ RM, 39.

³⁷¹ NA, 2.

Esta nova maneira da Igreja compreender as outras religiões faz com que o mundo não seja mais considerado como inimigo do cristão, mas, de preferência, como lugar de manifestação da Encarnação e da Cruz³⁷². Esta nova visão sobre a história e o ser humano enriquece a missão do Cristianismo em todos os sentidos. Tepe³⁷³ afirma:

A Igreja não tem a missão de criar cultura cristã, mas de Inculcar a fé em todas as culturas, anunciando-a a todos os povos. Os povos são realidades naturais, queridas e previstas por Deus. Um elemento constitucional das culturas é a religião própria, onde, depois do Vaticano II, não vemos mais obras do diabo, mas sementes do Verbo. As duas verdades básicas: Deus quer salvar todos os homens, e: só existe um salvador, Jesus, levou os padres do Vaticano II a formular a afirmação libertadora que ao mistério pascal se podem associar não só os cristãos batizados, mas também a todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível.

Na *Gaudium et Spes*³⁷⁴ encontramos uma Igreja que é instrumento do Reino de Deus. O Reino está além dos limites da Igreja e constrói o horizonte da missão dela. A Igreja não atinge todas as riquezas do Reino. Ela é apenas uma parte e, por isso, ocupa todos os espaços, compartilhando a realidade do Reino com outros. A *Redemptoris Missio*³⁷⁵ afirma que a Igreja “não é fim em si próprio, uma vez que se ordena ao Reino de Deus, do qual é princípio, sinal e instrumento”. As outras tradições religiosas são, de certa maneira, mediações do Reino no mundo. A *Gaudium et Spes* apresenta o papel central da Igreja para a salvação “a unidade católica do povo de Deus”. Todos são ordenados à esta unidade: os fieis católicos, as outras igrejas que professam a fé em Cristo e todas as pessoas. Enfim, “os que não têm recebido ainda o Evangelho são ordenados de maneira diversa ao povo de Deus”³⁷⁶.

A *Gaudium et Spes*³⁷⁷ alude aos deveres cristãos que são mais urgentes em relação a cultura, tais como: o reconhecimento do direito da pessoa à cultura, a educação cultural integral do ser humano e a harmonia entre cultura humana e formação cristã.

É dever muito próprio do nosso tempo, principalmente para os cristãos, trabalhar energicamente para que, tanto no campo econômico como no político, no nacional como no internacional, se estabeleçam os princípios fundamentais segundo os quais se reconheça e se atue em toda a parte efetivamente o direito de todos à cultura correspondente à dignidade humana, sem discriminação de raça, sexo, nação, religião ou situação social³⁷⁸.

³⁷² FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 125.

³⁷³ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 229.

³⁷⁴ GS, 45.

³⁷⁵ RM 18.

³⁷⁶ GS, 13.

³⁷⁷ GS, 60-62.

³⁷⁸ GS, 60.

Avaliando essa nova eclesiologia, apesar de seus limites, entende-se que ela propõe caminhos tanto para um diálogo com o Vodou como para incluí-lo no processo de Inculturação do Evangelho no Haiti. Mas estes caminhos são feitos, em primeiro lugar, através dum convite à própria Igreja no Haiti para repensar sua forma de agir e atuar perante o Vodou. O Vodou, como tentativa de responder as perguntas existenciais e fundamentais do homem haitiano e como expressão de busca absoluta, é lugar da manifestação de Deus. Por isso deve ser levado a sério pela fé cristã. O Vodou Haitiano contém as Sementes do Verbo, os elementos da verdade e da graça. A Igreja não rejeita nada que é verdade e santo no Vodou. Para os seus adeptos, ele representa o verdadeiro caminho da salvação positivamente inscrita no plano de Deus. É uma mediação através da qual se manifesta o Reino de Deus na história. Na prática sincera do que é bom em suas tradições religiosas e seguindo as diretrizes de sua consciência, os praticantes do Vodou não são excluídos da salvação. Relembrando: a população que mais pratica o Vodou é pobre, é explorada e excluída. Por isso, é dever da Igreja ir ao encontro dessa população, uma vez que a verdadeira Igreja não é outra se não aquela que assume a opção preferencial pelos pobres³⁷⁹.

O decreto *Ad Gentes* nos apresenta o testemunho de vida, o diálogo e a caridade como elementos essenciais no anúncio da boa nova. Por esta razão aponta que

Todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam, mais plenamente, o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana³⁸⁰.

“Na Evangelização Inculturada, a Igreja mostra que o diferente não lhe é indiferente, mas consagrado pela encarnação do Verbo e pela animação do Espírito”³⁸¹. As Igrejas cristãs, especificamente a Igreja católica, devem sair da rejeição da cultura do outro. Este é um caminho propício para descobrir nas culturas uma resposta satisfeita na busca do sentido, como também, da razão de viver na esperança³⁸².

³⁷⁹ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle*: Des repères pour une dialogue, 2011, p. 217.

³⁸⁰ AG, 11.

³⁸¹ SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros*: ensaio de missiologia, 1995, p. 185.

³⁸² HURBON, Laennec. *O Deus da resistência negra*: O Vodou Haitiano, 1973, p. 89.

O Vodou continua questionando a fé cristã enquanto não recebe uma resposta que traduz claramente o amor incondicional de Jesus para os pobres. Este é o método do Vodou para impedir que o Evangelho seja manipulado por fins ideológicos e de interesse próprio³⁸³.

No Haiti vários serviços da Igreja Católica são concentrados nas mãos dos ministros ordenados. Já o Vodou abre possibilidade para que todos os seus adeptos possam participar. Se fosse assim na comunidade cristã, estaria melhor satisfeita a necessidade de viver a fé de modo ativo e dinâmico. O catolicismo no Haiti parece uma Igreja estrangeira para o povo. Por isso não existe muita perseverança no Cristianismo. A Igreja Católica é vista como uma associação mágica, por isso, é urgente uma pastoral de proximidade. Os praticantes do Vodou - o povo haitiano - quer uma Igreja que abra as portas para o acolher e o tornar parte da Igreja. O pobre não quer ouvir discursos em desarmonia com sua realidade. Quando o povo haitiano vai sentir-se empenhado na busca de sua libertação? Talvez será no momento em que a Igreja se aproximar da vida do povo e assumi-la, ou seja, torna-se parte da realidade haitiana.

O Vodou, no processo de Inculturação do Evangelho no Haiti, é impensável sem a formação e o engajamento dos fieis. Esta formação deve ser orientada para estimular os fieis a dar testemunho do amor. A comunidade cristã é uma comunidade unida pelo amor. Como diz São Paulo aos Efésios, devemos manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz (Ef 4, 1-6). Enquanto que os praticantes do Vodou não forem convencidos a dizer como as primeiras comunidades cristãs “Vejam como se amam!”³⁸⁴, nunca serão tocados pela essência do Evangelho. Uma boa Evangelização requer uma conversão, em primeiro lugar, da parte dos evangelizadores. Nesta Evangelização precisa-se libertar de todo rancor, divisão e ciúmes para não escandalizar aqueles que receberão o Evangelho. O vínculo da paz e a unidade são princípios desta Evangelização. Na Evangelização o que converte é a experiência e o testemunho do Evangelizador. O povo quer trabalhar em conjunto.

3.3 Pistas cristológicas

A Inculturação que hoje se faz pelo processo de Evangelização deve ser como uma réplica daquela Inculturação que Jesus realizou existencialmente. Fundamentada teologicamente e cristologicamente no mistério da encarnação, a Inculturação se projeta na Evangelização como expressão da missão. Por sua vez, fortemente enraizado em sua própria

³⁸³ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 365.

³⁸⁴ Resumo de At 2, 42-47: Esta passagem descreve a comunidade cristã dos primeiros tempos como uma comunidade fraterna e comunhão.

cultura, Jesus mantém uma liberdade crítica: nela assume e confirma o que é evangelicamente válido; nela corrige ou reorienta, numa dinâmica de conversão e de transformação, o que nela se desviou ou perverteu, atuando, assim, o plano salvífico de Deus. Este discernimento sobre a cultura, tanto do evangelizador como do evangelizando, é indispensável na Inculturação e inerente a ela³⁸⁵.

A afirmação da unicidade e da universalidade de Jesus está no centro da fé cristã. É o fundamento de toda a teologia cristã. Entretanto, a partir do espírito de Vaticano II descobrimos que, nas outras religiões, os caminhos da salvação estão positivamente inscritos no plano de salvação de Deus³⁸⁶. Parece uma antítese de reflexão da própria Igreja.

A *Gaudium et Spes* expressa que o Espírito Santo se dá a todos, Deus conhece a possibilidade fazer todos estarem associados ao Mistério Pascal. Mas, a maneira que Deus se manifesta nas outras tradições religiosas não é definida. Sua atuação permanece como um Mistério³⁸⁷.

Jesus como mediador da salvação é mencionado em todos os documentos do Magistério da Igreja. Jesus é único mediador Salvador. É único mediador entre Deus e a humanidade. Nele Deus revela sua plenitude. É o único salvador de todos, o único que está em condição de revelar Deus e de conduzir a Deus. O Documento Diálogo e Anúncio³⁸⁸ apresenta Jesus como a única fonte da salvação para todos os seres humanos. Os cristãos são conscientes disso por causa da sua fé, ao passo que, os não cristãos permanecem inconscientes de que Jesus é a fonte de sua salvação. A experiência da Salvação que se encontra nas outras tradições religiosas se origina em Cristo. Portanto, essa experiência é vivida inconscientemente: “Concretamente é na prática sincera do que é bom nas tradições religiosas e seguindo as diretrizes de sua consciência que os membros das outras religiões respondem positivamente ao chamado de Deus e recebem a salvação em Jesus, mesmo que não o conheçam e nem o professem como seu salvador”³⁸⁹.

É nesta perspectiva que o Magistério apresenta Jesus como salvador da humanidade, sabendo que seu mistério é uma obra além dos limites institucionais da Igreja Católica. Jesus está presente e agindo nas outras tradições religiosas do mundo. Ele é considerado como

³⁸⁵ AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISCELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*, 1994, p. 466.

³⁸⁶ AG, 17.

³⁸⁷ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 129.

³⁸⁸ DA, 29.

³⁸⁹ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 128.

constitutivo e normativo para a salvação. Nele a salvação é dada em plenitude. A conclusão é de que, se as religiões salvam de uma maneira ou outra, é porque nelas age, misteriosamente, a obra que Deus realizou em Jesus³⁹⁰. Nessa mesma linha, segundo Joint³⁹¹, a mensagem de Jesus é universal, tem um valor normativo para toda cultura. No caso do Haiti, o que se precisa é tornar claro e simples, para os praticantes do Vodou, uma nova maneira de anunciar o Evangelho, para que o povo viva sua fé cristã em plenitude. Nesta mesma linha, conforme François³⁹²,

O Cristianismo deve abandonar toda a pretensão de unicidade de Jesus que não pode ser mantida no contexto atual do pluralismo religioso e fortalece o diálogo com as outras tradições religiosas. As diferentes tradições religiosas representam tanto de manifestações divinas nas culturas diversas da humanidade sem que Jesus Cristo deva ou possa ser considerado como constitutivo ou normativo para a salvação.

Estes elementos são pistas que nos ajudam no diálogo com o Vodou ou a incluir o mesmo no processo de Inculturação do Evangelho. Portanto, este processo visa o respeito à identidade da fé cristã como também respeito aos elementos positivos no culto Vodou.

O valor cristão e o valor da cultura Vodou que se cruzam é a opção preferencial pelos pobres. No primeiro capítulo falamos que a maioria do público do Vodou é pobre. Diante disso, podemos lembrar que a pobreza de Jesus é o indício que o pobre não é acidental, secundário, mas essencial e prioritário no plano da salvação. A pobreza é o lugar ontológico da pregação de Reino. Escutar os pobres, instruí-los e fazê-los protagonistas é o caminho para transformá-los em sujeitos de sua história.

Na perspectiva de uma pastoral em comunhão com o culto Vodou, aludiremos a alguns elementos dele que alcançam o objetivo eucarístico que os cristãos católicos celebram. Esses elementos são: a alegria da liberdade, a participação, a luta pela vida, a solidariedade e a partilha.

A alegria da liberdade: O desejo de auto realização é uma busca de autonomia e da liberdade. A liberdade é uma das prerrogativas que mais custa para o ser haitiano como também para todo ser humano. No entanto, o Vodou desempenha um papel nesse sentido ao contribuir para a liberação do ser haitiano. A celebração do culto Vodou é uma celebração alegre. Esta celebração ajuda os seus adeptos a tomarem consciência e se liberar da miséria e da opressão. Nas celebrações do culto Vodou, os adeptos entram em diálogo com o divino em

³⁹⁰ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 129.

³⁹¹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 365.

³⁹² FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 130.

sua plenitude por meio de vários ritos, tais como, a música, as canções e danças cujo sentido simbólico expressa a vitória sobre as dificuldades da vida.

Participação: *Combite* ou *kombit* é uma expressão que revela como o ser haitiano tem sede de participação na busca de sua realização. É expressão que demonstra como o ser haitiano é um ser de comunhão por excelência. De fato, na criatividade coletiva, o ser humano se realiza. No culto aos *loas*, por exemplo, todos os adeptos do Vodou têm participação especial. Cada um pode escutar a mensagem do divino e dar uma resposta pessoal e comunitária. O Vodou é realmente um espaço onde o povo toma consciência de sua realidade de miséria, preconceito, discriminação e opressão. É um lugar onde o povo toma consciência de sua existência como grupo unido e tenta reencontrar sua dignidade e seu prestígio. O culto do Vodou é um sinal de gratidão e de reconhecimento da manifestação da bondade de Deus pela intercessão dos *loas*.

Luta pela vida: O povo haitiano é um povo solidário de forma integral. É um povo que vive e pratica o espírito da partilha. Na cultura haitiana, a cada início de ano há famílias que preparam alimento e distribuem para as famílias que passam fome. Os habitantes que semeiam e colhem por primeiro sentem a necessidade de compartilhar com os vizinhos que ainda não colheram. *Manje lwa* no Vodou é uma comida que os praticantes do Vodou preparam e, depois de um momento de oração e celebração, distribuem aos pobres. Para os adeptos do Vodou, a vida é um dom de Deus e por isso deve ser protegida e defendida para todos.

A luta pela vida no Vodou é interpretada como um empenho contra a desordem social ou a injustiça social e contra os opressores. O ser haitiano aspira sair da miséria e para isso precisa trabalhar. Por falta de emprego, muitos haitianos saíram de seu país e se espalharam pelo mundo, especialmente no Brasil. Os haitianos que vieram para o Brasil são pobres de verdade, pessoas que deixam sua família em vista uma vida melhor e um futuro melhor para os seus filhos. São pessoas de confiança, dignidade e civilizados. Isso é um princípio básico da cultura haitiana inspirado na cultura do Vodou: quem ama a sua vida deve arriscar-se no trabalho. O trabalho é o que dá sentido a vida humana. Quem trabalha vive na paz e na esperança. Por isso, o *combite* haitiano é um sinal de vida. Como apontamos no primeiro capítulo, muitos haitianos vivem com um pedaço de terra, onde implantam sua esperança, sentem autonomia absoluta ao trabalhar o pouco de terra que possuem. Neste pedaço de terra a família se sustenta. O culto Vodou desempenha um papel preponderante nesse sentido, pois estimula os familiares a organizar um *combite* para poder trabalhar. Pensamos que uma Evangelização inculturada deve se preocupar com esta realidade.

3.4 Pistas antropológico-teológicas

O primeiro capítulo desse trabalho procurou abordar o Vodou em sua integralidade, mas ainda precisa-se estudar mais a teologia e a sociologia do Vodou. O Vodou, como já percebemos, oferece sentido à vida e à existência humana. É espaço celebrativo e de construção de identidade individual e coletiva. Por esta razão, desde o início defendemos que o Vodou não é feitiçaria. Também não deve ser compreendido como estado primitivo do desenvolvimento da sociedade que merece desaparecer com a chegada da modernidade. Não é justo reduzir o Vodou a elementos negativos. Devemos reconhecer que em todas as tradições religiosas existem os elementos negativos. Mas isso não significa que tudo seja negativo³⁹³.

Do ponto de vista antropológico, o Vodou, como religião, fornece uma experiência existencial profunda. A religião em si é uma profunda experiência que engloba a existência do ser humano em sua totalidade. É núcleo sólido sobre o qual a vida humana precisa se fundar. Assim como disse Kung³⁹⁴, é “um sistema coordenado de fundamento transcendente e de efeito imanente que permite ao ser humano se orientar intelectualmente, efetivamente, existencialmente”. O Vodou como religião é também um lugar teológico. Como religião é lugar da criação de sentidos, de identidade, de vínculos sociais, de respostas às questões existenciais fundamentais e de celebrações. É lugar privilegiado de encontro com o ser humano haitiano³⁹⁵.

Está na hora de superar a compreensão do Vodou como lugar de manifestação do diabo e entendê-lo como lugar de sobrevivência para os seus fieis ou de todo ser haitiano. No Vodou encontramos as estruturas fundamentais de todas as religiões. O Vodou traz uma resposta original na busca do sentido e do absoluto para os seus fieis. Em outras palavras, a teologia do Vodou busca explicar as grandes questões existenciais e propõe uma maneira própria de gerenciar a violência individual e coletiva. O Vodou é o lugar de emergência da identidade individual e coletiva, é um fator de coesão social e tem uma linguagem que permite ao haitiano dizer a drama de sua existência.

³⁹³ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle*: Des repères pour une dialogue, 2011, p. 131.

³⁹⁴ KUNG, Hans. Le Débat autour du Concept de Religion. In: *Concilium*, S.N. p. 10.

³⁹⁵ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle*: Des repères pour une dialogue, 2011, p. 131.

São vários os elementos que podem ser levados em consideração no Vodou. Tem uma liturgia que expressa e enriquece a teologia, possui uma ética que oferece pistas para agir individual e social, apresenta certas mediações para comunicar-se com o além, possui um corpo profissional que se encarrega de cuidar do sagrado.

O Vodou não apresenta nenhuma dificuldade para a Evangelização na sociedade haitiana, pois tem sua consistência teológica própria. É um verdadeiro espaço teológico no qual Deus se manifesta sua presença e age. De fato, o Vodou não só é capaz de interpelar e enriquecer a fé cristã, mas constitui uma referência necessária e positiva para a ação pastoral. O cristão que vive e trabalha no Haiti tem a obrigação de conhecer e aprofundar o seu conhecimento no Vodou para poder atingir a realidade do ser haitiano. O ser haitiano-Vodou não é apenas uma pessoa para evangelizar, mas é um sujeito capaz de oferecer ao Cristianismo a riqueza de sua própria experiência religiosa. A Evangelização deve ser feita como interlocutora de um diálogo no qual se espera muitos testemunhos de fé. A experiência do Vodou para seus fiéis é uma experiência que expressa o verdadeiro Espírito de Deus ao longo da história humana³⁹⁶. Assim como escreve Knitter³⁹⁷, os cristãos entram em diálogo com as outras religiões não somente para lhes ensinar, mas para colocar-se em sua escola, para aprender o que eles nunca entendiam antes.

Além das duas experiências fundantes da salvação universal da humanidade, conhecida como experiência do êxodo e o evento Pascal de Cristo, a experiência fundante e particular da salvação da nação haitiana é o Vodou. O homem de Nazaré entregou sua vida para a salvação da humanidade de uma vez para sempre, mas no Espírito Santo continua manifestando particularmente ao longo da história, em cada nação, para que a libertação aconteça de forma equipável. Por isso, em toda religião que luta pela liberdade humana, tem o sinal de que nela está o Espírito de Deus e, logo, também, nela está inscrita o plano da salvação de Deus. O Vodou nasce ao longo da história na contestação e na busca de liberdade. No nascimento do Vodou o que está em questão é a sobrevivência e a libertação dos escravos neste novo mundo.

O valor que devemos reconhecer no Vodou é a fonte de energia que ele gerou para, no plano social e político, levar o Haiti à sua independência, já em 1804. A cerimônia de *Bois Caiman*, que mencionamos no primeiro capítulo, é considerada como mito fundador da nação

³⁹⁶ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle*: Des repères pour une dialogue, 2011, p. 132-133.

³⁹⁷ KNITTER, Paul. La théologie des religions à la croisée des chemins. In: *Concilium*. Paris: Beauchesne, 1986. Num. 203, p. 132.

haitiana. Os líderes da independência se apresentam como profetas chamados a escutar as *loas* para realizar a missão libertadora dos escravos³⁹⁸.

Perante um processo de desumanização, os representantes do Vodou encontrarão nos “ritos”³⁹⁹ e nas crenças de seus ancestrais o lugar de ser pessoa, de criação de sentido, um espaço de liberdade e de contestação da opressão, um ponto de apoio que lhe permite situar na existência, de se orientar efetivamente, intelectualmente e objetivamente.

Perante a atual situação de injustiça, pobreza e miséria em diferentes lugares do Haiti, o Vodou continua desempenhando um papel preponderante, sobretudo na questão medicinal, econômica e judicial. Pelo fato de que o Vodou nasce num contexto de opressão e pelo sofrimento que conheceu os seus adeptos ao longo da história, a busca da sobrevivência e da força é uma das suas características predominantes. Está preocupação pela sobrevivência marca toda sua teologia. Por isso, nele entra a questão do sincretismo⁴⁰⁰.

Sentiel, um pai de santo haitiano de 75 anos de idade e 40 anos exercendo a sua vocação de pai de santo, mesmo não sabendo nem ler nem escrever, em um diálogo conosco diz que “no Vodou haitiano existe a preocupação em defender e promover a população mais pobre, a justiça social, os valores morais, a paz e a liberdade. Por isso não podemos perder de vista que os praticantes do Vodou assumem uma missão cristã. O amor ao meio ambiente e o amor às pessoas são fundamentais no Vodou”. Como foi visto no segundo capítulo, a salvação no Vodou não é prevista apenas para o futuro, mas é agora. Uma análise mais próxima da teologia do Vodou leva-nos a perceber que a sua preocupação para com a salvação é algo imediato por intermediário dos *Loas*. Assim, como relata Sentiel, no Vodou se preocupa mais com os problemas cotidianos. Os praticantes do Vodou não se preocupam com os documentos escritos e em sistematizar uma doutrina, mas apenas assumir a missão em ajudar os seus adeptos a encontrar o equilíbrio entre o natural e o sobrenatural, assim como entre as forças do bem e do mal. *Os Loas* ajudam as pessoas e as pessoas também cumprem os deveres e direitos com os *Loas*.

³⁹⁸ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 135.

³⁹⁹ No Vodou se contemplam três grandes ritos: *Radá, Congo e Petro*. 1) *No rito Rada contém os loas: dambalá, Rizan, Lakò, Adamuzo, Erzuli Freda, Agum, Legba e Shango*. Esse rito é visto como parte do Vodou que luta pelo bem, está sempre em favor da vida, da paz e tranquilidade. 2) *No rito congo contém as loas: mondongue, Biliki e Congo-Demele*. Estas Loas exigem de seus donos de sangue. Por isso aja nesse rito muito sacrifício de animais. 3) *No rito Petro encontra os loas Tijan, Jankita, Èzili Je rouj*. Estes têm de orientação conforme o contexto que se encontra.

⁴⁰⁰ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 135.

Segundo Joint⁴⁰¹, o Vodou, em sua dimensão política, é por natureza contra a opressão e opta pela dignidade da pessoa e sua libertação. Por isso, o seu objetivo é aliado com o espírito do Evangelho cujo objetivo é libertar o ser humano de toda forma de alienação. Não queremos dizer que a salvação do ser humano depende da política, pois a salvação é sempre da ordem de Deus, mas isso implica certas correspondências na vida política. Como escreve Joint⁴⁰², fazendo uso de Moltmann, a dimensão política da vida é ameaçada pelo círculo infernal da violência e da ditadura, da injustiça e do desamor. O caminho para a salvação desse círculo é chamado de democracia. É assim que a resistência política do Vodou é justificada do ponto de vista teológico.

A teologia Vodou é uma experiência aberta ao outro. O além é onipresente na experiência cotidiana de seus adeptos. A abertura ao invisível é algo inerente à vida de seus fieis. O sentido da transcendência é um elemento essencial na identidade do ser humano Vodou, o mundo visível está em relação permanente com o mundo invisível. O universo e toda a ordem social vêm da existência e permanecem graças ao Grande Mestre (*Gran Mèt*). O Grande Mestre é o princípio e fim da ação humana. Tudo o que o ser humano vai realizar deve, primeiro, pedir a permissão a *Gran Mèt*. Este vínculo com o sagrado perpassa toda a vida do ser humano-Vodou. Todos estes elementos são valores que devemos considerar na fé cristã. O ser humano-Vodou cultiva uma forte experiência religiosa⁴⁰³.

O Vodou haitiano é lugar de solidariedade e celebração. A busca da solidariedade é um elemento essencial no Vodou. Esta solidariedade nasce tanto na exigência cultural como na visão teológica e do ambiente social do ser humano-Vodou. A solidariedade é um elemento fundamental da sua ética. Apresenta-se nos momentos fortes de sua vida, na linguagem cotidiana, na organização social e no exercício do culto. A solidariedade é o elemento básico para assegurar sua sobrevivência. O sentimento de solidariedade é manifestado em todas as sociedades, mas no Vodou revela um caráter especial. Na abolição da escravidão verificamos a força desta solidariedade.

É por isso que o Vodou pode ser visto como lugar privilegiado da manifestação de Deus que se revelou na história do povo de Israel como também na experiência histórica de Jesus como dom gratuito e doação total que leva até a experiência da cruz. Eis uma pista importante para a Inculturação do Evangelho. Eis um valor a ser considerado no Vodou. Os cristãos devem deixar interpelar por várias maneiras de solidariedade no Vodou e ser criticados em relação as

⁴⁰¹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 277.

⁴⁰² JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 277.

⁴⁰³ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*, 2011, p. 136.

suas próprias resistências em viver as exigências do amor gratuito e incomensurável de Deus revelado em Jesus e que está no coração mesmo de sua experiência de fé. Igualmente o ser humano-Vodu deve ser sensível a dimensão gratuita do amor cristão e questionar o aspecto, às vezes, utilitarista que pode tomar sua experiência de solidariedade.

O que diferencia o Cristianismo em relação ao Vodou é o simbólico. Enquanto o Cristianismo busca uma ordem, uma clareza, o Vodou apresenta-se como espaço do triunfo e da espontaneidade do simbólico e do mítico. No Vodou a cerimônia de iniciação dá-se numa semana inteira de ritos e símbolos. Todos os grandes arquétipos estão presentes: a luz, a escuridão, a terra, a água, o fogo. Na perspectiva do praticante do Vodou, o culto Vodou é a tomada de consciência de seu ser no mundo junto com o cosmos e os seres humanos; é um jogo de celebração e de dança que culmina em êxtase, em transe, em possessão, onde o *loa*, espírito Vodou, se encarna incorporando seu cavalo. Não se pensa o Vodou sem a dança. Dançar o Vodou é descobrir uma maneira total de viver o mundo, de existir inteiro em todo o vivo, é realizar a comunidade vivente dos filhos da casa (*pitit fèy*), é uma maneira de existir⁴⁰⁴.

Na teologia do Vodou existem alguns elementos que não são aceitos, tais como, a profanação das coisas sagradas. Os objetos que pertencem aos *Loas* precisam ser respeitados. A indiferença não pode desprezar o trabalho dos *Loas*. Outros elementos intoleráveis são: o prejuízo, a infidelidade às promessas, o ciúme e a desobediência⁴⁰⁵.

A teologia do Vodou, no que diz respeito à sua função social e moral, tem como objetivo principal fazer o que é bom. A missão dos *Loas* é defender o patrimônio sócio cultural da nação contra toda a ruptura com a modernidade. São guardiões da identidade cultural do povo. A função econômica, terapêutica e judiciária diz respeito a um trabalho solidário em vista da sobrevivência material, bem como, da saúde mental e física de seus adeptos⁴⁰⁶.

3.5 Propostas e caminhos para Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano

A comunicação do Evangelho na sociedade haitiana deve ir ao encontro da realidade do povo conforme sua maneira de pensar e agir. A mensagem do Evangelho deve tornar-se

⁴⁰⁴ FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle*: Des repères pour une dialogue, 2011, p. 137.

⁴⁰⁵ DESCARDES, Jean Rosier. La vengeance des *loas*. In: *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*. 1980, p. 144.

⁴⁰⁶ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 277-278.

parte integrante na vida do povo, de tal modo que faça sentir-se na sociedade como uma força transformadora. A Inculturação é a apresentação e inserção da mensagem evangélica num contexto cultural, dado de modo que esta mensagem seja não apenas compreendida na comunidade a qual apresentada, mas também a tornando parte integrante de seu modo de viver, de pensar e agir. Também deve ser um fator de mudança e de transformação no seio dessa cultura⁴⁰⁷.

As propostas que apontaremos para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano têm como objetivo facilitar uma troca frutuosa entre a mensagem do Evangelho e o Vodou haitiano e facilitar a inserção da fé cristã no contexto cultural haitiano marcado pelo Vodou. Para responder a esse compromisso trataremos primeiro da questão dos elementos problemáticos. Existe o que conhecemos como elemento de essência. Este é o primeiro elemento que é posto como problema para Inculturação do Evangelho no Haiti. A luz deste elemento, o Evangelho tem duas noções fundamentais. Trata-se do Evangelho mesmo e a cultura.

O primeiro pilar da Inculturação é Evangelho. Sabemos que na Bíblia há ensinamentos que não podemos dissociar do seu contexto sócio cultural. Na perspectiva de Fontus⁴⁰⁸, o Evangelho tem uma essência, uma única mensagem com caráter particular que é o mesmo em todo lugar. Em outras palavras, o Cristianismo tem um caráter particular e que constitui sua essência. O que devemos saber é a partir de qual limite a cultura local pode remodelar essa mensagem única, visto que a cultura deve modelar o conteúdo da mensagem do Evangelho e que ele mesmo já é uma cultura. Eis o desafio fundamental da Inculturação⁴⁰⁹.

Para Fontus⁴¹⁰, a Inculturação tem dois movimentos parciais, a saber, descendente e ascendente. Quanto ao movimento descendente, referimo-nos à semente; e para o movimento ascendente referimos à germinação. Assim, diríamos que o Evangelho deve ser, na sua essência, semeado no solo da cultura do povo para atingir e ser atingido com cuidado, a fim de brotar e crescer como um produto natural deste solo. Temos a consciência de que esse processo de germinação poderia levar a uma forma de indigenização, no sentido de que a mensagem e a cultura são intimamente ligadas e inseparáveis. Não devemos buscar indigenizar o Evangelho, mas sim buscar contextualizá-lo⁴¹¹.

⁴⁰⁷ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 136.

⁴⁰⁸ FONTUS, Fritz. *Les églises protestantes en Haïti: communication et inculturation*, 2001, p. 134.

⁴⁰⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p.183.

⁴¹⁰ FONTUS, Fritz. *Les églises protestantes en Haïti: communication et inculturation*, 2001, p. 134.

⁴¹¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p.184.

A questão da essência do Evangelho nos parece um grande obstáculo para a Inculturação no contexto cultural haitiano. Pensar em conservar a essência do Evangelho nos remete a um método de adaptação ou contextualização no qual o conteúdo do Evangelho apenas se impõe a cultura local. O resultado seria apenas uma reorganização do linguajar pelo qual se considera somente como cultura a língua, a liturgia e a música. No fundo é uma mensagem estrangeira que se veste com a cultura local⁴¹².

Inculturação não é adaptação, pois a cultura que chega é, ao mesmo tempo, fator e centro da mensagem, enquanto que com a cultura receptiva afeta apenas a forma da mensagem. Como escreve Azevedo⁴¹³, o germe da fé se desenvolve nos termos e segundo o caráter particular da cultura que o acolhe. A dinâmica do conceito da Inculturação não necessita nenhum discurso abstrato. A Inculturação é um apelo ao conteúdo da mensagem do Evangelho para fermentar a cultura que se encontra com Cristo. Trata-se de abrir espaço à realidade do Evangelho no gênio e na atividade criativa da cultura local, que compreende e exprime segundo as suas próprias palavras, mas também conforme as suas próprias estruturas mentais⁴¹⁴.

A partir disso, devemos nos perguntar: o que significa a Inculturação na ótica haitiana? A Inculturação na ótica haitiana leva em conta a reação dos escravos ao sistema da dominação. A definição da Inculturação no Haiti tem um percurso histórico desde a época colonial até os nossos dias. Assim, como ensina Aparecido da Silva⁴¹⁵,

No contexto da escravidão, Inculturação se insere nas formas de resistências. Agredido no seu modo de ser e de fazer, forçado a dar respostas a demandas que não vinham de sua forma de viver e de organizar-se, o negro, responde a tais demandas, a partir do gênio próprio da sua cultura. Esta atitude vai desde o trabalho até as expressões religiosas.

A Inculturação no Haiti exige certas normas que são como dogmas e que precisam ser respeitadas, tais como, as maneiras de relacionar com Deus, a ligação íntima e profunda com a natureza, o modo coletivo de trabalhar. O sincretismo tem um papel preponderante na questão da Inculturação do Cristianismo em relação às religiões de matriz africana. Concordamos com Aparecido da Silva⁴¹⁶ que defende que a Inculturação ocorre na forma de

⁴¹² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p.184.

⁴¹³ AZEVEDO, Marcello. Inculturation, dans *le dictionnaire de théologie fondamentale, sous la direction de René latourelle et de René Fisichella*, 1992, p. 612-624.

⁴¹⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 185.

⁴¹⁵ APARECIDO DA SILVA, Antônio. Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 97.

⁴¹⁶ APARECIDO DA SILVA, Antônio. Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 98.

sincretismo. Seguindo sua opinião, aludimos que existe várias abordagens do sincretismo, como já foi mencionado no segundo capítulo. Para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano queremos apenas mencionar mais dois aspectos ainda não abordados.

O primeiro é o sincretismo como disfarce. É quando há aceitação aparente à imposição do outro, de seus símbolos, imagens e festas religiosas que, no fundo, mantém disfarçadamente o conteúdo próprio da sua prática cultural e religiosa de origem. O segundo aspecto é o sincretismo que se caracteriza pela não incompatibilidade entre o fundamento da nova proposta e os elementos fundantes da cultura do sujeito interpelado⁴¹⁷.

A Inculturação na perspectiva de Paul Tillich, conforme Fils-Aimé⁴¹⁸, não se trata de perguntar o que é a mensagem cristã, mas pelo contrário, suscita a pergunta sobre como formular a mensagem cristã para o ser humano de nosso tempo. Visto que para Bacon⁴¹⁹ a Inculturação é um processo longo e lento pelo qual as pessoas expressam de modo original os eventos fundadores da fé, como o êxodo e a ressurreição, a graça e emergência do espírito.

Um caminho possível para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano, mas que nos parece incompleto, seria considerar apenas os elementos não religiosos como cultura haitiana. Assim, integraria na missão cristã o teatro e a música haitiana, por exemplo, e deixaria de lado tudo que tem a ver com a prática do Vodou. Isto seria uma possibilidade para evitar o que se chama de sincretismo. Mas isso também seria uma simples contextualização⁴²⁰.

A Inculturação deve buscar seus modos de expressão nas culturas locais, laicas e religiosas. Assim, as crenças religiosas da cultura local misturariam com a mensagem do Evangelho, apesar de que alguns elementos desapareçam pelo efeito transformador da mensagem de Jesus no Espírito Santo. Neste caso, o sincretismo seria uma oportunidade para agarrar-se na dinâmica da inserção e de absorção da cultura local pelo Evangelho. O que seria importante anotar é que, da mesma forma que não se pode afirmar o que é o Evangelho na abstração, assim tampouco se pode prever que tipo de crenças culturais dissolveria sobre o efeito do Evangelho, com exceção as que se opõem claramente aos princípios do amor e da justiça. A Inculturação é uma maneira da Igreja evangelizar confiando na cultura local e no Espírito de Deus. No entanto, confiar na cultura local supõe que os elementos considerados como culturais incluam as crenças religiosas potencialmente evangélicas. Em outras palavras,

⁴¹⁷ APARECIDO DA SILVA, Antônio. Evangelização e inculturação a partir da realidade afro brasileira. In: *Inculturação desafios de hoje*, 1994, p. 98.

⁴¹⁸ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 186.

⁴¹⁹ BACON, J. *Inculturação, concept sociothéologique: Essai de clarification et prospective*, 1997, p. 33.

⁴²⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 187.

estes elementos devem ser capazes de exprimir o próprio Cristo. Assim, permite ao Espírito de Deus, graças à força da palavra e a do tempo, operar as transformações compatíveis aos princípios do amor e da justiça⁴²¹.

A Inculturação considera o sincretismo como uma oportunidade de enraizamento do Evangelho na cultura local, assume e integra as crenças religiosas da cultura local, que poderá falar um dia, graças à emergência do Espírito de Cristo no coração dos praticantes do Vodou haitiano, de um Evangelho Vodou. Quer dizer, de uma apropriação do Vodou a fé Cristã. É um grande desafio, mas precisa-se desejar e colaborar com a sua realização⁴²².

Agora podemos nos perguntar: quais são os elementos da tradição cristã semelhantes ao sistema do Vodou? A respeito desta interrogação, podemos considerar: a fé num único Deus, a existência dos seres intermediários entre Deus e o ser humano, a crença numa vida além e a vida comunitária. Estes são elementos que podem ser levados em consideração com paciência e prudência. Assim, relembremos as quatro fases da Inculturação. Em primeiro lugar, a fase de integração, na qual se faz uma troca entre a mensagem do Evangelho como cultura e cultura haitiana; em segundo lugar, a crença haitiana com olhar crítico sobre suas crenças; em terceiro, a confrontação das crenças locais com os princípios do Evangelho. E, por fim, a quarta fase, quando a crença haitiana segue as transformações suscitadas pelo Espírito de Jesus e cria novos modelos de sentidos, de discursos e de práticas oriundas desta mesma cultura⁴²³.

Podemos continuar acreditando que, para ser cristão, precisa-se fazer uma ruptura total e radical com o Vodou? Sabemos que o Vodou tem um papel fundamental na cultura haitiana. Ser haitiano sem o Vodou é ser haitiano sem ser haitiano. Em outras palavras, seria um apelo para o ser haitiano negar sua identidade como pessoa. Não podemos confundir a conversão, que é transformação interior do ser humano e encontro com Deus, como ruptura radical com o Vodou. Ao rejeitar o Vodou em nome da Evangelização, rejeita-se também a própria semente do Evangelho para abraçar valores ocidentais em nome da fé cristã. Não se pode confundir Evangelização como força a mudança de identidade cultural. A missão do Evangelho é transformar a cultura. O perigo que é posto aqui, é que pode confundir civilização com a Evangelização e conversão com ocidentalização⁴²⁴.

Conforme Augustin, a identidade de um povo é seu primeiro passo rumo à salvação. Por isso, os haitianos têm direito e razão em querer permanecer como são naturalmente. Em

⁴²¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 188.

⁴²² FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 188.

⁴²³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 189.

⁴²⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 193.

sua cultura eles encontram as fontes do amor, da verdadeira vida e da liberdade. O fundamento da Inculturação é capacidade de não esconder, de exprimir e de viver os princípios de Cristo ressuscitado. Cada cultura é *Capax Christi*⁴²⁵. Existe diferentes culturas no mundo, o Cristianismo é mais uma delas. O Vodou não é uma doença, não precisa de medicamento. Não é preciso eliminar o Vodou para poder evangelizar. O Vodou deve permanecer e suscitar uma nova maneira de fazer teologia à luz de cada cultura. No Haiti, o Vodou convida a emergência, ao desenvolvimento de uma nova teologia⁴²⁶.

Para incluir o Vodou no processo de Inculturação precisamos abrir mão de preconceitos e reconhecer seus valores dentro da sociedade haitiana. Os principais valores que podem ser levados em consideração no Vodou são a sua contribuição na vida social da comunidade, a união dos membros de uma família ou de um bairro, o espaço de convivência fraterna, o zelo pela justiça, pelo amor, pelo direito e pela saúde física, mental e espiritual dos seus membros. O Vodou desenvolve os dons artísticos da população e coloca a disposição da massa camponesa o conhecimento da medicina tradicional⁴²⁷.

Assim como em todas as religiões, encontramos elementos que deixam a desejar, mas não podemos atribuir ao Vodou todos os elementos negativos da sociedade haitiana. Não podemos caracterizar o Vodou como fonte da superstição. O Vodou não é o primeiro obstáculo para a Evangelização⁴²⁸.

Assim, como afirma Bacon⁴²⁹, os valores evangélicos no Vodou são evidentes. E conforme Augustin, os camponeses impregnados dos valores ancestrais viviam já, em seu íntimo, o mistério da cruz redentora de Jesus capaz de transformar sua vida. Nesta perspectiva de proposta para incluir o Vodou no processo da Inculturação do Evangelho, salientamos que o Vodou aparece como uma força de coesão e de sensibilização para o ser haitiano. É um lugar de resistência. Desenvolve sentimentos de pertença e uma consciência de classe. É um meio para promover a unidade. Restaura o sentimento orgulhoso de ser haitiano e inspira uma visão do mundo. De fato, o Vodou é substância da cultura haitiana⁴³⁰. Não sabemos até que ponto pode falar de Inculturação no Haiti enquanto não encontramos uma expressão haitiana da mensagem cristã, pois, sem isso, tudo o que for tentado no Haiti permanecerá exterior ao ser haitiano. A nosso ver, a Inculturação do Evangelho no Haiti, no contexto do Vodou, exige

⁴²⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 194.

⁴²⁶ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 194.

⁴²⁷ FONTUS, Fritz. *Les églises protestantes en Haïti: communication et inculturation*. 2001, p. 50-51.

⁴²⁸ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 195.

⁴²⁹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 195.

⁴³⁰ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 196.

um diálogo com o que constitui um lugar particular e importante na identidade cultural haitiana. Assim, depararemos com a expressão haitiana-Vodu do Evangelho e da vida em Cristo⁴³¹.

Conforme Augustin⁴³², a Inculturação supõe considerar os valores culturais e as intuições fundamentais da fé cristã. Viver uma fé inculturada supõe que fundamentalmente sejamos conscientes dos valores culturais. Assim, a aliança das visões culturais e dos dados da fé constitui um ideal de vida. Uma aproximação do Cristianismo ao Vodou requer uma consideração dos elementos semelhantes dos sistemas culturais de expressão da fé. Ambos são semelhantes no que diz respeito ao conceito de Deus, pois o sistema Vodou veicula a ideia de um Deus bom e justo, próximo, em comunhão e que concede a alegria. A seguir podemos elencar a questão da vida comunitária que aparece no Vodou e que ajudam os seus membros constituírem uma grande família. Têm o mesmo Deus como Pai, portanto, todos são irmãos, formam uma família. A ideia de pertença a uma comunidade, a uma coletividade é intensa no Vodou Haitiano. Existe outra forma da vivência cristã que não seja isso? Viver em Cristo não é mesma coisa que viver no amor com os irmãos?⁴³³.

Como já expressamos, a noção de que a vida é sagrada é algo muito precioso no Vodou. Ela é um dom de Deus, ninguém tem o direito de destruí-la. Deus não apenas deu a vida, não apenas a confiou ao ser humano, mas também colocou na criação tudo o que precisa para manter a vida, desde a inteligência, o coração e a vontade do ser humano até os menores elementos das substâncias do ambiente⁴³⁴.

Entrando em diálogo com o Vodou logo se percebe que ele não é incompatível com a fé cristã. Os valores primordiais da fé cristã como amor, justiça, felicidade e alegria são parte integrante do Vodou haitiano. A questão de solidariedade no *Combite*, a questão familiar e as celebrações culturais mostram como o Espírito está atuando no Vodou haitiano⁴³⁵.

O Haiti é conhecido como o país mais pobre da América Latina. Mas não existe uma nação mais alegre como o ser haitiano, como expressa Price-Mars⁴³⁶. É um povo que canta, que sofre, mas sorri; um povo que ri, dança e resigna. Do nascimento à morte, a canção é associada a toda sua vida. Diante do haitiano o sofrimento, a injustiça, as incertezas da vida não são eternas. O desânimo não faz parte da vida humana, pois Deus é bom, *Bondye bom*.

⁴³¹ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 199.

⁴³² AUGUSTIN, Joseph. *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 29.

⁴³³ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p.200- 201.

⁴³⁴ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 201.

⁴³⁵ FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*, 2003, p. 202.

⁴³⁶ PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethnographie*, 1928, p. 18-19.

Talvez, dois elementos possam servir como instrumento da Evangelização no Haiti, a saber, paciência e tolerância. São elementos que podem revelar a dinâmica da palavra de Deus. A Inculturação não consiste em cortar a planta para que cresça mais rápido, mas deixar a semente invisível crescer lenta e livremente. A comunidade precisa de tempo para amadurecer e para dar testemunho da fé e do amor o qual é convidada⁴³⁷.

Até mesmo na linguagem é preciso ter uma forte empatia e capacidade de viver processos. Dizer algo aos praticantes do Vodou supõe um recurso que diz respeito à sua vida cotidiana. A palavra *Granmèt* é colocada no contexto do Vodou Haitiano. Os haitianos qualificam o nome de Deus como Grande mestre (*Granmèt*). Podemos também começar a buscar outras palavras que corresponde à cultura da fé cristã no Haiti. Sugerimos, por exemplo, ao invés de falar de Espírito Santo, *Lesprisen*, em crioulo, seria melhor *Mèt Tèt* (Dono da cabeça). Ao invés de falar de Jesus Cristo, seria melhor *Gran Lwa* ou *Gran Loa*. A linguagem do Vodou é a própria linguagem religiosa do povo haitiano. A linguagem usada no Vodou é cheia de expressões e provérbios atuais que descrevem a experiência concreta do povo, a realidade de miséria e de opressão dos marginalizados. Pensamos que, se o cristianismo se familiarizasse com essa linguagem, encontraria um excelente caminho de diálogo com o Vodou. Mas para que isso aconteça, precisa-se fazer um trabalho de base para que todos possam superar o preconceito em relação ao culto Vodou e não o ver mais como antidesenvolvimento. Ao contrário, o Vodou precisa ser visto com respeito, como lugar de florescimento humano habitado pelo Espírito Santo de forma contínua.

3.6 A missão como sinal da Boa Nova

A missão não é mais entendida como empenho para tirar indivíduos de sua religião e seu contexto cultural e transportá-los para o contexto cultural e religioso do missionário; muito menos se admite destruir culturas indígenas para implantar a fé e impor a cultura colonialista⁴³⁸. “Tendo Cristo morrido por todos e sendo a vocação última do homem dar a vida pelo seu próximo, devemos admitir que o Espírito Santo oferecesse a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal”⁴³⁹. Em

⁴³⁷ PEELMAN, A. *L'inculturation. L'Église et les cultures: L'horizon du croyant*, 1989, p. 188.

⁴³⁸ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 229.

⁴³⁹ GS, 22.

todas as culturas encontramos “homens de boa vontade”, homens honestos, dedicados, espirituais e místicos. Geralmente eles são fruto da religião de seu povo e/ou cultura⁴⁴⁰.

Segundo Kasper⁴⁴¹ a finalidade da missão é “proclamar o Evangelho a toda criatura cumprindo o mandamento de Jesus, ganhar pessoas para Deus e seu Reino e entusiasamá-las por ele, acolher pessoas na Igreja pelo batismo, enviar estas mesmas pessoas como mensageiras do Evangelho”. O objetivo da missão é testemunhar o amor de Deus a todas as pessoas para que o plano salvífico de Deus se torne uma realidade a todo ser humano. Nesse sentido, a Igreja conservaria sua essência como sinal escatológico da salvação entre as nações⁴⁴².

Se o Espírito realiza sua obra nos indivíduos apesar ou através da religião vigente em determinada cultura, cada vez mais se responde admitindo a segunda hipótese. Não no sentido de que todas as religiões são iguais, porque se descobrem antes as sementes do verbo do que a cizânia do diabo. Talvez tenhamos que adquirir a paciência histórica do Senhor para, com tolerância e respeito, deixar de conviver, neste mundo globalizado as diversas culturas com suas religiões e, pelo contato vivencial, experimentar enriquecimento e correção mútua⁴⁴³.

Em relação ao Vodou Haitiano, tanto a Igreja Católica como as Igrejas Protestantes devem ir ao encontro dos praticantes do Vodou e lhes perguntar sobre o valor de sua pertença a esta religião. Através de sua resposta poderá discernir a importância do Vodou no cotidiano de seus adeptos. O Vodou oferece a seus adeptos a possibilidade de se libertar das suas preocupações diárias. A relação dos praticantes do Vodou com Deus por intermédio dos espíritos se faz mais tangível. Assim, Deus aparece mais humano e mais próximo do que no Cristianismo. A liberdade perante Deus é a expressão última da liberdade humana. Esta liberdade é particularmente cara para um povo que passou pela escravidão. Ela encontra no diálogo com o Vodou sua expressão mais sincera e franca com os representantes da divindade. Perante a divindade o ser humano não é neutro, tem sua palavra a dizer. Também o ser humano tem sua palavra a dizer a quem o apresenta uma nova imagem de Deus ou um novo caminho para encontrar-se com Deus⁴⁴⁴.

O diálogo é um elemento essencial para a Inculturação do Evangelho. Mas este diálogo deve ser feito na escuta dos adeptos do Vodou. A escuta é uma nova maneira para iniciar a pastoral no Haiti. A missão do Cristianismo é arriscar na escuta do povo haitiano.

⁴⁴⁰ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 230.

⁴⁴¹ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*, 2012, p. 370.

⁴⁴² KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*, 2012, p. 370.

⁴⁴³ TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*, 2003, p. 230.

⁴⁴⁴ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 360.

Para isso há a necessidade de repensar a educação, a catequese e a liturgia. Em outras palavras, precisa-se “haitianisar” todo sistema de formação no Haiti. Será um grande desafio que porá em questão, inclusive, a fé cristã, mas é necessário⁴⁴⁵. Assumir a missão de ir ao encontro dos adeptos do Vodou para dialogar, conscientes de que, neste diálogo, não precisa chamá-los à conversão, pois o diálogo, como escreve Kasper⁴⁴⁶, “não tem a finalidade nem pode ser instrumentalizado para um fim. A exemplo do amor, ele é abnegado e sem intenção e, por essa razão, não está direcionado para a conversão do outro”. O companheiro de diálogo “está na liberdade de Deus e na liberdade do ser humano [...]. O diálogo é um meio como que sacramental pelo qual penetrar na consciência do companheiro de diálogo quando este se abre. [...] Ele precisa ser conduzido com grande discrição, com respeito e com reverência pelo outro”⁴⁴⁷.

O diálogo é necessário para que o Evangelho seja uma boa notícia dentro da sociedade haitiana. Evangelizar no Haiti, uma sociedade marcada e estruturada pela cultura do Vodou, exige diálogo com os adeptos do Vodou, para descobrir o que se encontra de bom e genuíno no culto Vodou, a fim de que o Cristianismo possa contribuir com o que falta. Senão, sempre haverá a dificuldade de levar o Evangelho como boa notícia no Haiti. O ser haitiano Vodou nunca vai querer abandonar o seu culto ancestral. Convidá-lo a abandonar o seu culto Vodou é contra o Evangelho. As perseguições do Cristianismo contra o Vodou permanecem no coração de seus adeptos e estas são indelévels. Hoje podem servir como certo impedimento para um diálogo fluente entre o Vodou e o Cristianismo⁴⁴⁸.

Evangelizar os haitianos para que abandonem o culto Vodou é tempo perdido. Os haitianos sabem que a moral cristã não exige mudança de identidade e da cultura, mas que esta cultura é chamada à integração da experiência cristã a fim de renovar e enriquecer o Cristianismo. Essa moral necessita conhecer os elementos que lhe permitem evoluir e se aperfeiçoar, tanto em sua personalidade como em sua cultura. Para os praticantes do Vodou, a fé cristã não se opõe em nada a seu ideal moral e religioso. Sua religião é correspondente à religião cristã. Mas o praticante do Vodou busca sempre o crescimento em sua caminhada espiritual⁴⁴⁹.

O sincretismo entre o Vodou e o Catolicismo mostra o quanto os praticantes do Vodou, desde sua origem, são encantados pelo Cristianismo e buscam recepção e acolhida no seio do

⁴⁴⁵ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 360.

⁴⁴⁶ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*, 2012, p. 370.

⁴⁴⁷ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*, 2012, p. 370-371.

⁴⁴⁸ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 360.

⁴⁴⁹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 361.

mesmo. Os escravos admiravam o Cristianismo, mas sentiam dificuldade em aceitar uma religião que roubava liberdade. Os praticantes do Vodou não rejeitam o Cristianismo como tal, mas rejeitam a mentira representativa que foi feita. O haitiano Vodou sempre foi um cristão autêntico⁴⁵⁰.

O diálogo do Cristianismo com o Vodou haitiano pode chegar a descobrir um caráter positivo no culto Vodou que permite a seus adeptos resistir a uma Evangelização despersonalizada. Como já falamos no primeiro capítulo, o Vodou é a religião dos oprimidos. No período da escravidão, enquanto o Cristianismo (a Igreja Católica) apoiava a opressão, o Vodou buscou o caminho da libertação. Os praticantes do Vodou não consideram o Vodou como único meio da salvação. Ele precisa sempre de um complemento. Eis a razão porque um diálogo é de extrema importância para o anúncio da boa notícia⁴⁵¹. Como disse Kasper⁴⁵², “o diálogo é um modo sério de aproximar-se conjuntamente da verdade sempre maior, mas também de deixar que as diferenças persistam e respeitar o outro em sua alteridade”.

A mensagem cristã pode ser uma boa nova no Haiti, na medida em que se trata da urgência de um novo anúncio do Evangelho. Os praticantes do Vodou precisam ouvir a resposta que Jesus traz para a sua busca de sentido, como também para as questões fundamentais de todo ser humano. Seu desejo de libertação para a participação, auto realização e salvação encontra seu significado na própria pessoa de Cristo. O haitiano Vodou reconhece em Jesus a sua libertação suprema descobrindo nele o que permite atingir a plenitude de seu desenvolvimento pessoal. O reconhecimento dos valores de verdade do Vodou não dispensa o anúncio do Evangelho, mas implica numa nova forma de Evangelização que rompe a rotina e onde o Cristianismo aceita ser interpelado e posto em questão. A fé cristã não atinge o mundo na medida em que o evangelizador não se deixa evangelizar⁴⁵³.

No Haiti há a exigência de uma Evangelização de proximidade, onde todos os missionários cristãos sintam o apelo de ir ao encontro de cada haitiano Vodou. A missão cristã deve olhar para o próprio Cristo, aquele que aceitou abaixar-se sob o peso do pecado do mundo. Para salvar o pobre precisa-se tornar pobre, experimentar o seu sofrimento e sentir a sua dor para poder libertá-lo. Assim, queremos dizer que, enquanto o Cristianismo se alimentar do medo perante os praticantes do Vodou e não assumir o Vodou, não poderá também o salvar. Toda tentativa de Evangelização no Haiti será em vão⁴⁵⁴. O próprio Cristo veio

⁴⁵⁰ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 361-362.

⁴⁵¹ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*. 1999, p. 362.

⁴⁵² KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*. 2012, p. 371.

⁴⁵³ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 363.

⁴⁵⁴ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 363.

chamar os pecadores e não os justos (Mt 9, 10-13). Tanto o protestantismo como o catolicismo não podem continuar excluindo os praticantes do Vodou da ordem da salvação e da graça. O essencial seria buscar compreender como a salvação e a graça se manifestam no Vodou. Mesmo que os praticantes do Vodou não sejam santos, também encontram a misericórdia e a graça divina. Como afirma a *Redemptoris Missio*⁴⁵⁵, a Igreja é sacramento da salvação, deve comunicar esta salvação ao mundo. O Evangelho, como boa notícia, não pode servir como alienação às culturas. Nesse sentido, a Igreja, atuando nas culturas, deve buscar expressões culturais aptas a servir como pistas para a fé e catalisação da conversão. Neste esforço de Inculturação, a Igreja no Haiti precisa estar atenta às questões postas pelo Vodou à fé cristã. Este é o caminho propício para o anúncio novo e eficaz do Evangelho para com os pobres⁴⁵⁶.

A missão cristã no Haiti, como sinal da Boa Nova, deve se basear na formação integral do povo. Pois toda a educação que tem como modelo a pessoa de Jesus é sinal de luz, de libertação e reveladora da verdade, uma vez que leva a compreender racionalmente os diferentes fenômenos ao redor da vida do ser humano. Uma boa educação pode ajudar o ser haitiano a compreender que não existe doença sobrenatural, que são de ordem natural. Educação, a nosso ver, é um dos elementos essenciais para a Inculturação do Evangelho.

No Haiti, a Igreja Católica precisa repensar a catequese com urgência. Infelizmente não existe um programa comum para a catequese. A catequese continua sendo espaço onde se ensina o Vodou como instrumento do diabo, enquanto que, quando os catequizandos estão doentes, os pais procuram os pais de santo. Por isso, o Vodou continua permanecendo na clandestinidade.

O que percebemos é que os praticantes do Vodou Haitiano aceitam o Evangelho, ou seja, aceitam a doutrina cristã na qual encontram os princípios morais e sociais, mas rejeitam a estrutura da sociedade cristã que os mantém na escravidão. Em outras palavras, os praticantes do Vodou não aceitam ser cristãos nos modelos estrangeiros, de uma maneira que aliena a sua cultura. Por isso, busca explicar concretamente os benfeitores das loas em sua vida. A questão da fé cristã em relação ao Vodou tem que se situar numa dialética de ruptura e de continuidade, ponto de passagem obrigatório de toda tentativa de discernimento. Este discernimento nos interroga sobre os frutos da educação do ser haitiano de modo integral. Uma nova forma de educação no Haiti é urgente, mas precisa-se romper com todo tipo de

⁴⁵⁵ RM, 20.

⁴⁵⁶ JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*, 1999, p. 364.

preconceito a respeito do Vodou. Não podemos desejar que todos pratiquem o Vodou, mas pelo menos formar para que respeitem os adeptos na prática da herança de seus ancestrais.

Os praticantes do Vodou precisam ser ouvidos de modo que possam expressar as razões que os levam a servir as loas. As loas servem como proteção de sua vida cotidiana. Para os praticantes do Vodou a intervenção das loas é intervenção de Deus em sua vida. As loas são sinais da presença de Deus. Acima de tudo, precisa-se adquirir um método educativo para ensinar aos praticantes do Vodou que toda salvação da humanidade encontra sua plenitude em Jesus, que Jesus é o único salvador do mundo. Antes mesmo que Vodou fosse vítima de opressão, o próprio Jesus já era vítima da opressão por estar ao lado dos pobres e não dos opressores. A pessoa de Jesus deve ser a luz que orienta o caminho dos praticantes do Vodou. Na mensagem de Jesus, os praticantes devem contemplar a plenitude de suas práticas cotidianas. A força da palavra de Deus deve servir como apoio de todo o agir humano.

A missão cristã é testemunho em favor do Reino. É necessário ter consciência de que o dinamismo evangelizador não se realiza num vácuo soteriológico, uma vez aprendemos que o Espírito Santo está presente e atua naqueles que escutam a boa notícia antes mesmo da presença do Missionário. “A história da salvação não se inicia com a chegada do agente evangelizador como se nos povos não evangelizados houvesse simplesmente ânsia da verdade de Deus, depois respondida pelo entusiasmo do missionário”⁴⁵⁷. A missão cristã consiste em levar o testemunho do Reino de Deus que tange para além de suas fronteiras. Esta centralidade do Reino deve provocar uma consciência que leva a dedicação total para estar a serviço do Reino e sua Justiça⁴⁵⁸.

⁴⁵⁷ TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*, 1995, p. 226.

⁴⁵⁸ TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*, 1995, p. 227.

CONCLUSÃO

Todo percurso requer a chegada. Por isso, depois de uma exposição em relação ao tema “o Vodou no processo de Inculturação do Evangelho na Sociedade Haitiana”, é necessário apontar as intuições finais. O tema foi apresentado em três momentos. Nesta conclusão, recapitularemos todo o percurso que já fizemos e depois exporemos as nossas constatações a respeito do tema, como também, a sua problemática.

No primeiro capítulo fizemos uma abordagem histórico-sócio-cultural e antropológica do Vodou haitiano. Apresentamos o significado do Vodou. Percebemos que falar do Vodou é falar da realidade do povo haitiano. A maneira de pensar, de agir e reagir, de viver e sobreviver, tudo está vinculado ao Vodou no Haiti. No plano histórico, a história do Vodou é uma chave de leitura para compreender a história desta atual nação. Conforme os dados históricos, os primeiros povos do Haiti não tinham o culto Vodou. O Vodou é culto posterior. Encontra sua origem no Haiti, mas só depois da chegada dos negros escravizados.

Não conseguimos determinar com clareza o significado do Vodou, pois encontramos muitas definições que foram manipuladas. São definições contextuais vestidas de preconceitos. Assim, consideramos como melhor recurso a escuta de seus adeptos. Ao invés de dizer o que significa o culto Vodou, apenas relatamos o que seus adeptos relatam, uma vez que ele é manifestação religiosa de toda uma coletividade. E assim falamos sobre o seu desenvolvimento no decorrer da história, sua abordagem sociológica, cultural e antropológica.

O Vodou, como religião de matriz africana, conseguiu se transfigurar no Haiti. É essa conclusão que desenvolvemos ao tratar da evolução e do nascimento do Vodou no Haiti. O Vodou é entendido como filosofia haitiana. É o termo interdisciplinar que engloba toda a realidade do povo haitiano. O desenvolvimento do Vodou no Haiti se deu na fuga *dans le maronnage* – dos negros que se revoltaram contra a ordem escravagista.

Quanto à abordagem social, relatamos que o Vodou é a religião dos oprimidos. Foi um sinal de autoproteção dos escravos e continua sendo o mesmo para os pobres. No plano social, o Vodou faz parte do “não dizer” nos discursos públicos da população, enquanto acompanha a realidade cotidiana do povo. Nesta abordagem social, chegamos a questão linguística e familiar. Foi o encontro das línguas africanas com as línguas europeias e americanas que produziu a língua crioula. Quanto à família, foi o encontro de várias famílias convivendo numa habitação denominado *lakou*, que fez emergir e conservar o culto Vodou

chamado de culto familiar. O encontro da família recebe o nome de *mutirão* familiar ou *kombit*. Por isso, apresentamos o sentido e o valor de *kombit* dentro da sociedade haitiana, compreendido como dimensão social e econômica do Vodou. Mostramos que ele é a forma de organização dos camponeses que visa superar o mundo capitalista.

Positivo ou negativo, o culto Vodou tem influência sobre a vida cotidiana de todo ser haitiano, independentemente de seu lugar ou da sua posição. Ele exerce uma missão salvífica no âmbito social. Quanto à abordagem cultural do Vodou, alertamos que o mesmo é poder de idealização do povo em geral. Engloba todo conhecimento do ser haitiano. É o modo de ser e existir de todo haitiano. Defendemos que o Vodou nasce como fundamento da cultura haitiana, pois faz parte da constituição do povo haitiano. É a memória e o folclore da cultura haitiana.

Na dimensão antropológica, defendemos que o Vodou é a religião do ser haitiano, pois é nesta religião que o povo faz sua experiência pessoal e comunitária. O pensamento do haitiano está influenciando pelo Vodou. Mostramos isso a partir da visão popular do haitiano em relação aos sacramentos da doutrina cristã. Também refletimos partindo da visão escatológica popular.

No primeiro capítulo trabalhamos ainda a confrontação entre o Vodou e o cristianismo. Contemplamos a situação da Igreja Católica a partir de 1804 e a história crucial do Vodou face ao cristianismo. Esta história trouxe, primeiro, a relação da Igreja Católica com o Vodou e, depois, a relação do protestantismo com o Vodou. No final, apontamos para as formas de resistência do Vodou face a situação que se encontra.

No segundo capítulo apresentamos o horizonte do encontro de Deus para a Inculturação do Evangelho. Este capítulo trata de um diálogo da teologia cristã com a realidade haitiana, de uma aproximação da teologia cristã à realidade haitiana, que é marcada pela cultura do Vodou. Esta aproximação nos permitiu encontrar algumas pistas possíveis para incluir o Vodou no processo da Inculturação do evangelho no Haiti.

Como horizonte do encontro de Deus para a Inculturação do Evangelho, aprofundamos o sincretismo, a revelação de Deus na bíblia, a compreensão de Deus em diversas culturas e a Inculturação na perspectiva da Evangelização. Neste capítulo discutimos o sincretismo como recepção do cristianismo no curso de diversos aspectos da história. Apontamos uma consciência crítica que revela o sincretismo como propriedade de todas as religiões, mas que sempre teve certa resistência quanto à sua aceitação na teologia. A tendência é sempre considerar o sincretismo como a permanência dos ritos pagãos, mas ao contrário, o termo revela um novo modo de conceber o ser cristão em diversas realidades.

No Haiti o sincretismo é visto como uma nova identidade do ser religioso haitiano. Por isso trabalhamos os diferentes aspectos do conceito de sincretismo, apesar de nossos limites nessa elaboração. A discussão que levantamos ajudou a compreender que o sincretismo tem influência em diversas disciplinas da ciência humana. E este termo faz parte do desenvolvimento humano de forma integral. O sincretismo pode conter orientações negativas como também pode conter orientações positivas. O problema da recusa do sincretismo revela limite para uma teologia inculturada e limite para a abertura ao outro. É por isso que abordamos o sincretismo como herança de todas as religiões e apresentamos como ele se dá entre o Vodou e o Cristianismo no Haiti, discutindo-o, inclusive, à luz da teologia.

O segundo capítulo também meditou sobre o movimento da revelação de Deus na Bíblia. Abordamos a revelação de Deus no Primeiro Testamento e no Novo Testamento. Discutimos o papel da fé no âmbito da cultura do Primeiro Testamento, depois apresentamos o movimento da revelação de Deus como movimento dialético da particularidade e da universalidade. A revelação de Deus se manifesta no curso da história em etapas específicas. No Novo Testamento isto aparece como sinal escatológico, onde contemplamos a pessoa de Jesus como plenitude da salvação da humanidade.

Seguido da revelação de Deus na Bíblia apontamos os assentamentos básicos para a Inculturação do Evangelho, enfatizando a encarnação como elemento central e básico para a Inculturação do Evangelho. A seguir buscamos compreender o universo dos espíritos nas culturas. Assim, apresentamos as divindades em diferentes culturas, como fruto da imaginação do ser humano. Fizemos um apontamento bíblico em relação a Deus. E, por fim, discorremos sobre a compreensão entre demônio, anjos e loas. O segundo capítulo apresentou também a compreensão do termo de Inculturação na perspectiva da Evangelização. Inculturação é o encontro da fé cristã com a cultura local. É um processo que envolve história e tempo e exige mútua acolhida.

O terceiro capítulo apresentou algumas pistas para a Inculturação do Evangelho no contexto do Vodou haitiano. O ponto de partida da Inculturação é o conhecimento e a identificação da cultura que se quer evangelizar. Assim, este capítulo propôs, à doutrina cristã, o diálogo com os valores do Vodou para a Inculturação do Evangelho no contexto haitiano.

Debruçamo-nos, então, sobre o tema da presente pesquisa, “o Vodou no processo de Inculturação do Evangelho na Sociedade haitiana”, considerando suas diferentes problemáticas: “Como o cristianismo pode ser boa nova na sociedade Haitiana estruturada e marcada pela cultura e religião do Vodou? Como seria possível, no Haiti, um processo de

Evangelização inculturada? Quais são os elementos comuns entre o Cristianismo e o Vodou? Quais são os caminhos que devem ser considerados como ponto de partida para a Inculturação do Evangelho na sociedade haitiana?”.

Nossas percepções foram de que o cristianismo pode ser boa nova na sociedade haitiana no momento em que tiver a coragem de contemplar, no Vodou, os valores humanos, a vocação filosófica e moral, os seus valores religiosos e reconhecer os traços comuns entre as outras religiões, como a percepção da divindade, a natureza dos símbolos, a função dos mitos e ritos.

Os praticantes do Vodou cultivam o sentimento de pertença ao catolicismo. Para os haitianos-Vodou não existe outra religião cristã que não seja o catolicismo, onde receberam o batismo. O culto Vodou é compreendido como continuação do culto do catolicismo. O Vodou é um sistema de força. É um lugar de encontro. É espaço de solidariedade e de sobrevivência. Traduz a necessidade de um grupo que busca sua libertação dentro de um contexto sócio religioso e político que o escraviza. E isso precisa ser entendido.

A experiência dos praticantes do Vodou revela como eles o necessitam para viver, esperar e existir. Sem o Vodou, os haitianos perderiam sua identidade e sua vida. O Vodou é um elemento de conforto perante as dificuldades cotidianas. Os haitianos-Vodou não rejeitam a mensagem cristã, mas buscam apenas o complemento dessa mensagem em sua tradição cultural. Assim, podemos dizer que o cristianismo precisa participar na escola do Vodou para poder aprender alguns valores fundamentais da vida humana haitiana. Isso é uma possibilidade para o processo de Evangelização inculturada. É uma maneira de receptividade do Cristianismo diante da cultura haitiana. Há uma exigência para todos os cristãos, sejam eles, padres, religiosos, pastores ou leigos: um estudo profundo do culto Vodou.

O Vodou é um culto que se une ao catolicismo. Por isso é conhecido como um culto sincrético. É a prática de uma religiosidade popular, mas não é uma religião como tal. Quando nasceu em nós o desejo de realizar a pesquisa, queríamos ver até que ponto o Vodou poderia ter autonomia, independência, quer dizer, funcionar sem esta busca pela mistura com o culto católico. Mas, no percurso que fizemos, a conclusão a que chegamos é de que não há possibilidade para isso. No Vodou há o comportamento religioso, mas o Vodou recusa o estatuto da religião no sentido estrito. O culto Vodou não é direcionado a um poder determinado. Os *Loas* não são deuses, apesar de conterem a percepção de uma realidade última.

Não podemos, entretanto, negar a compreensão de Price-Mars que salientamos no primeiro capítulo, defendendo o Vodou como uma religião. Ele mostrou que existe no Vodou

um corpo sacerdotal hierarquizado, um grupo de fieis, os templos, os altares, suas cerimônias e uma teologia. Concordamos que existe o sentido do sagrado no Vodou como em outras religiões, mas não responde ao critério de uma religião independente. Parece-nos um movimento dentro do cristianismo com uma corrente de teologia divergente e convergente em certo ponto.

Percebemos que o Vodou pode ser considerado como uma religião cósmica, mas não pode ser considerado como uma religião independente assim como é o Cristianismo, o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo e o Confucionismo. Cada uma dessas religiões possui uma personalidade profética como seu fundador, mas o Vodou não tem fundador. Ele surgiu na experiência de toda uma nação e tem como objetivo sustentar a sobrevivência de um grupo. O Vodou como uma religião cósmica não ultrapassa a realidade concreta da vida do ser humano. A maior preocupação do Vodou é ter uma atitude perante a fome, a doença, a miséria e a morte existencial de seus adeptos. Enquanto religião deve se preocupar sobre a significação eterna do destino de cada ser humano. A religião é um ato pelo qual o ser humano reconhece sua total dependência de Deus. Assim, o Vodou é uma religião local e particular, pois cultiva sua dependência a Deus e pratica certos valores religiosos. Podemos reconhecer o Vodou como uma religião cósmica e local, mas não como uma religião universal.

Alertamos, já no primeiro capítulo dessa pesquisa, que o Vodou engloba a totalidade da existência do ser haitiano. Nesse contexto, vimos que o Vodou é mais do que uma simples religião, o Vodou está além de uma religião. Então, é mais lúcido dizer que o Vodou reúne as características de uma religião. Mas falar do Vodou é uma questão interdisciplinar. Reconhecemos que o Vodou é organizado com práticas de rituais, mas tudo isso faz parte do processo, do conjunto das funções do Vodou. Trata-se de um programa de vida a ser realizado, é uma corrente filosófica do ser haitiano que contempla todas as esferas da sociedade haitiana. O Vodou inspira um comportamento religioso, mas seu objetivo vai além de uma simples religião.

Como haitiano, podemos dizer que o Vodou é uma filosofia prática que fornece uma visão do mundo e propõe uma estratégia para enfrentar os desafios da vida. É uma moral concreta, uma busca metafísica da religião, é uma espiritualidade criativa e prática com diversas dimensões, tais como já apontamos no primeiro capítulo.

Se considerarmos o Vodou como uma prática divergente da prática cristã, como esperamos que os adeptos do Vodou se tornem cristãos e conservem sua identidade cultural? O caminho é buscar o sincretismo ou sentir-se alienado? Como já dissemos, se o Vodou é uma

Filosofia-religiosa, uma cultura, uma espiritualidade aberta, uma busca perpétua da verdade, então não é um sistema fechado ou um estado definitivo.

Perante a nossa constatação, que inclui a nossa experiência do Vodou, podemos dizer que ele é capaz de enriquecer mutuamente a fé deixando de lado tanto o sincretismo como a alienação. Conversão não quer dizer negação da própria religião, mas é a acolhida dos valores da religião para uma promoção humana, a exemplo de Jesus. A religião de uma nação reflete sua descendência. Nunca será necessário negar a origem de cada nação para abraçar a fé cristã. Assim, queremos reafirmar que o ser haitiano é naturalmente um ser do Vodou. O Vodou é a cultura da nação haitiana. É o chão onde o povo pisa e faz experiência com Deus. Todas as outras religiões constituem-se um ramo do Vodou com práticas diferentes. Esta ideia é alimentada, sobretudo, pelos adeptos do Vodou. O povo haitiano-Vodou é também católico. Busca praticar tanto o culto Vodou como também o catolicismo. Há muitos que se declaram católicos ou protestantes, mas o são apenas numa prática externa. Seu interior é alimentado pelo culto Vodou. O haitiano vivencia o Vodou no fundo de seu ser.

O Vodou como tal não é sincretismo. O sincretismo no Vodou é apenas uma prática dos rituais em relação às certas praticas do cristianismo. O Vodou vai além de uma questão do sincretismo, é a parte integrante da herança de um grupo que traduz um sentimento religioso. A união do Vodou e do cristianismo não consiste em sincretismo, pois a missão do Vodou haitiano não é ser uma religião que fornece a maneira de viver ao cristianismo, mas um elemento cultural fundante no qual o cristianismo pode se enraizar e produzir frutos.

Se o Vodou é considerado como uma totalidade, então ele não é resultado de um sincretismo, pois não é, em primeiro lugar, uma religião. O Vodou é uma cultura, é um lugar de integração da religião, da filosofia, do direito, da moral e outras. O Vodou é uma maneira do ser humano-haitiano antes mesmo de ser um modo de ser religioso.

De fato, a Inculturação do evangelho no Haiti deve levar em consideração o Vodou em todas as suas dimensões. Assumir o Vodou como elemento básico para a Inculturação do Evangelho é simples e não quer dizer que precisamos praticar os rituais do Vodou. Ao contrário, exige uma conversão total perante todo tipo de preconceito em relação ao Vodou.

No processo de Inculturação do Evangelho no Haiti requer-se o respeito dos cristãos, que devem observar a verdade do Vodou e parar de interpretar o Vodou como contraditório à doutrina cristã. Não existe incompatibilidade entre a fé cristã e o Vodou. Existe preconceito.

Sabemos que a Inculturação do Evangelho na sociedade haitiana consiste em arriscar. A Evangelização no Haiti não deve ter como objetivo converter os praticantes do Vodou, mas

deve seguir a lógica da Encarnação do Filho de Deus, que salva sem negar a cultura. Aderir ao Evangelho é um ato livre. Deus é amor, e este amor deve ser ensinado a todo ser humano, deixando-lhe a liberdade de dizer sim ou não. A verdadeira Evangelização é aquela que é capaz de interferir em todas as realidades sem romper com os valores culturais. Caminhar com Jesus não é ato que impede de pensar diferente, não é um ato que rompe com a liberdade humana, não é um ato que exige a alienação da responsabilidade do ser humano, mas é busca constante para responder concretamente à sua proposta de construção do Reino do Pai.

A Encarnação de Jesus é o fundamento de toda Inculturação. O movimento da Inculturação permanece como um risco, pois não pode prejudicar a comunidade local receptiva da mensagem. Toda Evangelização deve ter como ponto de partida anunciar o Espírito de Jesus. De fato, a Evangelização inculturada requer o risco de:

- Respeitar a liberdade humana,
- Ter a certeza de que permanece fiel ao Espírito da mensagem de Jesus,
- Não se preocupar com o resultado no imediato,
- Ver a Inculturação no sentido do ser e não do fazer.

Estes elementos não são absolutos, mas levam em consideração a responsabilidade humana. Assim o grande desafio para evangelizar no Haiti é como buscar uma nova sociedade, uma nova civilização, onde as relações, as necessidades básicas do povo sejam satisfeitos e ao mesmo tempo os benefícios pertencem a todos? Como decifrar os valores comum entre o Vodou e Cristianismo face à uma verdadeira evangelização? Como eliminar da parte dos agentes pastorais a questão de ignorância e do preconceito referente ao Vodou?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSAIN, Jean Osner. Le phénomène de la mort et la mentalité paysanne. *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, Port-au-Prince: Antilles, sn., p. 13-24, 1980.

APARECIDA DA SILVA, Antonio. Comunidade negra: 500 anos de resistência. In: Org. ZWETSCH, Roberto. *500 anos de invasão, 500 anos de resistência*, p. 179-198. São Paulo: Paulinas, 1992.

APARECIDO DA SILVA, Antônio. Evangelização e Inculturação a partir da realidade afro brasileira. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Inculturação: desafios de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 95-119.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis: Vozes, 1983.

AUGUSTIN, Joseph. Anges et démons. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur !* Mont-Real/ Quebec: Tamboula, 1999. p. 59-93.

AUGUSTIN, Joseph. Le mental haïtien: Objetctif liberté. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* 1999, p. 117-261.

AUGUSTIN, Joseph. *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* Mont-Real/ Quebec: Tamboula, 1999.

AUGUSTIN, Joseph. Les Dieux. In: *Le vaudou libérateur: Et si le vaudou était une valeur!* Mont-Real/ Quebec: Tamboula, 1999. p.43-59.

AZEVEDO, Marcello. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé: A realidade das CEBs e sua tematização teórica, na perspectiva de uma Evangelização inculturada*. Fé e realidade. N. 91. São Paulo: Loyola, 1986.

AZEVEDO, Marcello. Inculturação. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 464-472.

AZEVEDO, Marcelo. Inculturation, dans le: *dictionnaire de théologie fondamentale, sous la direction de René latourelle et de René Fisichella*. Paris: Cerf, 1992, p. 612-624.

BACON, J. *Inculturação, concept sociothéologique: Essai de clarification et prospective*. Montréal, Université de Montréal, 1997.

BASTIDE, ROGER. *As religiões de matrizes africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das interpretações de civilizações*. São Paulo: Universidade, 1960.

BELLEGARDE, Dantès. *Histoire du peuple haïtien (1492-1952)*. Mont Réal: Bernard valiquette, 2004.

BELTRAMI, Arnaldo. *Comunicação, cultura e Evangelização*. In: SUESS, Paulo. *Cultura e Evangelização*. São Paulo: Loyola, 1991. Pp. 67-78.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BLOT, Jean Yves M. Quelques approches sur la culture haitienne. *Bulletin du Bureau d'Ethnologie*, Presse National d'Haïti, n.1, p. 13-53, 2005.

BLOT, Jean Yves. Le syncrétisme Catholique-Vodu. *Publication du Bureau National d'Ethnologie*, Port-Au-Prince, n.1et2, p. 11-42, 1998.

BOFF, Leonardo. Evangelizar a partir das culturas oprimidas. In: SUESS, Paulo. *Culturas e Evangelização*. São Paluo : Loyola, 1991. p. 127-172.

CARRIER, Hervé. Evangelização da cultura. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.303-307.

CARRIER, Hervé. *Evangile et cultures: de Léon XIII à Jean Paul II*. Cité du Vatican: Vaticana, 1987.

CARRIER, Hervé. Inculturação do Evangelho. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.472-475.

CARRIER, Hervé. Nova Evangelização. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.307- 310.

CLERISMÉ, Calixte. *Elements de sociologie*. Port-au-Prince: Média-presse, 2004.

CNBB. *Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais*. Subsídios Doutrinários, n.9.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (14/15: 1965: ROMA). *Declaração "Dignitatis Humanae" sobre a liberdade religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (14/15: 1965: Roma). *Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). *Constituição Pastoral Gaudium Et Spes*. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (7: 1965: ROMA). *Decreto "Ad Gentes" sobre a atividade missionária da igreja*. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (3:1979: Puebla). *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (4: 1992: SANTO DOMINGO). *Santo Domingo: nova Evangelização, cultura cristã e inculturação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB, 2007.

DENIS, Carl. *Pour comprendre*. Port-au-Prince : Henri Deschamps, 1997.

DEROSE, Rodolphe. *Caractere culture Vodou: formation et interpretation de l'individualité haïtienne*. Haiti: Port- au-Prince, 1955.

DESCARDES, Jean Rosier. La vengeance des loas. *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, Port-au-Prince: Antilles, sn., p. 131-148, 1980

DESCARDES, Jean Rosier. La vengeance des loas. *Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti*, Port-au-Prince: Antilles, sn., p. 131-148, 1980.

DORSAINVII, J.-C. *Manuel d'histoire D'Haïti*. PORT-AU-PRINCE: Procure des Frères de l'Instruction Chrétienne, 1934.

DOS SANTOS, Eduardo. *Sobre a religião dos quios*. Lisboa, 1962.

DUPUI, Jacques. Evangelização e Missão. In: LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 287-303.

FARRIS, James Reaves. Ação pastoral e mágica: Evangelho e a cultura a luz do secretismo. In: SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 141-154.

FILS-AIMÉ, Jean. *Vaudou, je me souviens [essais]*. Mont-Real/Quebec: Data, 2003.

FLAURENT, François. *Le Vaudou em Haïti: La magie d'un culte bafoué par l'histoire*. Bruxelles, 2004.

FONTUS, Fritz. *Les églises protestantes en Haïti: communication et inculturation*. Paris: L'harmattan, 2001.

FOUCHARD, Jean. *Les marrons du syllabaire. Quelques aspects du problèmes de l'introduction et de l'education des esclaves et affranchis à Saint-Domingue*:Préface du Dr Jean Price-Mars. Port-au-Prince: Henri des Champs, 1953.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho*. Brasília: CNBB, 2013.

FRANÇOIS, Kawas. *Vaudou et Catholicisme en Haïti à l'aube du XXI siècle: Des repères pour une dialogue*. Port-au-Prince: Henri Deschamps, 2011.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.1. Petrópolis: Vozes, , 1983.

- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, V.2. São Leopoldo: Sinodal, 1976.
- GUILLOUX Jean-Marie Alexi. *Le concorda*. Port-au-Prince, 1867.
- HURBON, Laënnec. *Comprendre Haïti*. Essai sur l'État, la nation, la culture. Paris:Karthala, 1987.
- HURBON, Laënnec. *Le culte du vaudou: Histoire – Pensée*. Paris : Buchet/Chastel, 1975.
- HURBON, Laënnec. *O Deus da resistência negra: O Vodou Haitiano*. São Paulo: Paulinas, 1973.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- JOINT, Gasner. *Libération du vaudou dans la dynamique de l'inculturation en Haïti*. Roma: Propaganda Fide, 1999.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade e Missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- KERBOUL, Jean. *Le Vaudou: Magie ou religion?* Paris: Robert Lafont, 1973.
- KNITTER, Paul. *La théologie des religions à la croisée des chemins*. In : Concilium. Paris: Beauchesme, 1986. Num. 203. p. 129-137.
- LATOURELLE, René. *Teologia da revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972.
- LATOURELLE, René; FISHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti, tome I*. Porto-au-Prince: Fardin, 1981.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica. In: SATHIER-ROSA, Ronaldo. *Cultura e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999. Pp. 107-125.
- MÉTRAUX, Alfred. *Le Vaudou haïtien*. Paris: Gallimard, 1958.
- MILES, Jack. *Deus: Uma biografia*. São Paulo: Companhia de Letras, 1997.
- NERESTANT, Marcila. *Religion et politique en Haïti 1804-1990*. Paris: Karthala, 1994.
- NEVES, Márcia Cristiana. *Do Vodou a Macumba*. São Paulo:Tríade, 1991.
- NIEBUHR, Richard. *Cristo e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- OFPRA. *Le Vodou: Pratique, langage, structure oculte, instruments de menace, persecutions et rites*. Haïti, 17 Janvier 2017. Disponível em: https://ofpra.gouv.fr/sites/default/files/atoms/files/1701_hti_vodou.pdf. Acesso em 15/07/2017.

- PAULO VI: Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1995
- PEELMAN, A. *L'inculturation. L'Église et les cultures: L'horizon du croyant*. Paris-Ottawa: Desclée-Novalis, 1989.
- PHILOMÉ, Bellard. *Les expéditions*. Cahier de Folklore et des Traditions orales d'Haïti. Port-au-Prince: Antilles, p. 63-82, 1980.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethnographie*. France: Compiègne, 1928.
- RIGAUD, Milo. *La tradition Voodoo et le Voodoo Haïtien: Son Temples, ses mystères, Sa magie*. Paris: Nicolau: 1953.
- SAINT-AMAND, M. *Histoire des Révolutions d'Haïti, Tome Premier*. Paris : Dentu, Libraire-Editeur, 1960.
- SAINT-LOUIS, Fridolen. *Le Vaudou haïtien reflet d'une société bloquée*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana da salvação: Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- SOLIDARITÉ LAÏQUE. *Haïti: Histoire*. Février, 2010. Disponível em “http://www.globe-reporters.org/IMG/pdf/haiti_precis_histoire.pdf”. Acesso em 20/08/2018.
- SOUFFRANT, Claude. *Sociologie, prospective d'Haïti. Essai*. Montréal: les Editions du CIDIHCA, 1995.
- SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995.
- TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã: Diálogo interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br